

UNIVERSIDADE SÃO FRANCISCO
Curso de Pós Graduação *Stricto Sensu* em Educação

AMÁLIA FONTE BASSO

**MEMÓRIAS E HISTÓRIAS DE PADRE ALDO BOLLINI:
OLHARES E INICIATIVAS EDUCACIONAIS EM
BRAGANÇA PAULISTA (1948 – 1964)**

Itatiba
2016

AMÁLIA FONTE BASSO - RA: 002201401015

**MEMÓRIAS E HISTÓRIAS DE PADRE ALDO BOLLINI:
OLHARES E INICIATIVAS EDUCACIONAIS EM
BRAGANÇA PAULISTA (1948 – 1964)**

Dissertação apresentada ao Programa de Pós Graduação *Stricto Sensu* em Educação da Universidade São Francisco como requisito parcial para a obtenção do título de Mestre em Educação.

Orientadora: Dra. Maria de Fátima Guimarães.

Itatiba

2016

37.009.81 Basso, Amália Fonte.
B323m Memórias e Histórias de padre Aldo Bollini: Olhares e iniciativas educacionais em Bragança Paulista (1948-1964) / Amália Fonte Basso. -- Itatiba, 2016.
177 p.

Dissertação (Mestrado) – Programa de Pós-Graduação *Stricto Sensu* em Educação da Universidade São Francisco.
Orientação de: Maria de Fátima Guimarães.

1. Educação e Igreja Católica. 2. Bragança Paulista.
3. Padre Aldo Bollini. 4. Memórias e histórias. 5.
Educação. I. Guimarães, Maria de Fátima. II. Título.

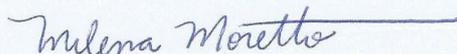
Ficha catalográfica elaborada pelas bibliotecárias do Setor de
Processamento Técnico da Universidade São Francisco.

UNIVERSIDADE SÃO FRANCISCO
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO STRICTO SENSU
EM EDUCAÇÃO

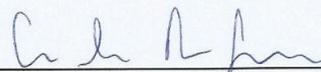
Amália Fonte Basso Defendeu a dissertação "MÉMOIAS E HISTÓRIAS DE PADRE ALDO BOLLINI: OLHARES E INICIATIVAS EDUCACIONAIS EM BRAGANÇA PAULISTA (1948-1964)" aprovada no Programa de Pós Graduação *Stricto Sensu* em Educação da Universidade São Francisco em 25 de fevereiro de 2016 pela Banca Examinadora constituída pelos professores:



Profa. Dra. Maria de Fátima Guimarães
Orientadora e Presidente



Profa. Dra. Milena Moretto
Examinadora



Prof. Dr. Arnaldo Pinto Junior
Examinador

AGRADECIMENTOS

Muitas foram as dificuldades para a realização desse trabalho, mas foram muitas também, as pessoas que o tornaram possível.

Agradeço a Deus, que torna possível todas as coisas.

Agradeço a minha família: Meus pais Rosa e Valentim, por sempre me incentivar, apoiar e me fazer acreditar. Ao meu marido pelo apoio incondicional e pela paciência. À minha irmã Alice pelo otimismo e apoio. À minha sogra Maria e a meu sogro Edmundo pelo incentivo.

Agradeço a professora Maria de Fátima Guimarães, minha cara orientadora, por suas sábias palavras e recomendações, pela paciência e pelo apoio. E à professora Paula Leonardi por me fazer acreditar nesse trabalho e pelas contribuições no início da pesquisa.

Agradeço aos professores Arnaldo Pinto Jr., Luzia Bueno e Milena Moretto pelas contribuições na banca de qualificação.

À minha amiga Letícia Mazochi pelo apoio e amizade. E ao pessoal do CDAPH, pela solicitude e pelo carinho.

Agradeço aos colegas com quem compartilhei leituras e experiências durante as disciplinas e atividades acadêmicas.

Agradeço à CAPES pelo apoio financeiro.

Agradeço de coração aos colegas de trabalho da EMEB Duílio Maziero, sobretudo minha diretora Rosana e às coordenadoras Maria Aceli e Adriana por compreenderem as minhas dificuldades e me apoiarem nessa luta.

Agradeço ao Márcio e à Sociedade Itálo-brasileira (SIB). Ao padre Gianluigi Bollini por tudo. Ao Luís Palombello pelas fotografias e por valorizar a história da nossa cidade.

Agradeço, por fim, a todos bragantinos que se mostraram solícitos em oferecer informações e fontes. E a todos os que, de alguma forma, contribuíram para a realização dessa pesquisa.

Muitos são os planos no coração do homem, cumpre-se,
porém, o desígnio do Senhor. (Provérbios 19:21)

FONTE BASSO, Amália. Memórias e Histórias de padre Aldo Bollini: Olhares e iniciativas educacionais em Bragança Paulista (1948 – 1964) Dissertação (Mestrado em Educação) Programa de Pós-Graduação *Stricto Sensu* em Educação. Itatiba – SP. Universidade São Francisco. 2015. 177 p.

RESUMO

A pesquisa privilegia a temática da história da educação brasileira e Igreja Católica na relação com a cidade e suas memórias. Apoiando-se nas concepções de autores como Ginzburg, De Certeau, Le Goff, desenvolveu-se a partir da leitura dos periódicos: jornal mensal *Garotos* (1950 a 1984) e o jornal diocesano *A Voz de Bragança* (1949 - --), criados por padre Aldo Bollini, na paróquia Santa Terezinha, de Bragança Paulista, e dos periódicos de ampla circulação nesta cidade: *Bragança-Jornal*, *Cidade de Bragança e Tribuna Bragantina* em diálogo com outras fontes como arquivos pessoais, fotografias e impressos de memorialistas locais e religiosos, na relação com o cenário da época. Padre Aldo Bollini foi um missionário italiano do Pontifício Instituto das Missões Exteriores – PIME que atuou em Bragança Paulista de 1948 até sua morte em 1983 e promoveu iniciativas pela educação e cultura que divergem opiniões até os dias atuais. Fundou dois jornais católicos, construiu a primeira paróquia do PIME no Brasil, fundou o Grupo Escolar Coronel Francisco de Assis Gonçalves, intermediou a construção da primeira unidade do SESI em Bragança, criou um cinema, um teatro e um time de futebol, entre outras iniciativas. Promoveu campanhas anticomunistas e pela erradicação do analfabetismo, dirigindo o Movimento Social Católico, em que orientava os cidadãos para o que chamava de “boa política”. A pesquisa teve como objetivos mais amplos identificar e compreender alguns aspectos da trajetória do padre Aldo Bollini nos anos de 1948 a 1964 a fim de analisar e compreender suas iniciativas voltadas à educação, em seu sentido mais amplo para além do âmbito escolar. Com o objetivo específico de identificar ideias que ancoravam sua atuação. Como resultados, identificamos que o padre fazia alianças com industriais, comerciantes e políticos e obtinha vantagens e recursos para a manutenção de suas obras sociais por meio delas. Foi algumas vezes homenageado e em outras, criticado pelos periódicos locais e a partir de 1950 começa a perder visibilidade nesses periódicos e seu nome como redator de *A Voz de Bragança* é retirado do jornal em 1953, quando o bispo diocesano assume determinadas orientações políticas.

Palavras-chave: Educação e Igreja Católica, Bragança Paulista, padre Aldo Bollini.

FONTE BASSO, Amalia. Memories and Stories Priest Aldo Bolini: Looks and educational initiatives in Braganca Paulista (1948 - 1964) Master (Master of Education) Graduate Program Stricto Sensu in Education. Itatiba - SP. São Francisco University. 2015. 177 p.

ABSTRACT

The research focuses on the theme of the history of Brazilian education and the Catholic Church in relation to the city and its memories. Building on the ideas of authors like Ginzburg, De Certeau, Le Goff, developed from reading the journals: monthly journal Garotos (1950-1984) and the diocesan newspaper A Voz de Bragança (1949 - -), created by priest Aldo Bollini in the parish Santa Terezinha in Bragança Paulista, and journals of wide circulation in this city: Bragança Jornal, Cidade de Bragança and Tribuna Bragantina in dialogue with other sources such as personal files, photos and printed and religious sites memorialists in relation to the setting of the time. Aldo Bollini was an Italian missionary of the Pontifical Institute for Foreign Missions - PIME who starred in Braganca Paulista from 1948 until his death in 1983 and promoted initiatives for education and culture that are different opinions to the present day. He founded two Catholic newspapers, built the first parish of PIME in Brazil, founded the School Group Coronel Francisco de Assis Gonçalves, mediate the construction of the first unit of SESI in Bragança, he created a cinema, a theater and a football team, among other initiatives. Promoted anticommunist and the eradication of illiteracy campaigns, addressing the Catholic Social Movement, which directed the citizens to what he called "good policy". The research was broader objectives to identify and understand some aspects of the trajectory of Aldo Bollini in the years 1948-1964 in order to analyze and understand their initiatives aimed at education in its broadest sense beyond the school setting. With the specific objective of identifying ideas that anchored his performance. As a result, we identified that the priest made alliances with industry, commerce and political and obtained advantages and resources to maintain their social works through them. It was sometimes honored and others, criticized by local newspapers and from the 1950 begins to lose visibility in these journals and his name as editor of A Voz de Bragança is taken from the newspaper in 1953, when the diocesan bishop takes certain policy guidelines.

Keywords: Education and the Catholic Church, Bragança Paulista, priest Aldo Bollini.

LISTA DE IMAGENS

Figura 1: Fotografia da fundação de <i>A Voz de Bragança</i>	29
Figura 2: Fotografia de padre Aldo Bollini.....	33
Figura 3: Imagem digitalizada da lembrança da missa de despedida de padre Aldo Bollini.....	37
Figura 4: Fotografia dos missionários a bordo do Cuyabá.....	38
Figura 5: Fotografia de padre Aldo Bollini.....	40
Figura 6: Fotografia de padre Aldo Bollini na janela da casa paroquial.....	42
Figura 7: Fotografia de padre Aldo Bollini em meio às construções.....	44
Figura 8: Jornal <i>Garotos</i> , maio de 1963.....	54
Figura 9: Jornal <i>Garotos</i> , coluna Nosso Grupo, maio de 1953.....	60
Figura 10: Jornal <i>A Voz de Bragança</i> , fevereiro de 1950.....	71
Figura 11: Recorte do jornal <i>A Voz de Bragança</i> “Vila Municipal”.....	72
Figura 12: Planta da Cidade de Bragança Paulista.....	74
Figura 13: Aerofotogramétrica da região norte da cidade de Bragança.....	76
Figura 14: Vista da fábrica Santa Basilissa.....	77
Figura 15: Imagem do Google maps da cidade de Bragança Paulista.....	78
Figura 16: Recorte do jornal <i>Garotos</i> “Apresentação”.....	84
Figura 17: Jornal <i>Garotos</i> , março de 1953.....	85
Figura 18: Recorte do jornal <i>Garotos</i> “Álbum de ouro”.....	88
Figura 19: Recorte do jornal <i>Garotos</i> “Benfeitores! Muito obrigado”.....	89
Figura 20: Recorte do jornal <i>Garotos</i> “Feliz aniversário”.....	91

Figura 21: Recorte do jornal <i>Garotos</i> “Escandalos”.....	94
Figura 22: Jornal <i>Vida Católica</i>	97
Figura 23: Recorte do jornal <i>Vida Católica</i> “Movimento Social Católico”.....	99
Figura 24: Jornal <i>A Voz de Bragança</i> , julho de 1949.....	104
Figura 25: Jornal <i>A Voz de Bragança</i> , Setembro de 1949.....	108
Figura 26: Recorte do jornal <i>Bragança-Jornal</i> “Protesto”.....	110
Figura 27: Recorte do jornal <i>Bragança-Jornal</i> “Uma ideia oportuna”.....	111
Figura 28: Recorte do jornal <i>Bragança-Jornal</i> “Homenagem ao padre Aldo Bollini”.....	112
Figura 29: Página do jornal <i>Cidade de Bragança</i> , 2 de novembro de 1949.....	115
Figura 30: Jornal <i>Cidade de Bragança</i> , 27 de março de 1949.....	117
Figura 31: Jornal <i>Cidade de Bragança</i> , 01 de maio de 1952.....	120
Figura 32: Jornal <i>Tribuna Bragantina</i> , 15 de maio de 1964.....	122
Figura 33: Jornal <i>Tribuna Bragantina</i> , 22 de maio de 1964.....	123
Figura 34: Recorte do Jornal <i>Tribuna Bragantina</i> , “padre Aldo”.....	124
Figura 35: Recorte do jornal <i>Bragança-Jornal</i> “Regresso do Pe. Aldo Bollini”.	125
Figura 36: Recorte do jornal <i>Bragança-Jornal</i> “Apoteótica e consagradora recepção ao Revmo. padre Aldo Bollini”.....	126
Figura 37: Jornal <i>A Voz de Bragança</i> , 29 de abril de 1950.....	133
Figura 38: Recorte do jornal <i>Bragança-Jornal</i> “Getúlio Vargas perante a Igreja”.....	136
Figura 39: Recorte do jornal <i>Bragança-Jornal</i> “Aos Católicos”.....	139
Figura 40: Recorte do jornal <i>Bragança-Jornal</i> “As eleições do dia 3”.....	140
Figura 41: Fotografia “Alimentos para a paz”.....	141
Figura 42: Recorte do jornal <i>Bragança-Jornal</i> “Aliança Brasileira para o	142

progresso propõe agir imediatamente.”	
Figura 43: Jornal <i>A Voz de Bragança</i> , 5 de maio de 1951.....	144
Figura 44: Recorte do jornal <i>A Voz de Bragança</i> “ O M.S.C. não faz política partidária”	145
Figura 45: Recorte do jornal <i>A Voz de Bragança</i> “ O M.S.C. alista os católicos para orientá-los na boa política.”.....	145
Figura 46: Jornal <i>A Voz de Bragança</i> , 20 de outubro de 1951.....	147
Figura 47: Jornal <i>A Voz de Bragança</i> , 17 de maio de 1952.....	148
Figura 48: Jornal <i>A Voz de Bragança</i> , 16 de janeiro de 1954.....	150
Figura 49: Jornal <i>A Voz de Bragança</i> , 30 de janeiro de 1954.....	153
Figura 50: Jornal <i>A Voz de Bragança</i> , 17 de setembro de 1955.....	155
Figura 51: Jornal <i>A Voz de Bragança</i> , 17 de setembro de 1955.....	156
Figura 52: Jornal <i>A Voz de Bragança</i> , 28 de novembro de 1956.....	157
Figura 53: Recorte do jornal <i>Bragança-Jornal</i> “Confundir integralismos com fascismo ou nazismo é ignorância ou má fé.”.....	161
Figura 54: Fotografia da visita de Plínio Salgado a Bragança Paulista.....	164

LISTA DE ABREVIATURAS E SIGLAS

AIB – Ação Integralista Brasileira
ANL – Aliança Nacional Libertadora
CDAPH – Centro de Documentação e Apoio a Pesquisa em História
CEBs – Comunidades Eclesiais de Base
CNBB – Conferência Nacional dos Bispos do Brasil
DNC – Departamento Nacional do Café
DIP – Departamento de Imprensa e Propaganda
FMI - Fundo Monetário Internacional
JOC – Juventude Operária Católica
JUC – Juventude Universitária Católica
IEST – Instituto Educacional Santa Terezinha
LSN – Lei de Segurança Nacional
MEB – Movimento de Educação de Base
MEC – Ministério de Educação e Cultura
MOBRAL - Movimento Brasileiro de Alfabetização
MSC – Movimento Social Católico
ONGs – Organizações Não – Governamentais
PCB - Partido Comunista do Brasil
PIME – Pontifício Instituto das Missões Exteriores
PSD - Partido Social Democrático
PTB - Partido Trabalhista Brasileiro
SENAI – Serviço Nacional de Aprendizagem Industrial
SESI – Serviço Social da Indústria
UDN – União Democrática Nacional
UNE – União Nacional dos Estudantes
USP – Universidade de São Paulo
USAID - Agency for International Development

SUMÁRIO

PARA COMEÇAR	14
INTRODUÇÃO	18
O fazer historiográfico, a implicação de uma concepção de história.....	22
Do tratamento metodológico, no rastro dos indícios.....	25
Crítica do documento pelo historiador.....	27
CAPÍTULO 1: PADRE ALDO BOLLINI, ALGUNS DADOS BIOGRÁFICOS	31
1.1 PIME: Da memória espetáculo à memória exemplar.....	31
1.2 “Aonde chegava logo construía a escola: antes a escola e depois a igreja”.....	49
1.3 Bragança Paulista e os padres do PIME.....	67
CAPÍTULO 2: ENTRE HOMENAGENS E CRÍTICAS, O PADRE DA SANTA TEREZINHA.....	81
2.1 <i>Garotos</i> : “Formar os homens de amanhã”.....	81
2.2 <i>Vida Católica</i> e <i>A Voz de Bragança</i>	96
2.3 Da redenção da classe operária ao silêncio: <i>Jornal A Voz de Bragança</i>	102
2.4 <i>Bragança-Jornal</i> : “uma ideia oportuna”	109
2.5 <i>Cidade de Bragança</i> : “Caro padre Aldo Bollini, perdoe-me pelas verdades...”.....	113
2.6 <i>Tribuna Bragantina</i> : “A quem mais possa interessar, além do padre Aldo”.....	121
CAPÍTULO 3: VISÕES DE MUNDO, POSIÇÕES POLÍTICAS E A DIOCESE DE BRAGANÇA.	128
3.1 “Bragança Paulista votou serenamente”.....	143
3.2 Entre algumas visões de mundo, um padre e uma diocese.....	158
CONSIDERAÇÕES FINAIS	166
FONTES	169
REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS	171

Para começar...

Não nasci em Bragança Paulista. Eu e minha família nos mudamos para Bragança em 1998, quando eu tinha 10 anos e lembro-me de que o primeiro lugar que conheci nessa cidade foi a igreja Santa Terezinha. Não me recordo ao certo como foi. Mas era um dia de eleições. Achei o templo incrível, apesar da quantidade de “santinhos” de políticos espalhados pelo chão. Mas, naquele momento, jamais pude imaginar que um dia, iria me interessar pela sua história, e que “essa igreja” já tinha se envolvido com política, muito mais além do que aqueles “santinhos” pelo chão.

Anos mais tarde, quando iniciei meu primeiro emprego, continuei, de certa forma, próxima dessa Igreja. Comecei a trabalhar em uma pequena ferramentaria na Rua João Franco, a “Orion”, como se o destino tivesse mesmo me “empurrado” para essa região da cidade. Todas as manhãs, meu trajeto para o trabalho, exigia que eu tomasse dois ônibus. Um da minha casa até o centro, e outro, do centro até meu local de trabalho. Logo aprendi que haviam duas opções de itinerário de ônibus que me levariam para meu destino: um chamava-se “Jardim Iguatemi” e o outro “padre Aldo Bollini”, que às vezes, vinha apenas como “Pe. Bollini” ou “Pe. Aldo”.

A Orion Ferramentaria se localiza quase no final da rua João Franco, na parte de cima do morro. Quem conhece Bragança Paulista, sabe que essa rua é, na verdade, uma ladeira bastante íngreme, de onde se pode ver boa parte da cidade. Para quem retorna ao centro, descendo por ela, a primeira paisagem que se avista é o Bairro Santa Terezinha, que fica, também, em um monte, paralelo.

Todas as tardes, após o expediente, eu descia essa rua para tomar o ônibus de volta para casa, no Bairro Lavapés, mais próximo ao centro. Caminhava tranquilamente porque como meu ônibus tinha poucos horários, demoraria a passar. Com isso, ia admirando a paisagem urbana. Uma das vistas que mais me chamavam a atenção era a igreja de Santa Terezinha, no Bairro Santa Terezinha, que fica bem à frente dos olhos de quem desce aquela rua. Era uma construção muito elegante, de arquitetura bem tradicional, em outro aclave, com uma longa escadaria de acesso, denotando certa grandeza. Como me sobrava tempo, algumas vezes, ia visitá-la antes de ir embora, como que convidada pelo fascínio que ela me causava.

Em uma tarde de inverno, não me lembro se era junho ou julho de 2005, saí um pouco mais cansada e desmotivada do que o normal. Sentia como que um tédio, um desânimo ao pensar que estava tão frio, e eu levaria horas para chegar em casa. E a sensação piorava quando eu lembrava que todos os outros dias seriam assim. No fundo, eu não queria pensar naquilo. Estava tão feliz por ter um emprego que eu gostava, que não queria que um pensamento assim pudesse me desmotivar. Mas eu tinha que admitir, para mim mesma, que eu queria mais da vida, ou que, pelo menos, as coisas fossem mais fáceis. Mas como? Cabisbaixa, tentando afastar esses pensamentos, comecei a evocar aquelas frases que sempre ouvia e que serviam para trazer alguma esperança: “Tudo vai dar certo”, “as coisas sempre melhoram”, “para Deus tudo é possível”. Resolvi respirar fundo e levantar a cabeça.

Quando levantei a cabeça, vi no monte à minha frente a igreja de Santa Terezinha. Já estava escuro, mas eu percebi, mesmo de longe, que a porta estava aberta e uma pequena luz branca e brilhante se acendia lá dentro. “Vai ter alguma celebração” – pensei. Contudo, a luz começou a ficar mais brilhante, e um contorno circular ia delimitando-a como se fosse uma lua cheia dentro da igreja. “Estão testando alguma luminária nova” – pensei novamente. Comecei a ficar curiosa e tive uma ideia. Já que o ônibus ainda ia demorar, eu resolvi ir lá. Se houvesse missa, eu aproveitaria para participar dela, senão, já me bastaria me esconder do frio.

Não sei como cheguei, ao mesmo tempo, tão rápido e tão tranquilamente. Subi as escadas com uma facilidade que não sei explicar. Porém, quando entrei, não vi nada além do que sempre via: o templo vazio, iluminado apenas por uma tímida luz no altar, mas senti um calor e um aconchego que nunca sentira ali antes. Senti-me tão bem que não tinha vontade de sair dali.

Até hoje não sei o que era aquela “lua” lá dentro. Mas nesse dia estava tão à vontade que, explorei um pouco mais os espaços e descobri que havia um túmulo, aos pés do altar de Nossa Senhora de Fátima, de um padre chamado Aldo Bollini, por quem, eram deixadas flores.

Convivendo com algumas pessoas católicas mais antigas da cidade, já ouvira muito falar dele. Diziam-me: Foi um sábio, foi um grande construtor, um grande catequista etc. Perguntava-me: “Construtor de quê”? “Por que foi considerado um “grande” catequista”? O que tinha feito ele de tão grandioso? O que isso tudo tinha a ver com a igreja Santa Terezinha?

Passei, aproximadamente, 2 anos fazendo o mesmo trajeto todos os dias. Tive, depois, outros empregos, longe dali. Passei mais algumas vezes pela igreja e ouvi mais algumas coisas sobre padre Aldo, mas as questões continuaram as mesmas. O tempo passou e essa curiosidade adormeceu dentro de mim.

Anos mais tarde, já concluindo o curso de Pedagogia e procurando fontes para a pesquisa de conclusão de curso, decidi pela área de História da Educação. Conheci a professora Paula Leonardi, que foi a minha orientadora de TCC e quem, também, me convidou para a Iniciação Científica.

Sob sua orientação, fui ao Centro de Documentação e Apoio à Pesquisa em História - CDAPH e entre as tantas fontes que me foram apresentadas, uma me chamou mais a atenção. Duas pastas de jornais católicos, da mesma coleção, com o primeiro número datado de março de 1953, chamado: “Garotos” Jornal Mensal das Obras sociais de São José e Santa Terezinha – Responsável: Padre Aldo Bollini. Foi assim, que essa história começou [ou continuou]. Não tive dúvidas, “abraçei a causa”. Gostei tanto do trabalho que decidi me matricular no programa de Pós Graduação *Stricto Sensu* em Educação a fim de me aprofundar no tema, sob orientação inicial da professora Paula Leonardi e, após sua saída, da professora Maria de Fátima Guimarães.

Os resultados das análises das pesquisas de iniciação científica e de conclusão de curso sinalizaram importantes relações entre esse padre e diferentes segmentos da sociedade (industriais, grandes comerciantes, fazendeiros, pequenos agricultores, operários, professores, entre outros) e com representantes do poder público local e estadual e da Diocese de Bragança Paulista. Isso lhe possibilitou envolver-se em algumas iniciativas educacionais, como, por exemplo, a criação do grupo escolar Coronel Francisco Assis Gonçalves (1952).

Identificamos, também, que essas relações imbricavam-se com as ideias e discussões postas em circulação por meio do periódico *Garotos*. Essas análises indicaram novas possibilidades de pesquisa uma vez que evidenciaram outra fonte até então não explorada: o jornal local *A Voz de Bragança* (1949 – 19--) coordenado pelo mesmo padre, voltado à um público leitor mais elitizado do que aquele a que se destinava o *Garotos*. Percebemos com isso, indícios de relações que ainda não haviam sido exploradas entre o padre Aldo, a Igreja e as lideranças locais.

Durante a Iniciação Científica, fomos percebendo que padre Aldo Bollini era um sujeito contraditório e bastante interessante. Integrou-se à sociedade bragantina, de tal modo, que é lembrado, até os dias atuais, por interferir em decisões políticas e pela sua proposta moralizadora que buscou, na educação dos jovens e das famílias, a solução para aquilo que ele chamava de problemas sociais: o comunismo e o analfabetismo. Percebemos que seu maior instrumento para isso eram os periódicos *Garotos* e *A Voz de Bragança*. Mas ele também se utilizava de outros meios para educar, como a catequese, as procissões, missas, teatros, esporte e, claro, as escolas. Buscava meios para a construção delas vinculando, de algum modo, as atividades das escolas às atividades religiosas da sua paróquia. Assim, fomos percebendo que o que tínhamos começado a estudar era somente “a ponta do iceberg”.

INTRODUÇÃO

A pesquisa privilegia a temática da história da educação brasileira e Igreja Católica na relação com a cidade e suas memórias. Essa pesquisa explora e aprofunda as questões levantadas durante os trabalhos de iniciação científica e de conclusão de curso, realizada a partir da análise do jornal mensal *Garotos* (1950 a 1984), criado por padre Aldo Bollini, na paróquia Santa Terezinha, no tradicional bairro do Matadouro, em Bragança Paulista.

Padre Aldo Bollini nasceu em 16 de junho de 1915, em Olgiate Comasco, província de Como, na Itália e faleceu em 4 de dezembro de 1983, em Bragança Paulista. Foi um missionário do PIME (Pontifício Instituto das Missões Exteriores) que atuou durante os anos de 1948 a 1983 em Bragança Paulista. Ele fundou a primeira paróquia do PIME no Brasil, a paróquia de São José e Santa Terezinha¹. O PIME é uma instituição católica fundada em 1850 por um grupo de bispos italianos da região da Lombardia, tendo como finalidade preparar religiosos e leigos para as missões além-fronteiras.

As iniciativas desse missionário na cidade, dividem opiniões até dias atuais. De modo que para algumas pessoas que o conheceram, sua atuação como missionário não foi satisfatória, considerando-o como um religioso extremamente conservador, inflexível em suas ideias e com padrões morais rígidos. Para estes, padre Aldo abusava de sua posição de autoridade religiosa para construir o que desejava, exigindo de comerciantes produtos com altos descontos e doações para suas construções na paróquia, ou para uso das crianças no Grupo escolar Coronel Francisco de Assis Gonçalves. De outro ângulo, outros contemporâneos do padre o lembram como um grande missionário, que mesmo conhecendo pouco o idioma português e os costumes locais, esforçou-se por inserir-se na cidade, promovendo mudanças que trouxeram o desenvolvimento de alguns bairros de Bragança, naquele tempo, consideradas mais populares e afastadas do centro de Bragança Paulista. Para essas pessoas, padre Aldo Bollini foi um exemplo político e religioso, despojado de si mesmo, que lutou pelos interesses dos menos favorecidos, cujas benfeitorias consideram de incalculável valor para a população bragantina. Quanto a nós, não temos a intenção de julgar

¹ Embora tenha recebido o nome dos dois santos, a Paróquia São José e Santa Terezinha, ficou popularmente conhecida na cidade por Paróquia de Santa Terezinha. Talvez isso tenha se dado pelo fato de ter outra paróquia de São José na cidade as denominações se dividiram. Por isso no trabalho algumas vezes a referência será feita com o nome de Paróquia de Santa Terezinha.

seu comportamento, mas, problematizar os indícios encontrados discutindo-os em um contexto mais amplo.

Nesta dissertação, procuramos explorar os periódicos *Garotos* e *A Voz de Bragança*, *Bragança-Jornal*, *Cidade de Bragança* e *Tribuna Bragantina*, em diálogo com outras fontes documentais do mesmo período, tais como fotografias, arquivos pessoais e impressos de memorialistas locais e religiosos, a fim de se compreender melhor a trajetória desse padre em Bragança Paulista no período de 1948 a 1964.

Através dos periódicos *Garotos* e *A Voz de Bragança* propagava-se a doutrina católica para diferentes segmentos sociais, angariavam-se fundos para a construção das obras sociais da paróquia e faziam-se enfáticas campanhas políticas anticomunistas e apelos pela erradicação do analfabetismo.

A comunidade em que atuava padre Aldo Bollini acolhia uma vila operária em um bairro chamado Bairro do Matadouro e algumas comunidades rurais, entre elas, os bairros conhecidos como Mãe dos Homens, Menin, Morro Grande e Uberaba. Essa paróquia situava-se em uma área, então considerada pouco valorizada da cidade, naquela época. Hoje, com a expansão da malha urbana essa situação se modificou e este bairro acolhe áreas valorizadas pelo mercado imobiliário. O bairro abrigava um cemitério, um matadouro, uma fábrica de tecidos, uma madeireira e pequenos armazéns e oficinas. Em suas proximidades passava a antiga Estrada de Ferro Bragantina, cuja última estação localizava-se em um bairro vizinho – o Lavapés. O Bairro do Matadouro era habitado, em grande parte, por operários, alguns destes eram descendentes de imigrantes italianos e espanhóis.

Na leitura dos periódicos dirigidos por padre Aldo, observamos forte apelo anticomunista, o que nos leva a crer que, neste bairro, fermentavam e circulavam ideias comunistas. A presença deste padre naquela paróquia, portanto, pode ser tomada como indício de uma tentativa de formação daquela população, com o intuito de educá-la em torno da doutrina católica e de ideias anticomunistas. Não localizamos nenhum documento oficial ou eclesiástico que, de maneira explícita, nos permita afirmar isto, mas a trajetória de padre Aldo, suas iniciativas, valores apregoados e defendidos nos sinalizam com forte vigor nesta direção. Pensamos que suas iniciativas educativas e assistenciais estavam voltadas à formação de um trabalhador dócil, moralizado, saudável e produtivo.

Esse padre atuou nessa paróquia até a sua morte em 1983. Cultivou práticas matizadas por ideias do que ele entendia por progresso, civilidade e boa educação. No esteio dessas ideias, ele se esforçou por fundar em sua paróquia o terceiro grupo escolar da cidade, acolher atividades teatrais, abrir uma sala de cinema e claro, fomentar intensa movimentação religiosa, que consistia em promover celebrações, catequeses, procissões, quermesses etc. e trazer a primeira unidade do SESI para Bragança Paulista.

As mudanças promovidas durante a atuação paroquial de padre Aldo Bollini, no bairro do Matadouro, são rememoradas até os dias de hoje na cidade por meio dos jornais locais, da imprensa radiofônica e televisa da região. É digno de menção que, no ano de 2015, diferentes entidades locais promoveram a comemoração do centenário de nascimento desse padre. Entretanto, a opinião pública diverge quanto às memórias que deixou, de modo que para alguns, é lembrado como um líder empreendedor, com espírito paternal. Para outros, foi um líder religioso extremamente rígido, moralista e autoritário, considerado perturbador da ordem pública, pelas iniciativas sociais que tomava.

Tal fato trouxe-nos indícios de relações que mereciam ser pesquisadas entre este padre e a Igreja Católica, o bispado local (Bragança já era sede de Diocese desde 1925), o operariado, os industriais e os comerciantes locais e as lideranças políticas municipais e estaduais. Indicando, assim, a necessidade de explorar fontes que permitissem identificar e analisar as ideias que o mobilizavam e as relações de poder que se estabeleciam naquele contexto sociocultural, durante os anos que esteve a frente da paróquia de Santa Terezinha, já que as ideias anticomunistas evidenciadas em *A Voz de Bragança* pareceram-nos ser contraditórias com algumas iniciativas promovidas e defendidas pelo padre e evidenciadas em *Garotos*. Os periódicos de maior circulação pela cidade: *Bragança-Jornal*, *Cidade de Bragança* e *Tribuna Bragantina*, evidenciam as relações entre o padre e diferentes segmentos sociais, como políticos, jornalistas, fiéis protestantes e outros cidadãos em muitos momentos como divergentes e concorrentes. Nesses periódicos, identificamos também o apagamento de algumas iniciativas de padre Aldo Bollini, em alguns momentos, de sua trajetória missionária na cidade.

Na pesquisa, focalizamos e problematizamos a atuação do padre em diálogo com o cenário político da época pesquisada (1948-1964). Época posterior, mas próxima do fim da Segunda Guerra Mundial, atravessada por ideias comunistas e anti-comunistas, pela crescente

proximidade com a década de 60, que experienciou a Guerra Fria, a Revolução Cubana, a Guerra da Argélia, do Vietnã, do Camboja, os golpes militares no Cone Sul e, em particular no Brasil, assim como as manifestações de Maio de 68 que reverberaram pelo mundo afora, em movimentos pacifistas, ambientalistas, feministas, que colocaram em pauta a temática da homossexualidade, do racismo e da violência do Estado. Esse cenário tencionou as ideias, as práticas e alianças políticas mobilizadas por padre Aldo Bollini em sua paróquia, diocese e cidade.

Objetivou-se também com essa pesquisa identificar e compreender aspectos da trajetória do padre Aldo Bollini no período em que atuou na paróquia Santa Terezinha durante anos de 1948 até 1964, com o objetivo específico de identificar visões de mundo que ancoravam sua atuação. Justificamos com essa pesquisa o desejo de contribuir, de alguma forma, com a produção de conhecimento histórico local, ainda que modestamente.

Dessa forma, organizamos o texto de modo a tentar elaborar a trajetória de atuação de padre Aldo Bollini em Bragança Paulista até a década de 1960, de acordo com alguns aspectos dessa trajetória, concentrando as atenções sobre suas iniciativas voltadas à educação e formação do cidadão. Para tanto, no primeiro capítulo procuramos delinear quem foi padre Aldo Bollini; procurando conhecer algumas de suas iniciativas pela educação e como estas se inscreveram no desenvolvimento da urbanização daquela região da cidade em que ele interferiu mais diretamente. No segundo capítulo procuramos dialogar com os periódicos a fim de compreender como padre Aldo Bollini aparecia nesses jornais, quais as imagens que apareciam de suas iniciativas e das relações que estabelecia com os diferentes representantes dos setores da sociedade com quem se envolvia. E, por fim, no terceiro capítulo procuramos compreender as relações políticas entre o padre, a Igreja e a administração local, frente as suas ideias e visões de mundo na relação com o autoritarismo, o totalitarismo, o integralismo e o fascismo.

Delimitamos o recorte temporal da pesquisa entre os anos de 1948 até 1964 porque no decorrer da pesquisa percebemos que as fontes estudadas trouxeram, até a década de 1960, a pessoa do padre Aldo Bollini, suas práticas missionárias e sua paróquia com grande ênfase. Já na década de 1950, as referências ao padre seguem em movimento decrescente até a década de 1960. A partir da década de 1970, contudo, percebemos um silenciamento das fontes com relação ao padre e suas práticas. Como que sinalizando certa mudança na urdidura do

contexto sociocultural que se instaura com a Ditadura Militar, mesmo em nível municipal. O contexto é outro, as relações de poder local foram alteradas, emergiram outras lideranças políticas. A par dessa avaliação, optamos por finalizar a pesquisa no ano de 1964, já que para compreender aquelas alterações seriam necessárias novas pesquisas. Outro aspecto observado foi a ausência do nome de padre Aldo como redator responsável nas edições em que propagandas políticas em favor de Plínio Salgado começam a aparecer nas páginas de *A Voz de Bragança* e a partir daí, padre Aldo Bollini vai perdendo evidência no periódico.

Nossos procedimentos metodológicos se basearam, sobretudo nas contribuições de autores como Ginzburg, De Certeau, Le Goff. Por isso, nesta introdução procuramos apresentar alguns aspectos das contribuições teóricas desses autores que balizaram nosso trabalho.

O fazer historiográfico, a implicação de uma concepção de história.

Ginzburg (2002) discorrendo sobre o fazer historiográfico contrapõe Natureza e Cultura e procura demonstrar que, no passado, a prova fazia parte da historiografia, a partir da sua compreensão da Retórica de Aristóteles. Para o autor, há uma confusão na compreensão da história, a partir da afirmação de Aristóteles, sobre a história na Poética. Na verdade, onde Aristóteles teria se referido à história, enquanto a historiografia que conhecemos hoje foi na Retórica, que tratou da história como a arqueologia e o antiquariato que buscavam deduzir algo a partir de indícios. Segundo o autor, quando Aristóteles diz na Poética que a história é uma arte menor, ele se refere a qualquer história, e não a historiografia, de que tratamos hoje.

Essa evidência implica uma metodologia de pesquisa, sob tal perspectiva, para a história a ideia de verdade, de veracidade está ligada a ideia de prova. Logo, em uma maneira de conceber a história que está visceralmente articulada aos procedimentos metodológicos de como se faz a pesquisa, ou seja, sua metodologia. O que justifica que o historiador precisa saber convencer e para tal ser capaz de narrar de forma convincente a partir de provas. Fazer bom uso da palavra, mas tendo como ponto de partida a ética na pesquisa.

Para os céticos, segundo Ginzburg (2002), a história se daria pela força da narração e do convencimento, mas não teria acesso às verdades, então se aproximaria da ficção. Para a

época dos sofistas, a retórica (no sentido negativo) era tida como arte de enganar, contudo, Ginzburg concorda com a afirmação de que a história é uma arte retórica desde que seja tomada no sentido de Aristóteles, com a exigência de provas.

O que o autor quer de fato dizer, é que encontrar a verdade faz parte de qualquer pesquisa, inclusive da história, porque a história pode ser construída através de indícios e rastros, baseando-se em conexões naturais e necessárias e se movendo no terreno do verossímil. Porém, é necessário evidenciar as provas. Na retórica de Aristóteles, a prova está sempre presente e no trabalho do historiador, a busca da verdade se faz da mesma forma. Ainda que, muitas vezes, ele se depare com situações em que lhe falte informações e seja necessário inferir algumas, precisa deixar claro ao seu interlocutor se sua afirmação se baseia em provas ou em inferências suas.

Ginzburg (2007) também faz, em outro momento, uma discussão sobre o ofício do historiador, que se serve dos “rastros” e do “fio” do relato para construir uma narrativa do seu objeto de pesquisa em busca da verdade. E afirma:

Os historiadores, escreveu Aristóteles (Poética, 51b), falam do que foi (do verdadeiro), os poetas, daquilo que poderia ter sido (do possível). Mas, naturalmente, a verdade é um ponto de chegada, não um ponto de partida. Os historiadores (e, de outra maneira, também os poetas) têm como ofício alguma coisa que é parte da vida de todos: destrinchar o entrelaçamento de verdadeiro, falso e fictício que é a trama do nosso estar no mundo. (GINZBURG, 2007. p. 14)

Para essa busca da verdade, o autor propõe um olhar para o que se destaca do contexto. Segundo ele, somente no estudo da anomalia ele pode analisar e construir uma história a partir dos documentos. Defende que a visão aproximada de determinados fatos possibilita perceber algo que não se pode alcançar tendo uma visão de conjunto, apenas. Mas que é preciso utilizar-se de visões ora aproximadas, ora mais distanciadas dos fatos para compreender o conjunto. Para Ginzburg (2007), controvérsias entre micro e macro história consistem exatamente em perceber os momentos de se distanciar e de aproximar o olhar. Entretanto, reconhece que alguns fenômenos só podem ser compreendidos em um contexto macroscópico. Para ele, a pesquisa histórica pressupõe:

um contínuo vaivém entre micro e macro história, entre close-ups e planos gerais ou grandes planos gerais [extreme long shots], a por continuamente em discussão a visão conjunta do processo histórico por meio de exceções aparentes e causas de breve período. Essa receita metodológica desembocava numa afirmação de natureza decididamente ontológica: a realidade é fundamentalmente descontínua e heterogênea. (GINZBURG, 2007 p. 269.)

Conclui afirmando que a micro-história possibilita ver além do que o historiador se propõe a evidenciar, colocando também o seu “eu” naquilo que narra.

De Certeau (1976) afirma que a pesquisa histórica é o “fazer história” e, portanto, uma prática. E toda prática implica numa técnica que decide o resultado da pesquisa: a história se torna literatura ou ciência. Salienta que essa técnica, assim como o lugar e o tempo, são relativas à organização da história, uma vez que uma determinada sociedade se compreende de acordo com as ferramentas que possui.

Para esse autor, o historiador transforma materiais em história, já que trata, de acordo com seu método, objetos físicos de uma sociedade, percebendo como esta modificou sua relação com a natureza e que, além disso, modifica o espaço a partir de sua interpretação e/ou pelo sentido que dá ao objeto. Mas o historiador que recebe passivamente o objeto produzido por determinado produtor, deixa de ser científico tornando-se romancista.

Sobre o tratamento das fontes considerando seus respectivos lugares de produção e transformação pelo historiador, afirma que o primeiro ato consiste em selecionar e organizar, a fim de transformar objetos em documentos, o que para ele significa produzir documentos uma vez que sofre a intervenção do historiador.

Para o autor, o estabelecimento de fontes requer significação de objetos. É dar novo sentido a objetos e instrumentos que outrora tinham outro significado, por meio de técnicas científicas transformadoras que opere no que ele chama de redistribuição do espaço. Mas, chama a atenção para a observação do “aparelho”, ou seja, do meio social em que se insere e transforma esse documento, a fim de o historiador não cair em reafirmações de ideologias. Para ele, “ir aos arquivos é o enunciado de uma lei tácita da história (DE CERTEAU, 1976. p.33).”

Assim, a primeira observação que podemos fazer para a pesquisa em história, é a compreensão da limitação que temos enquanto pesquisadores, marcados por experiências próprias de um dado lugar e de uma dada época que pressupõe determinadas escolhas e

olhares no âmbito dessa pesquisa a começar pela escolha das fontes. Contudo, se faz presente a necessidade de olhar também para os “lugares” e contextos de onde são produzidas as fontes e seus produtores, dentro de seu tempo histórico. E ainda, atentar-se para os distanciamentos entre contexto micro e macro para compreender a relação entre eles.

Do tratamento metodológico, no rastro dos indícios.

Ginzburg (1989), tratando dos paradigmas sobre pesquisa nas ciências humanas, no que se refere ao como fazer do historiador, discute o paradigma indiciário, racionalismo e irracionalismo na pesquisa histórica. Compara o trabalho desta disciplina á outras disciplinas e sujeitos históricos que se utilizam dos sinais como ponto de partida para investigação e análise de trabalho. Traça um paralelo entre o caçador, o médico, o psicanalista e o investigador.

O racionalismo refere-se à utilização de métodos racionais como o das ciências biológicas para o trabalho em história. E o irracionalismo consiste em o historiador baseando-se nas pistas, supor uma história que seja mais da sua imaginação que próximo do real. Essas duas perspectivas têm bases em uma trajetória histórica que trouxe implicações em cada período em que se mostraram mais presentes. Contudo, segundo o autor, esses dois métodos precisam caminhar juntos, como complementares para a pesquisa em história.

O que Ginzburg (1989) sugere é uma construção de uma linha de desenvolvimento, e não a oposição entre racionalismo e irracionalismo em que evidenciamos racionalmente aquilo que é aparentemente irracional.

Ele pontua como as disciplinas como a psicanálise, a investigação, a filologia e a medicina se utilizam dos indícios (sinais), tal como o historiador. Estas disciplinas investigam os sinais a fim de não procurar o que é evidente, mas o que está silenciado e que pode ser em alguns casos, decisivos dentro de um contexto de análise e interpretação.

A ideia que Ginzburg (1989) defende é de que essa comparação não é uma coincidência biográfica, mas que há uma circulação de ideias em que os sintomas, no caso de Freud, os indícios para Sherlock Holmes, e os signos pictóricos no caso de Morelli, originados do modelo da semiótica médica, demonstram que as pessoas entram em contato

com as ideias uma das outras e, nesse caso os sinais funcionam como pontos de partida para encontrar os interesses de cada qual. Para o autor,

Nos três casos, entrevê-se o modelo da semiótica médica: a disciplina que permite diagnosticar as doenças inacessíveis a observação direta na base de sintomas superficiais, as vezes irrelevantes aos olhos do leigo [...](GINZBURG, 1989. P. 151.)

Contudo, a origem do paradigma indiciário, para Ginzburg (1989), é muito mais remota. Nascido da prática mais antiga da humanidade, os caçadores já se utilizavam dos sinais para reconstruir o movimento e as formas de suas caças. A partir das pegadas, das pinturas rupestres, etc. transmitiram às gerações esse patrimônio cognoscitivo. O mesmo caso, se observa na arte divinatória mesopotâmica, sobre o que o autor propõe:

Mas a principal divergência aos nossos olhos é outra: o fato de que a adivinhação se voltava para o futuro, e a decifração para o passado (talvez um passado de segundos). Porém a atitude cognoscitiva era, nos dois casos, muito parecida; as operações intelectuais envolvidas – análises, comparações, classificações – formalmente idênticas. É certo que apenas formalmente: o contexto social era totalmente diferente. (GINZBURG, 1989,p.153)

A partir da escrita, como forma de sistematização dessas práticas arcaicas provenientes da curiosidade, ou necessidade humana em desvendar o passado ou prever o futuro, o método indiciário evolui em consonância com as necessidades da humanidade.

Podemos concluir que Ginzburg queria demonstrar a importância de o historiador se atentar aos detalhes, àquilo que não foi dito, que não está explícito, pois temos que ter o método, o controle e o rigor, mas não é possível ter rigor absoluto, pois não temos acesso às verdades do passado, assim como não temos acesso às certezas do futuro.

Ginzburg (1989) compara a pesquisa histórica e o historiador com a imagem do caçador, em busca de um alimento ou mesmo de um divertimento com sua presa, que o instiga e o impulsiona a detectar sua presença por meio dos sinais que ela deixa. E principalmente, com a do psicanalista, que tenta descobrir as intenções, os problemas e uma proposta de mudança por meio de uma história de vida que não pode ser descoberta inteiramente de uma só vez e considerando somente o que é evidente, mas sim os

comportamentos, as palavras e os demais detalhes que se apresentam discretamente, de forma “micro”, que vão revelando aos poucos, seção após seção, as mais marcantes imagens do passado, aquelas que realmente infundiram e determinaram no indivíduo aquilo que ele é no presente.

Crítica do documento pelo historiador

Le Goff (1990) defende que a memória coletiva e sua forma científica, bem como a história aplicam-se aos documentos e monumentos. Segundo ele, o que permanece não é aquilo que de fato existiu no passado, mas sim aquilo que foi escolhido para permanecer. Para o autor, os monumentos são as heranças do passado, que remetem à memória, e esta possibilita-nos recordar. Eles podem ser uma obra arquitetônica, comemorativa, ou um monumento funerário, com o objetivo de perpetuar a recordação de uma pessoa ou acontecimento.

O documento para Le Goff (1990) não é qualquer coisa que fica por conta do passado, é um produto da sociedade que o fabricou segundo as relações de forças que aí detinham o poder. Só a análise do documento enquanto monumento permite à memória coletiva recuperá-lo e ao historiador usá-lo cientificamente, isto é, com pleno conhecimento de causa (LE GOFF, 1990p. 536).

Isso porque o documento, como monumento, vem permeado de intencionalidades, tanto da parte de quem o criou quanto da parte de quem o conservou e mais, como veio a se tornar monumento em determinado contexto. Também o historiador faz sua intervenção de acordo com sua posição na sociedade em que vive, porque prefere um documento a outro, faz uma leitura deste não outra, dependendo das experiências que traz, do lugar social que ocupa.

Em Bragança Paulista, os periódicos *A Voz de Bragança* e *Garotos* podem ser tomados como um desses documentos/monumentos. Uma vez que representam um segmento da imprensa católica local, eles divulgam e colocam em circulação uma dada proposta de ser humano de acordo com a visão de mundo daqueles que o publicaram.

Segundo Luca (2005), a preocupação em utilizar a imprensa como fonte de pesquisa já havia se iniciado com a escola dos Annales na década de 1930. A partir daí, as pesquisas com esse tipo de fonte foi ganhando força à medida que se instaurava a concepção da Nova História. Essa concepção consistia em considerar a participação popular na construção histórica. “A história vista de baixo” (LUCA, 2005) que evidenciava cenas cotidianas das camadas sociais mais desprivilegiadas que contribuíam significativamente para a compreensão das lutas políticas de determinados momentos históricos.

Somente a partir de 1970, passou-se a ver a imprensa como construtora da realidade social, e, portanto histórica. Junto com essa nova visão veio também nessa mesma época, a utilização de jornais populares, da classe operária, ou folhas aleatórias de determinados periódicos e não mais uma pesquisa focada em grandes e influentes periódicos. Essa mudança se deu, sobretudo, devido a nova configuração urbana que se delineava já desde o início da década de 1900, em que a circulação de impressos como panfletos, almanaques, propagandas, cartazes entre outros aumentava significativamente. E o mundo industrial em crescente expansão carecia de comunicação e interação com a sociedade. Isso despertou em vários historiadores o interesse pela investigação das interações que ocorriam nesse período por influência da imprensa.

A Igreja Católica também passou a investir em uma imprensa própria, já que, muitas vezes, as ideias que se disseminavam nos periódicos, não iam ao encontro dos interesses desta instituição. Com o pontificado de Pio XII (1939-1958), mudanças mais significativas ocorreram, com o advento e valorização de outros meios de comunicação como o rádio, o cinema, e a televisão. A Igreja procurou manter seu espaço de influência intensificando a utilização desses meios. A sua imprensa própria a Igreja deu o nome de “Boa Imprensa” a fim de combater a “Má imprensa”, ou seja, aquelas que disseminavam valores diferentes dos seus (TOSTA, 1997, p15). Em Bragança Paulista, a “Boa imprensa” se concretizou por meio de *A Voz de Bragança e Garotos*, a partir de 1949. A foto seguinte registrou a inauguração de *A Voz de Bragança*.



Figura 1: Fotografia do Acervo IEST e Luis Palombello. sem data. Essa foto consta no acervo do Iest como o retrato do evento de fundação de "A Voz de Bragança" em 1949, provavelmente em julho, quando o jornal foi fundado. Observe que aparece a figura do Bispo diocesano Dom José Maurício da Rocha e em volta dele estão os políticos locais e os padres que aparecem são apenas 2: Padre Domingos Bonucci à esquerda e padre Aldo Bollini localizado bem atrás do bispo e acima ao fundo. É interessante notar que sua posição garantiu-lhe destaque na composição da imagem.

Entretanto, como utilizar esses periódicos como fonte de pesquisa? Luca (2005) propõe alguns procedimentos de como proceder ao trabalhar com essa fonte, a partir das técnicas utilizadas pela imprensa em seu devido lugar social.

Um deles é a atenção que se deve dar a materialidade dos jornais e revistas, considerando-se o seu contexto e momento histórico de produção. Atentando para seu formato físico, imagens, qualidade de impressão, tipo de papel, cores, dimensões diagramação etc. e a classificação que o editor dá para o impresso, visto que nem sempre é correspondente as características do gênero (revista, jornal, almanaque, etc.)

Ainda sobre a materialidade, a autora enfatiza a observação no momento histórico de produção quanto as condições disponíveis: recursos materiais, métodos de impressão, recursos de imagens etc., tudo isso a fim de compreender as escolhas feitas para o mesmo pelos editores e as suas correspondentes intenções sociais envolvidas.

Em síntese, é preciso observar as relações econômicas para compreender as razões da aparência física, configuração, linguagem e discurso do impresso para relacioná-lo à problematização a que o historiador se propõe.

O outro ponto que a autora destaca é a necessidade de considerar o contexto social e político dos idealizadores de determinado impresso. É necessário compreender os motivos pelos quais os mesmos decidiram publicar um dado fato e qual a ênfase dada ao mesmo, bem como o público alvo, a linguagem, cenas selecionadas, etc., e a identificação cuidadosa da equipe responsável e seus colaboradores. Isso permite “inquirir sobre suas ligações cotidianas com diferentes poderes e interesses financeiros” (LUCA, 2005, p.140), bem como dos demais interesses envolvidos.

Dessa forma, a autora ressalta que não há opção metodológica pronta para realizar pesquisa tendo a imprensa como fonte. O mais importante é a construção que o pesquisador faz nesse processo. Assim, procuramos delinear os periódicos estudados no decorrer desse trabalho, buscando compreender a teia de relações socioculturais que envolveu padre Aldo Bollini e a Igreja em Bragança Paulista no contexto do período, levantando questões que pudessem favorecer uma problematização de sua atuação missionária nessa cidade.

CAPÍTULO 1 - PADRE ALDO BOLLINI: ALGUNS DADOS BIOGRÁFICOS.

Este capítulo pretende apresentar alguns aspectos da trajetória e biografia de padre Aldo Bollini, por meio de algumas fontes analisadas a fim de nos aproximarmos melhor sua atuação enquanto missionário. Entre essas fontes destacamos: algumas fotografias do acervo pessoal de Luís Palombello e do Instituto Educacional Santa Terezinha e do acervo pessoal do padre Gianluigi Bollini bem como o livro *Obrigado Senhor!* escrito por Teodoro Negri². Este livro é tratado aqui como fonte, pois foi escrito com a finalidade de construir a memória dos primórdios do Pontifício Instituto das Missões Exteriores (PIME), ordem religiosa a qual pertencia padre Aldo Bollini. A obra foi publicada em comemoração aos cinquenta anos da presença de padres do PIME no Brasil, dentre estes, destacou-se a figura do padre Aldo Bollini.

Trata-se de um livro produzido no interior de uma instituição com o objetivo de edificar-se através de uma memória exemplar. Isso implica tratá-lo como fonte, pois o que o autor nos conta é o que ele, ou o PIME quer que seu leitores saibam ou lembrem. Na sequência da análise desse livro, apresentamos algumas iniciativas de padre Aldo, veiculadas em *Garotos*. E, por último, o que elas significaram para o desenvolvimento urbano da cidade de Bragança Paulista.

1.1 PIME: da memória espetáculo à memória exemplar.

Leonardi (2010) discute acerca das memórias construídas no interior das congregações religiosas em que realizou suas pesquisas. Segundo a autora, essas congregações tinham o costume de construir sua própria memória, por meio de narrativas e escritos que remetessem a um tipo de exemplo a ser seguido, dentro de uma tradição aparentemente inigualável e perfeita, que poderia também servir de espetáculos de recordações para um determinado

² Teodoro Negri é um escritor do PIME que escreveu vários livros sobre memórias de missionários do Instituto.

público em dias de comemorações, celebrações etc. que viessem a evocar essa tradição. O que Leonardi (2010) chamou de memória-espetáculo é essa imagem construída pela narrativa de feitos de seus primeiros integrantes religiosos que serviam de modelos para os mais novos e também serviam como uma propaganda da Ordem.

A memória-espetáculo culmina na construção da imagem de uma comunidade harmoniosa e de pessoas virtuosas, com lugares bem definidos (os padres falam, as freiras escutam) que beberam nas preciosas fontes das origens, modelos a serem seguidos, imagens a serem consumidas. A memória-espetáculo visava à edificação da congregação, sua difusão, o recrutamento de novas irmãs, fixando na memória dos participantes impressões singulares (LEONARDI, 2010, p. 179).

O PIME é uma instituição católica fundada em 1850 por um grupo de bispos italianos da região da Lombardia. Tem como finalidade preparar religiosos e leigos para as missões além-fronteiras, ou seja, que atuassem em diversos países através de serviços destinados à população e disseminação da doutrina católica. Esse Instituto existe ainda hoje, sendo presente em diversos países. Não é uma congregação religiosa de freiras como as estudadas por Leonardi (2010), mas a constituição de sua memória para a edificação do exemplo de padre Aldo Bollini, por meio de Negri (1996), se deu da mesma forma: buscou criar uma imagem de missionário exemplo.

No Brasil, a presença desse instituto teve início com a chegada de três padres Italianos em 1946, cujos nomes segundo Negri (1996) eram: Pirovano, Garré e Maritano. Esses padres, percebendo a demanda de pedidos feitos por diversos bispos brasileiros por missionários, solicitaram ao PIME que enviasse mais 15 padres. Foi assim que os padres: Basile, Bassanini, Battiston, Bollini, Bubani, Cerqua, Daltin, Galliani, Gargioni, Miatelo, Morelli, Rossi, Simoneli, Suardi e Viganó, foram enviados ao Brasil. Chegaram aqui, segundo o memorialista, em 5 de junho de 1948. Entre eles, estava o padre Aldo Bollini, tido como o fundador da primeira paróquia do PIME no Brasil, no ano de 1948, paróquia esta, localizada em Bragança Paulista, São Paulo.

Na sequência, trazemos uma fotografia de padre Aldo Bollini, quando jovem, possivelmente, de época próxima em que embarcou para o Brasil, aos 33 anos de idade.

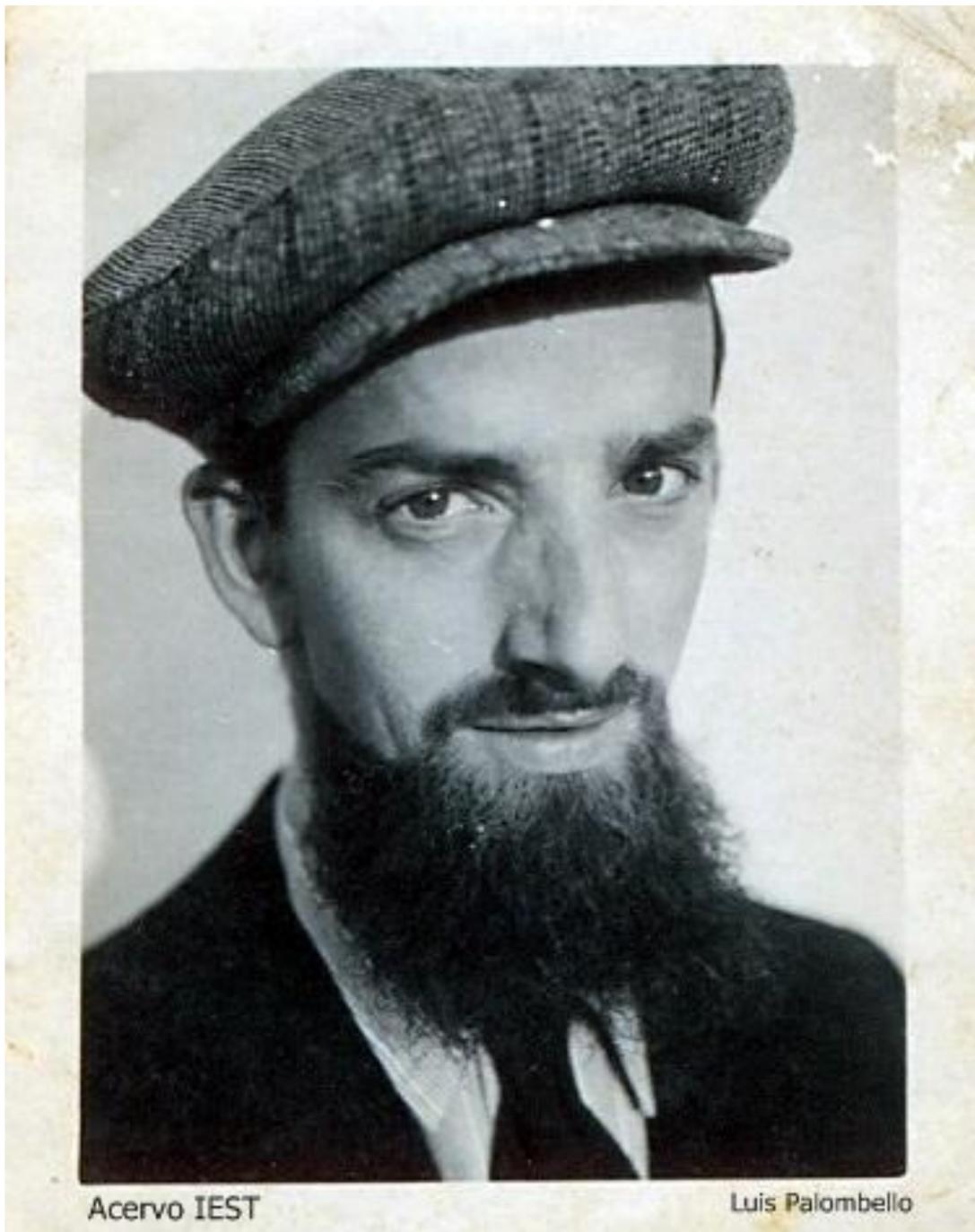


Figura 2: Fonte: Acervo IEST – Luis Palombello. Sem indicação de data: Padre Aldo Bollini jovem.

O livro de Negri (1996) traça a trajetória deste padre desde sua partida da Itália até sua morte em Bragança Paulista em dezembro de 1983. Para isso, utiliza-se de depoimentos de pessoas que conviveram com o padre e das cartas que ele trocava com seus parentes na Itália e seus amigos no Brasil. O autor denomina a obra como um “perfil”, que reúne diversos materiais, cartas, escritos, depoimentos e testemunhos que “[...] possa ter sido veiculado a respeito de sua personalidade e trabalho” (NEGRI, 1996, p.9). O título do livro remete a um artigo escrito por padre Aldo, na edição de maio de 1983, já no fim de sua trajetória, em comemoração aos 35 anos de trabalho na paróquia, chamado *Obrigado Senhor*, em que faz um “balanço” das conquistas e obras realizadas durante aqueles anos sob sua liderança. Evidentemente, a obra faz um elogio do trabalho missionário do padre e o coloca como exemplo de religioso.

Sobre o padre Aldo Bollini, o autor afirma que nasceu no dia 16 de junho de 1915, em Olgiate Comasco, província de Como, na Itália, filho de Brígida Ghielmetti e Giovanni Bollini. Quando criança, foi coroinha em sua paróquia, entrou para o seminário diocesano para o curso ginásial em 1927 e para o Pontifício Instituto das Missões em 1932. Aldo foi professor no seminário de Monza. Depois teve uma experiência com o cuidado de crianças no oratório de uma paróquia³.

O contexto histórico daquele momento situa-se no período da segunda guerra mundial, na década de 40 em que os missionários estavam impedidos de partir da Itália, por esse motivo. Assim, as mudanças eram apenas locais e padre Aldo foi então destinado a Pagnamo, onde permaneceu por volta de cinco anos, segundo Negri (1996), local em que realizou muitas mudanças paroquiais, juntamente com o companheiro paroquial, padre Alfredo Arnaboldi, cujo trabalho realizado em conjunto: padre Aldo “foi definido como um vulcão, um ciclone, um perturbador da tranquilidade pública.”(NEGRI, 1996, p.12). Demonstrando indícios de seu perfil de atuação, em que, já na Itália, em sua paróquia, intervinha na vida pública, através de suas atividades religiosas. Negri (1996) afirma também que o padre demonstrava preferências pelos jovens e crianças em sua atuação paroquial.

³ Oratório se define aqui, como um local onde “as paróquias reúnem crianças e jovens para se divertir, ensinar catecismo e rezar” (NEGRI, 1996 p.11) e não como uma capela.

Por meio da transcrição de uma carta de padre Aldo, despedindo-se da Itália, o memorialista afirma que o mesmo partiu para as terras brasileiras aos 33 anos de idade, juntamente com outros 14 padres missionários da mesma ordem, em um navio mercantil, chamado Cuyabá, no dia 18 de março de 1948⁴. Segundo essa carta, as passagens foram conseguidas junto ao governo brasileiro:

Até que em fim, parto: com todo o entusiasmo dos meus 33 anos, com toda a alegria do meu coração, depois de 10 anos de espera, o dia chegou. [...] a nossa espera foi longa: a pobreza do instituto não teve condições de nos embarcar logo, foi preciso conseguir 15 passagens, junto ao governo brasileiro. O Governo veio ao nosso encontro: os 15 lugares existem num navio mercantil: já o Cuyabá agita-se no porto, ansioso como nós, na expectativa do adeus. (NEGRI, 1996. p. 16)

Mas, qual teria sido o interesse do governo brasileiro em trazer 15 missionários para o Brasil, e porquê, mais especificamente para Bragança Paulista? Torna-se instigante o fato de padre Aldo Bollini ser enviado pelo PIME (Pontifício Instituto das Missões Exteriores), de origem Italiana para promover a educação religiosa da população, em Bragança Paulista na década de 1950, uma vez que Bragança Paulista não era mais território de missão. Considerando que a cidade, localizada próxima aos grandes centros urbanos, contava com a linha férrea e com recursos comerciais básicos, já era sede de diocese, contando com a presença de bispo e padres para suas paróquias, em que já aconteciam celebrações de missas, catequeses e outras realizações religiosas normalmente. Bragança não era, portanto, uma cidade tão pequena e afastada, com poucos recursos que necessitasse de missionários. Além do mais, ao final desta carta de despedida, o padre, despedindo-se de “seus mortos”, faz uma afirmação que nos parece ser sobre seu destino de missão e dá a entender que seria destinado à região de florestas, possivelmente à região norte. Em seu último parágrafo expressa:

⁴ Na época era presidente do Brasil, Eurico Gaspar Dutra. Era bispo diocesano Dom José Maurício da Rocha, um bispo que chegou à cidade em 1927, transferido da diocese de Corumbá, (MT) e atuou durante 50 anos, até sua morte em 1969. Era Superior Geral do PIME, na Itália, Paulo Manna. Paulo Manna foi nomeado, em 1926, Superior-Geral do Pontifício Instituto para as Missões Estrangeiras. Onze anos mais tarde, a "Propaganda Fide" nomeou-o chefe do Secretariado Internacional da União Missionária do Clero. Editou o livro "O problema missionário e os sacerdotes" e uma revista missionária: "Venga il Tuo Regno". Enquanto, na Itália, ainda ocorria a II Guerra Mundial, em 1943 foi nomeado Superior Regional do PIME para a Itália Meridional. Paulo Manna morreu em Nápoles, em 15 de novembro de 1952, deixando a Obra missionária implantada em mais de 50 países. (Retirado de: <http://www.opf.pt/index.php/biografia-paulo-manna> acesso em 26 de Fevereiro de 2015.)

“Túmulo para mim será o leito de um rio, o fundo obscuro de uma floresta ou uma simples cova escavada pelos selvagens, mas que importa o túmulo, quando a vida foi gasta por Cristo?” (NEGRI, 1996, p.17)

A informação que se tem, contudo, segundo o memorialista Negri (1996) é que os missionários, ao chegarem ao Brasil, ficaram um período na cidade de São Paulo, antes de serem transferidos para Bragança Paulista, juntamente com outros dois padres, em junho de 1948, e não se tem informações sobre o que aconteceu nesse período.

O que supomos é que padre Aldo não veio a Bragança Paulista por acaso. Parece ter sido escolhido, segundo seu perfil e suas ideias, para atuar na região daquela paróquia, ainda inexistente. A Paróquia São José e Santa Terezinha foi a primeira paróquia do PIME no Brasil e ali o padre realizou iniciativas tanto sociais como religiosas que são lembradas até os dias atuais. Por que teria sido necessário trazer um missionário da Itália para construir uma comunidade religiosa naquele bairro? Será que os padres bragantinos e o bispo não estavam suficientemente preparados para conduzir religiosamente àquela população? E a política local, não seria suficiente para fornecer os subsídios necessários para atender as demandas daquela clientela? Parece-nos que não e, por isso, foi preciso um missionário com certo perfil.

Quanto à chegada a Bragança Paulista, em junho de 1948, há informações contraditórias com a data exata da criação da paróquia São José e Santa Terezinha e a posse do padre Aldo como vigário ecônomo dessa paróquia. As datas oscilam entre dias 5 e 6 de junho de 1948 para os dois eventos. Contudo, apesar da criação da paróquia, as fontes evidenciaram que as atividades religiosas realizavam-se em uma capela improvisada, até que o templo da Igreja de São José e Santa Terezinha fosse construído.

A seguir, apresentamos duas imagens referentes à partida de padre Aldo Bollini da Itália. A primeira é uma imagem digitalizada da lembrança da missa de despedida do padre, em Olgiate Comasco, antes de partir junto com os demais missionários para o Brasil. E a seguinte é uma fotografia dos missionários a bordo do navio Cuyabá, em gesto de despedida.

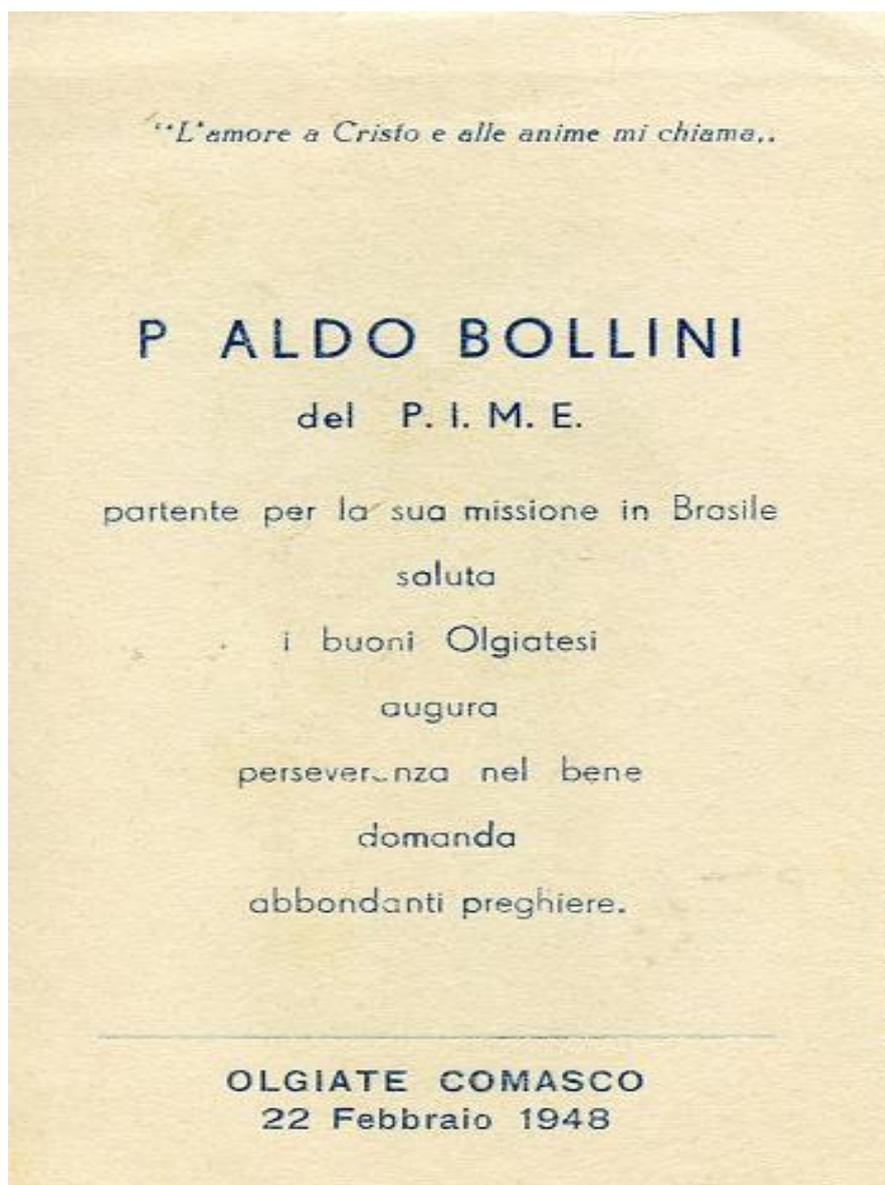


Figura 3: Fonte: Imagem digitalizada, gentilmente cedida pelo padre Gianluigi Bollini, de seu acervo pessoal. Lembrança da missa de despedida do padre Aldo Bollini em 22 de fevereiro de 1948.



Figura 4: Fonte: Acervo pessoal do padre Gianluiggi Bollini. Data provável: Março de 1948. Partida para o Brasil a bordo do navio mercantil Cuyabá. Observar que os missionários (os homens de batina) acenam com bandeiras da parte mais alta do navio. Pelas características supomos que padre Aldo Bollini seja o primeiro da direita para a esquerda, usando boina e óculos. Parecem felizes com a despedida.

Sobre o perfil de padre Aldo Bollini, Negri (1996) selecionou algumas opiniões sobre ele, das quais transcrevemos e comentamos algumas.

Das características físicas do padre, diz-se que ele “[...] tinha barba comprida e falava baixinho [...], o que é uma informação contraditória, pois o que se cristalizou nas memórias de cidadãos bragantinos que o conheceram é de que padre Aldo falava alto e ríspido, e Negri afirma que era um “homem duro e bravo, que escondia um coração de criança (NEGRI, 1996, p. 24)” Ainda sobre sua personalidade e seu jeito de educar afirma:

Educava e formava os espíritos à dura disciplina do trabalho e às regras inflexíveis do jogo. Ambicionava a plena maturidade humana e cristã, queria ser santo para santificar. Sabia, porém, respeitar os tempos de crescimento de cada jovem, compreender os momentos de fraqueza e de dificuldade. Educava fazendo crescer preciosos colaboradores ao seu redor, exigindo a colaboração dos pais. (NEGRI, 1996, p.13)

Afirma ainda, Negri (1996) por meio da opinião de um amigo do padre, Bruno Mauri:

Dotado de um extraordinário espírito de iniciativa, de sensibilidade e de um “Faro”, era um organizador excepcional. [...] Sua grande vantagem foi a de ter sabido cercar-se de um consistente grupo de colaboradores por ele formados e, portanto, de confiança, responsáveis e eficazes. (NEGRI, 1996, p.27)

Em outros escritos, citado pelo autor, padre Donato Vaglio, um de seus amigos e companheiro de missão na paróquia de Santa Terezinha, comenta que padre Aldo era ríspido e “seco” no tratar com mulheres, pois isso “[...] era atitude de velhos vigários italianos dos velhos tempos; máxima prudência com as mulheres. E isto o salvou de qualquer tipo de comentário no Brasil [...]” (NEGRI, 1996, p.46)

Diz-se ainda que padre Aldo recusava-se a ministrar sacramento quando aquele que o pedia não lhe inspirava confiança, demonstrando-se muito conservador frente as inovações da Igreja, o que também pontua Negri (1996) através da citação do Bispo de Bragança, Dom Antônio P. Misiara, após a morte de padre Aldo:

Nem sempre foi bem interpretado em suas exigências. Só distribuía sacramentos quando tinha certeza da boa disposição de quem os recebia.

Manteve sempre a mesma linha teológica e Pastoral. Não aceitava os abusos e muito menos as inovações da Igreja. Sofria com certas atitudes políticas ou sociais dentro da Igreja. Foi de uma fidelidade intransigente ao magistério da Igreja. (NEGRI, 1996, p.44)

A imagem abaixo é uma fotografia de Padre Aldo Bollini, mais idoso, porém não temos indicação da data em que foi feita.



Figura 5: Fonte: Acervo IEST – Luis Palombello. Sem indicação de data: padre Aldo Bollini com mais idade, barbas brancas usando óculos.

Sobre sua postura frente à Igreja, encontramos na obra de Negri (1996) uma opinião que, de certa forma, diverge das demais: a do padre João Batista Zecchin afirmou sobre padre Aldo, (grifos nossos)

Nem todos se agradavam com seu feitio. Mesmo em relação à abertura da Igreja com o concílio de João XXIII. Padre Aldo manteve-se sempre reservado e, às vezes arredoio. Quem fosse à sua paróquia, para ajudar, deveria ir sabendo que era para obedecer e não interferir. (NEGRI, 1996 p. 52)

E mais adiante completa:

Mas chegava sempre aos objetivos. **Foi uma figura do passado engastada no presente de uma maneira um tanto exótica, mas eficiente e eficaz.** Em vista disso, o que Bragança deve ao padre Aldo é impossível de se medir e calcular. (NEGRI, 1996 p. 52)

Padre João Batista Zecchin, conhecido em Bragança como “padre Zecchin” nasceu em 5 de junho de 1931 e morreu no dia 9 de fevereiro de 2009. É outro religioso bastante conhecido e importante referência religiosa e política entre os católicos na cidade de Bragança Paulista, onde atuou, sobretudo na região central e esteve mais próximo da Catedral. Era filho de um político integralista da cidade. Foi ordenado em 1956, em Bragança e por ocasião de sua Ordenação, recebeu a visita de Plínio Salgado. Apesar de não termos encontrado nada explícito nas fontes, percebemos indícios de divergências entre esse padre e padre Aldo Bollini que atuava na região mais afastada do centro. Muito embora Negri (1996) afirme que “padre Zecchin, grande amigo de padre Aldo (NEGRI, 1996. p. 38)” era um dos sacerdotes que estavam com ele horas antes de sua morte, nos parece que essas divergências provinham de posições sociais e políticas diferentes. Sobre as relações políticas de padre Aldo, trataremos no terceiro capítulo.

Padre Zecchin o chama de “figura do passado”, “exótico” como que sugerindo alguém ultrapassado que nem sempre acatava as decisões hierárquicas da Igreja. Mas, no final, admite que apesar disso, teve iniciativas dignas de ser lembradas.

Na fotografia a seguir, vemos padre Aldo Bollini na janela da casa paroquial, de onde se pode ver a torre da igreja em construção.



Figura 6: Fonte: Acervo IEST – Luis Palombello. Sem indicação de data: Padre Aldo Bollini na janela da casa paroquial, localizada ao lado da Igreja de Santa Terezinha. A janela dá vistas ao grupo escolar (hoje escola estadual) Coronel Francisco de Assis Gonçalves e a um pátio onde brincavam as crianças no “recreio dominical” e que hoje serve de estacionamento e espaço para quermesses.

Negri (1996) afirma ainda, que padre Aldo tinha problemas cardíacos e diabetes, doenças que o levaram à morte em 4 de dezembro de 1983. Sobre a morte, o memorialista discorre longamente em sua obra, descrevendo através das cartas de depoimentos os sentimentos dos fiéis e os detalhes que culminaram na transladação de seu féretro para os pés do altar de Nossa Senhora de Fátima (sua maior devoção) na Igreja de Santa Terezinha, onde permanece ainda. Diz ele que ao funeral compareceram por volta de 15 mil pessoas e o prefeito declarou luto oficial.

Após sua morte, foram feitas muitas homenagens em jornais, rádio, pronunciamento do bispo, etc. Entre eles, Negri (1996) cita um pronunciamento do prefeito da cidade daquele ano, José de Lima (ARENA), que em homenagem ao padre, daria o nome do mesmo à um conjunto habitacional da cidade, hoje conhecido por bairro padre Aldo Bollini. Dizia o prefeito:

Entendendo a importância do trabalho desenvolvido por padre Aldo em nossa comunidade, estamos dando a denominação de Núcleo Habitacional padre Aldo Bollini ao núcleo habitacional do bairro do Uberaba, bairro este que pertence à paróquia onde ele tinha seu trabalho de catequização, onde tinha seu trabalho religioso e paroquial. (NEGRI, 1996, p.50)

Ainda sobre suas realizações na cidade, Dom Misiara (Bispo de Bragança naquele momento) escreveu: “Um homem que fez para Bragança o que ninguém fez para Bragança. [...] padre Aldo merece um monumento, aliás sua obra é um monumento (NEGRI, 1996, p.40)”.

Baseado em outro depoimento, de um padre chamado Severino Crimella, Negri (1996) afirma que padre Aldo vivia sob voto de pobreza:

Não sei quanto dinheiro passou pelas suas mãos, com certeza muito. Creio poder afirmar que nunca pensou usá-lo, ainda que em mínima parte, para si mesmo. Parece-me vê-lo caminhar para cima e para baixo pelas ruas de Bragança, quase correndo, com aquela batina surrada e com aqueles sapatos acalcanhados. (NEGRI, 1996, p.48)

A imagem a seguir é uma fotografia de padre Aldo Bollini em meio as construções da igreja de Santa Terezinha, que parece querer passar a imagem de um homem ativo, trabalhador e engajado.



Figura 7: Fonte: Acervo IEST – Luis Palombello. Sem indicação de data: Padre Aldo Bollini em meio as construções da igreja. A fotografia passa a imagem de um homem ativo e engajado nas obras.

O que dizia padre Aldo sobre si mesmo, segundo a obra de Negri (1996), colocamos brevemente a seguir.

Em uma carta à sua Irmã Antônia em 24 de agosto de 1983, padre Aldo Bollini, aos 68 anos de idade, escreve:

Eu, pessoalmente, reduzi o trabalho físico-material, procurando não abusar do meu coraçãozinho coitado, e também das minhas pernas que correm demais, mas muitas vezes me esqueço: o instinto de nosso pai, sempre se faz presente: quero que tudo se faça logo e rápido, sem perder tempo... e o coraçãozinho reclama. Paciência! (NEGRI, 1996, p.33)

Em carta ao sobrinho no dia 8 de novembro de 1983: “Eu estou bem: sempre uma grande vontade de trabalhar, cheio de entusiasmo e sempre cheio de alegria no Senhor”. (NEGRI, 1996, p.34)

Em outra carta ao sobrinho, o padre transcreve um trecho de um artigo de uma edição especial de “Garotos” em comemoração aos 35 anos de trabalhos na paróquia e 45 anos de sacerdócio. O artigo inicia-se como se fosse um diálogo bem íntimo com Cristo.

É noite. Estou aqui sozinho, na escuridão da igreja, só a lâmparina acesa do sacrário dá sinal de vida. Escuto as vozes dos jovens que voltam para casa depois de nosso encontro semanal, são jovens que querem conhecer-te, que querem amar-te.

Estou cansado, mas contente. O dia inteirinho foi gasto para ti, ó Cristo, e me sinto tão feliz que não podia ir deitar-me sem passar a falar um pouco contigo, meu amigo.

Como é belo ser sacerdote, como é belo ser teu ministro.

[...] Lembra Jesus, quando ouvi tua voz? Era criancinha, pequeno coroinha na igreja da minha vila, fazia muito frio naquela manhã, havia neve, voltava da missa e atirei-me no colo da minha mãe. Mamãe, disse, quero ser padre, Deus me chama. Mamãe me abraçou, os olhos brilhavam de felicidade. Para ser padre, você deve ser mais bonzinho e deverá sofrer bastante. Foi a resposta.

[...] Obrigado Senhor, também pelo caráter duro e brusco que tenho, defesa de um coração mole e sentimental. A minha gente fala que sou bravo, e sou mesmo, e eu gosto muito da minha braveza que não suporta a mentira e a falsidade, que não gosta do mais ou menos, que deseja as coisas direitas e bem feitas. Ser enérgico, não é braveza.

Obrigado Senhor, também pelo entusiasmo que me deste, entusiasmo pelo bem, pela sinceridade, pelo trabalho, pela beleza da natureza [...] como gosto de celebrar a Missa, falar de ti no evangelho e nas reuniões. Como gosto de

transmitir a minha alegria, o meu entusiasmo aos outros. Não posso ver gente triste, não posso ver gente desanimada, particularmente se são jovens. [...]

Obrigado Senhor, pela turma de colaboradores com que me presenteaste, que compartilham das minhas lutas, dos meus trabalhos, do meu entusiasmo. (NEGRI, 1996, p. 8)

O padre parece querer justificar sua postura “enérgica” e evidenciar seu lado “dócil” do caráter. Evidentemente o artigo foi escrito na perspectiva íntima de diálogo com Deus, foi escrito para ser publicado e lido pelos paroquianos. Assim, podemos supor que padre Aldo queria mostrar-se como o “pai amoroso”, aquele que educa, que exige a obediência e o bom comportamento, para garantir o bom caráter dos “filhos”. Não estamos sugerindo que padre Aldo não tivesse de fato essa intimidade com o Deus em quem acreditava, mas no nosso ponto de vista, esse tom que ele dava ao discurso contribuía para que ele ganhasse a confiança de seus leitores.

Com essa postura, certamente, foi que padre Aldo Bollini foi ganhando espaço e voz na cidade, de modo que conseguiu realizar seus objetivos enquanto missionário e no rastro do que a Igreja Católica entendia por cultura, progresso e desenvolvimento para a cidade, contribuir com o Estado, na promoção da “Paz Social”.

O que a Igreja entendeu por Paz no pontificado de PIO XII, o papa que governou de 1939 a 1958 foi a capacidade de conciliação entre nações, entre patrões e empregados de forma a atingir “um bem comum”. Segundo Soffiatti (2012) “[...] com o fim da Guerra, em agosto de 1945 o papa iniciou uma campanha em prol de uma paz justa e duradoura, baseada no direito e na justiça. (SOFFIATTI, 2012. p. 126)”. Segundo a autora, o seu pontificado foi de uma política conciliatória e diplomática a fim de minimizar os efeitos das fragmentações provocadas pelas diferentes visões de mundo, sobretudo a do comunismo, com a intenção de resistir o quanto fosse possível, à crescente laicização das sociedades. Para tanto, procurou dar um pouco de atenção a grupos de jovens e operários. Para ele, a Democracia era a melhor forma de governo e o trabalho dignificava o homem, pois um salário justo seria suficiente para assegurar as necessidades básicas do operário e da família.

Entretanto, após essa administração papal, inicia-se um movimento dentro da Igreja que levaria a importantes mudanças nas visões de mundo e no comportamento de vários setores dessa instituição e que culminariam no que ficou conhecido por Concílio Vaticano II.

Segundo Libânio (2005), o Concílio Vaticano II permite duas leituras: a primeira é a de continuidade e a segunda é de ruptura. A primeira é aquela que passa a ideia de segurança, acentuando o permanente e considerando a história como um fluxo contínuo, o que favoreceria a manutenção da autoridade e do poder da instituição. Já a leitura de ruptura favorece o ponto da “novidade criativa, muito própria dos críticos e profetas, gerando insegurança, desagradando os senhores da instituição, mas permitindo avanços. (LIBÂNIO 2005, p.11)” Segundo esse autor, a ruptura se situa na “mudança de sujeito social”, fato que já vinha ocorrendo a décadas, mas que precisou ser assumida e trabalhada pela igreja em determinado momento.

Para ele, o “sujeito social” mobilizou o Concílio por dentro e por fora. Dentro, pois, os peritos e padres conciliares eram eles mesmos pessoas com um conjunto de interesses e questões. Fora porque o Concílio o considerou seu destinatário principal a cujos problemas quis responder. Isso porque o novo sujeito social era agora, um sujeito com novas questões, novas necessidades. Correspondia àquele que passou da pré-modernidade à modernidade.

Esse sujeito social, em resumo, “não são os indivíduos considerados em sua singularidade, mas na qualidade de grupos e classes sociais que assumem, desempenham papel decisivo e primordial em certo momento da história (LIBÂNIO, 2005, p.13)”

Segundo o autor a visão que predominava até o Concílio Vaticano II era de uma Igreja formada por sujeitos teocêntricos, em que predominava a prática dos sacramentos como centro da piedade, com um comportamento Pré-moderno e tradicional que vivia o dualismo natural e sobrenatural, com a acentuação da dimensão clerical e a visibilidade da Igreja. Essa realidade se dava devido ao contexto sócio econômico. Segundo Libânio (2005): “O poder cobria-se de valor mágico na consciência do povo, tornando a obediência e a submissão conaturais. E quanto mais a investidura do poder se ornava de esplendor, tanto mais a magia do poder crescia. (LIBÂNIO, 2005, p.18)”

O modelo hierárquico perpassara a família e as relações sociais. Sob essa perspectiva, ser cidadão era ser cristão católico.

Os sujeitos modernos, no entanto, vão se construindo nos movimentos da história, diante das novas demandas sociais e culturais. Assim, o Concílio Vaticano II provocou mudanças teológicas e sociais no comportamento da Igreja, que foram do movimento litúrgico à abertura para um diálogo ecumênico e com maior participação leiga. Para o autor,

De fato, a Ação Católica levou os colegiais (JEC), os universitários (JUC), os operários (Juventude Operária Católica, JOC), Ação Católica Operária (ACO), o pessoal do campo (Juventude Agrária Católica, JAC) e pessoas dos meios independentes (Juventude Independente Católica, JIC) a inserir-se em seus ambientes específicos a tal ponto que trouxeram para dentro da Igreja toda problemática moderna que neles se veria. Além disso, a concepção clerical inicial de manter a separação entre leigo e clero foi pouco a pouco modificando-se e embaralhando as regras do jogo. (LIBÂNIO, 2005, p.22)

Padre Aldo Bollini parece-nos estar em estreita sintonia com as propostas de PIO XII, no que se refere às ideias e visões de mundo das relações conciliatórias entre patrões e operários. Ou seja, adepto da proposta da Paz social por meio da educação dos sujeitos para a obediência às autoridades e dependência dessas para a resolução dos seus problemas. Se consideramos os depoimentos citados por Negri (1996) que afirmam o caráter autoritário do padre, supomos que a Ação Católica trabalhada por ele parecia manter os seus fiéis ainda mais arraigados à hierarquia da Igreja, ou seja, dependentes de suas ordens. Pensamos que a leitura do Concílio Vaticano II por padre Aldo tenha sido a de continuidade e não de ruptura.

1.2 “Aonde chegava logo construía a escola: antes a escola depois a igreja...”

Passos e Delgado (2005), tratando do movimento educativo-religioso no período de 1889 a 1930, durante a Primeira República, afirmam que o aumento de congregações “importadas” nesse período, devia-se a intenção da Igreja defender seu espaço enquanto educadora., “[...] o objetivo principal era preservar os valores da fé cristã. Em vista disso, a Igreja defende seu direito de educadora [...] (PASSOS e DELGADO 2005, p. 60)”. Além de colégios, a Igreja fundou também, Escolas Normais para a formação de professores, porque se o Estado pretendia ampliar a educação, tornando-a pública e laica, também carecia de profissionais para atuar: “A escola católica, naquele contexto, reproduziu um tipo de educação interessante e conveniente à classe burguesa, com um trânsito profissionalizante junto às camadas populares” (PASSOS e DELGADO, 2005,p. 68).

Contudo, apesar do movimento de separação da Igreja com o Estado no fim do regime do padroado, o Estado precisava da Igreja, tanto pela mão de obra e a estrutura de trabalho, quanto para a manutenção da ordem social. A reação católica a essa separação previa a reconquista das elites e isso levou a fundação de colégios para a elite, o que não significou, entretanto, a inexistência de colégios e trabalhos destinados às camadas populares.

Segundo Cury (2005), a Igreja demonstrou plasticidade no sentido de atuar e interferir na esfera pública depois de sua separação constitucional e consequente privatização⁵. A instituição se reavivou no âmbito privado com fins a rearranjar a Nação dentro de um projeto seu. Com isso, assumiu diversas ações. De acordo com o autor,

atuando através de uma presença congregacionista forte em colégios e escolas nas cidades, e em internatos ou semi-internatos que serviam as elites agrárias carentes de estabelecimento de ensino próximos, a Igreja pode continuar sendo uma instituição segura, dedicando atenção especial ao público feminino reconhecidamente majoritário nas escolas normais para professores. Após a República, um projeto eclesiástico de “opção preferencial pelas elites” torna-se dominante. (CURY, 2005, p.87)

⁵ Cury (2005) chama de privatização da Igreja Católica a separação desta do Estado e suas ações no sentido de se constituir em uma instituição independente dos vínculos com o governo, ou seja, enquanto instituição privada (mas mantendo seu espaço de influência nas decisões políticas), já que o Estado, deixando de lado a invocação a Deus restringe a Igreja ao âmbito privado.

Acrescenta que sendo a Igreja uma das poucas instituições privadas nacionais, naquele momento, atuou também no setor da assistência social com orfanatos, asilos e casas de misericórdia, combinando a educação das elites, que eram muitas vezes as financiadoras dessas obras e as obras sociais. Preenchiam, muitas vezes, as lacunas deixadas pelo poder público e trabalhando de modo a manter seu espaço de influência social.

Com o aumento da urbanização e industrialização dos anos 30, no contexto do governo de Getúlio Vargas, emergem os problemas sociais pelo êxodo rural com a falta de estrutura urbana e social do país. A Igreja novamente assume frentes de ação junto à população e na formação das elites católicas, desenvolvendo políticas de aproximação com o Estado, por meio de interferências com um “poder indireto” constitucional, através da valorização do trabalho. E a interlocução com grupos de poder não católicos, criticando teses liberais destituídas de fundamento teológico e criando uma “[...] elite própria capaz de se impor por sua fundamentação e assim conquistar mentes e manter espaços políticos importantes.” (CURY, 2005, p.89). O que acabou por propiciar também o aumento de uma imprensa própria para a disseminação dessa fundamentação, pois a preocupação da Igreja Católica agora consistia nas visões de mundos que ganhavam força: o socialismo, o anarquismo, e o comunismo. Já que para ela o “laicismo era o caminho para o socialismo” (CURY, 2005, p.86). Esse comportamento iniciado nesse período, entretanto, estendeu-se pelas décadas seguintes com objetivos bem marcados de a Igreja manter seu poder de educadora. Uma das grandes preocupações de padre Aldo Bollini na década de 50, em seus escritos no *Garotos*, era o combate ao comunismo e a erradicação do analfabetismo. O artigo abaixo evidencia essa postura:

Escolas! Escolas! Escolas...

65% dos bragantinos são analfabetos.

Quando há 7 anos, cheguei a Bragança, logo fiquei bem impressionado desta cidade, da zona que a circunda, da bondade dos seus habitantes; o que me deixou triste foi constatar o grande número de crianças que não frequentavam a escola, [...]]Fiquei assombrado há dias, quando em palestra com Dona Carolina Ribeiro, DD. Secretária da Educação, ela me disse que em Bragança existem 65% de analfabetos. [...] Uma escola corresponde à formação de um cidadão e de um católico, mais que uma igreja. E esse problema da escola é nosso maior anseio, a nossa maior preocupação. Para

que servem à Igreja e a Pátria cidadãos e católicos analfabetos? [...] temos um grupo com 500 alunos, escolas noturnas; uma sala para escola noturna está sendo construída no alto da Vila Maria, que tem uma porcentagem de 98% de analfabetos; [...], mas que podemos fazer sozinhos, sem o apoio dos outros?

O padre parece querer reafirmar e justificar sua intenção de intervir na educação, pois acredita estar contribuindo para minimizar as lacunas do poder público, com o objetivo de criar ou reforçar suas parcerias para a construção de mais escolas, sob o argumento de que um cidadão analfabeto era inútil à sociedade.

Cury (2005) salienta que a Igreja atuou amplamente na sociedade a partir da década de 30 do século XX, procurando inserir-se no âmbito público de diversas maneiras, mas que o projeto que se tornou hegemônico foi o da formação de uma elite católica capaz de projetos corporativos-religiosos que combatiam os projetos comunistas. Sendo assim, embora não tenha conseguido todo o espaço que desejava na Constituição de 1934, a Igreja conseguiu permanências de alguns princípios que garantiram sua influência no poder público, entre elas, o ensino religioso nas escolas. O discurso do padre parece ser no sentido de tentar implementar iniciativas desse “corporativismo-religioso”, no caso do padre Aldo, formado por cooperações entre pais, autoridades, industriais e a Igreja, nesse caso, ele mesmo.

Já nas décadas de 1950 e 1960, em decorrência do Concílio Vaticano II (1961 – 1965) e as Conferências Episcopais na América Latina, a Igreja assume o modelo de Igreja “Povo de Deus” e os fiéis leigos passam a ter uma atuação mais ativa na organização eclesial. Esse novo modelo de Igreja também trouxe consigo o conceito de desenvolvimento, na perspectiva econômica e moral.

Segundo Ramos (2005), a educação das massas passava a ser considerada como instrumento de transformação social e garantia de participação de todos na democracia liberal de modo a transformar a sociedade brasileira de agrícola em industrial. Dessa visão decorre a criação de diversos órgãos com fins a educação popular. Entre eles, programas de escolas radiofônica, cria-se o Movimento de Educação de Base - MEB, fruto do convênio entre a CNBB (Conferência Nacional dos Bispos do Brasil) e o MEC (Ministério da Educação e Cultura). Aparecem também movimentos da juventude católica. A autora salienta, porém, a

heterogeneidade desses movimentos, uma vez que permaneciam também os setores conservadores da Igreja, cujos embates criavam contradições no interior da instituição.

Padre Aldo também estimulou movimentos culturais criando o teatro, o cinema na paróquia e práticas esportivas, criando um time de futebol chamado Legionários. Criou um programa na rádio local, mobilizou a educação, porém, demonstrou-se conservador na doutrina, procurando manter ao seu redor desde lideranças políticas e industriais até os trabalhadores operários no seu âmbito de atuação paroquial. Uma das iniciativas culturais promovidas por padre Aldo Bollini que são lembradas até os dias atuais na cidade foram as encenações da Paixão de Cristo. Eram peças de teatro de rua que aconteciam na Semana Santa, envolvendo muitos atores e mobilizando uma grande massa para assisti-la.

Não obstante às determinações da Igreja, padre Aldo tinha sua maneira de conduzi-las dentro de sua atuação missionária, no contexto em que vivia. Se as mudanças de posturas da instituição frente aos leigos, com o Concílio Vaticano II, culminariam, décadas mais tarde em aberturas ainda maiores, como as Conferências de Medellín (1968) e Puebla (1979), padre Aldo fazia suas intervenções missionárias sob o argumento de trabalhar pelos pobres e menos favorecidos.

Após as conferências de Medellín (1968) e Puebla (1979), a Igreja assume a “opção preferencial pelos pobres” que culminou na criação das CEBs, Comunidades Eclesiais de Base, com o intuito de formar lideranças católicas que atuassem junto a sociedade civil, no seu fortalecimento. Nesse período, também surgem as primeiras ONGs, em sua maioria, voltadas para a educação popular. Segundo padre Zecchin, “O que Puebla pediu no campo social, por outros caminhos, padre Aldo atingiu por seus próprios caminhos. Aliás, ele nunca conheceu outros caminhos que não fossem os seus próprios.” (NEGRI, 1996 p. 52)

É preciso levar em conta sempre, que embora recebam ordens e decisões de um mesmo líder, acreditem em um mesmo Deus e tenham práticas religiosas e preceitos comuns, os sujeitos dentro da Igreja Católica não formam um bloco monolítico. Agem de acordo com suas próprias ideias, dentro de um contexto local e cultural, adotam costumes e tomam decisões, às vezes diferentes das que foram determinadas pela hierarquia, embora se tente aproximá-las, o que tornam complexas as relações dentro dessa mesma Igreja. Assim, padre Aldo e padre Zecchin pareciam ocupar lugares e posições distintas dentro de uma mesma

diocese e de uma mesma cidade. Uma vez que padre Zecchin era mais jovem, nascido da elite política da própria cidade, atuava na região central e padre Aldo Bollini, mais velho, imigrante italiano, atuava na região afastada, mais pobre e, portanto, tinham um público de fiéis diferenciado. Dessa forma, pode-se compreender porque, naquele momento, padre Aldo parecia estar à frente de seu tempo, conforme afirmou padre Zecchin. Se a paróquia em que atuava era uma das mais pobres da cidade, ele precisava realizar o seu trabalho missionário de acordo com suas ideias e a realidade que tinha, e assim o fez. padre Aldo Bollini desenvolveu suas próprias estratégias e meios para realizar seu trabalho.

No que se refere ao estímulo à cultura, padre Aldo, construiu e abriu um espaço para o teatro e organizou um grupo de teatro de rua que se apresentava em ocasiões de celebrações católicas importantes, como a Paixão de Cristo na Semana Santa. A imagem a seguir é da edição de maio de 1963 do jornal Garotos, que traz, na primeira página, o artigo e as fotografias do evento. Segundo o que se lê no subtítulo, a encenação mobilizou 118 participantes entre os paroquianos.



GAROTOS

Jornal Mensal da Paroquia de Santa Terezinha e do Centro Social de São José

Resp.: Padre Aldo Bollini

Bragança Paulista, Maio de 1963 — N. 105



Paixão de Cristo ao Vivo

Bragança inteira vibra, entusiasma-se e chora á passagem da Via Sacra ao vivo - Grandioso espetáculo de fé - Maravilhosa atuação dos 118 participantes - Colaboração dos nossos cooperadores!



Jesus cai pela segunda vez

Noite inesquecível foi a de 7 de abril do corrente domingo dos ramos. Este dia permanecerá na história de Bragança: a inicial da Paixão de Cristo ao vivo, que não tinha nenhuma pretensão artística, mas graças ao entusiasmo e à boa vontade dos seus diretores e componentes tornou-se um acontecimento extraordinário. Tudo saiu perfeito.

Há três meses, na nossa oficina, os nossos colaboradores estavam trabalhando. Bastião, Venito, Manuel, Nico, Capinha, Queima, Anesio Agostinho e outros passaram muitas noites preparando couraças, espadas, capacetes, cruzes. Muitas vezes ficavam desanimados porque os capacetes não saíam a contento, mas a boa vontade venceu! Dona Kiti e Lourdes, com as suas companheiras, passaram dias inteiros costurando: eram vestidos de soldados romanos, túnicas dos judeus e fariseus, capas, vestidos de moços, que saíram das suas mãos. Não foi fácil preparar 118 vestidos para todos os componentes do drama sagrado, enquanto a turma do DER preparava disticos e tochas. Todo o material foi feito pelos nossos colaboradores. Nada foi alugada, exceto a peruca de Cristo.

As reuniões foram diversas para poder organizar todo o drama. Quantas corridas fez Carlos, para que nada faltasse. O entusiasmo aumentava cada vez mais com o passar dos dias. Foram organizadas listas para enfrentar as despesas não pequenas. Somente o mastro dos soldados custaram 700 cruzeiros o metro, imagine o restante! O vestido dos anjos foi feito com tecidos estrangeiros, vindos da Itália. Quinhentos mil cruzeiros não seriam bastante para comprar todo o material que foi preparado para esta manifestação.

No domingo dos ramos, os nossos artistas — assim podemos chamar esta gente humilde pela maravilhosa atuação desempenhada — estavam todos numa animação extraordinária.

Depois do esteticismo começaram a chegar as mulheres no grupo, os soldados no recreio superior, os judeus e fariseus no cine teatro.

As 17:45 teve início o drama sagrado. A praça e a entrada estavam repletas de gente. A polícia nos ajudou de maneira maravilhosa.

O cortejo foi aberto pela camioneta da Polícia Rodoviária fazendo uso da sirene, acompanhada por quatro soldados romanos a cavalo e uma turma de 18 anjos carregando disticos alvitreus à sagrada representação e os símbolos da Paixão de Cristo: flagelo, prego, martelo, tenalha, correntes etc.

Pilatos tomou lugar no alto do pretório (escadaria do Cine Teatro). Os soldados ocuparam todos os degraus, incluindo Caifaz e Anaz (sumos sacerdotes) com os servos, em

baixo a turma dos fariseus e dos judeus, com tochas, cordões e chicotes.

A hora marcada, Cristo, já coroado de espinhos, apareceu no alto do pretório, cercado pelos seus algozes. Na frente do povo, Pilatos lava as mãos. Inicia-se a via dolorosa: Cristo carregando a cruz.

Perceba que até o próprio tempo participava da Paixão de Cristo: nuvens negras surgiram no horizonte, o céu escureceu ameaçador.

O desfile iniciou-se solene, majestoso, conmovedor. Atrás dos anjos, Jeronias — o profeta que predisse a vinda do Messias; depois Pilatos, Anaz, Caifaz, o mau e o bom ladrão, Cristo com a cruz ladeado por soldados e acompanhado pelos judeus e fariseus. Atrás as piedosas mulheres.

Desde o início uma grande multidão acompanhou o desfile. Perto da fábrica caíram as primeiras gotas de chuva. Acentuava o mesmo quando da apresentação do Preceito Viver! Esse era o nosso lema.

Do fundo do cortejo ouviu uma prece: "Senhor, não peca mim, que não mereço, mas para esta gente que tanto trabalhou, que tanto entusiasmo está demonstrando, afastaí estas nuvens, afastaí o temporal". E nossa prece foi ouvida.

Emocionante a primeira queda! Não foi fácil afastar o povo. Os olhos, não só dos pequenos, não só das mulheres, mas dos homens também, brilhavam de lágrimas.

A precipitação subiu pela rua do Mercado: a praça estava superlotada. Ali realizou-se o encontro de Jesus com sua Mãe. Momento conmovedor!

E o desfile continuou através de uma corrente humana que se formava aos lados daquela rua. E Cristo era espaldado com o chicote quando uma menina, emocionada, gritou: "Pá, malcriado, se não vou chamar meu irmão para lhe dar uma surra!". No Largo das Pedras, Ciríaca foi intimado a carregar a cruz. No Largo Jacinto Domingos deu-se a cena da Verônica: magnífico espetáculo, o vento parecia participar, viver o drama sagrado.

O cortejo segue pela rua Cel. Oestiro. A boa iluminação daquela artéria dá ao espetáculo maior grandiosidade, mais beleza. Em frente ao Cine Bragança verificou-se a segunda queda de Jesus, tão realista que muitos choravam emocionados.

As piedosas mulheres esperavam na escadaria da Igreja do Rosário: uma por uma desceram e foram até ao Cristo, beijando-lhe a veste. Cena muito formidável! Uma menina que a assistiu, não suportando a emoção, desmaiou.

A precipitação continuou descendo, acompanhada pelos chicotes da Paixão que o alto-falante transmitia e os comentários do locutor. No Lavapés, Cristo caiu pela terceira vez. Atrás uma grande multidão, a diras pernas contida pela cordão policial, acompanhava-na. Quarta multidão corria na frente para poder ocupar os melhores lugares da praça de Santa Terezinha, para assim assistir à cena final. Majestoso e solene continuava o cortejo. De vez em quando ouvíam-se os estalos das chicotadas dos algozes.

A praça superior da Igreja de Santa Terezinha prestava-se como maravilhoso cenário à sagrada representação.

Entrando na praça, cada figura tomou o seu respectivo lugar: os anjos contra as paredes da igreja; os soldados a



Jesus carregando a Cruz

cavalo e a pé aos lados; Pilatos, Anaz e Caifaz no meio da praça; os judeus e fariseus espalhados na majestosa escadaria; as piedosas mulheres no início da escadaria.

O Cristo, carregando a cruz, chegou ao calvário. O barulho, ao microfone, acompanha o desenrolar da ação sagrada. Cristo é pregado; a cruz é erguida. Momento solene, emocionante! Caem as trevas sobre a terra; vento, ruído de chuva, de tempestade, trovões, relâmpagos. A praça inteira participa do grande acontecimento. As crianças agarram-se nos pescoços dos pais, assustadas. Muitos choram! Nunca haviam visto um espetáculo igual. Os fotógrafos, com seus "flashs", estavam ainda mais essa cena conmovedora.

Quando voltaram as luzes, lá no alto da escadaria destacava-se a grande imagem de Cristo Crucificado, tendo aos pés Nossa Senhora, Maria Madalena, S. João, José de Arimatéia, os soldados e os algozes. Cena perfeita! O drama sagrado encerrou-se.

Um por um, saíram os componentes da santa representação; gente humilde, que sem pretensão alguma viveu este drama, para beijar o Cristo Crucificado. Na frente os anjos; depois o grupo formado por Pilatos, Anaz e Caifaz; as piedosas mulheres, os judeus e os fariseus. Os soldados ficaram ao lado mantendo a ordem, enquanto o povo passava emocionado a venerar a santa imagem.



PAIXÃO DE CRISTO AO VIVO Jesus cai pela primeira vez

Figura 8: Jornal Garotos – Arquivo do CDAPH. Maio de 1963. Paixão de Cristo ao Vivo.

Negri (1996) afirma em seu livro que o principal meio, que padre Aldo utilizava para dialogar com sua comunidade acerca das obras que se realizavam nessa paróquia era o *Jornal Garotos*. Nós acrescentamos que além disso, era o principal meio pelo qual padre Aldo buscava colaboradores, utilizando-se de um discurso comovente, que procurava envolver as pessoas em um clima de gratidão, de oração, de intimidade familiar, passando a ideia de harmonia entre os colaboradores, paroquianos e o padre em estreita ligação com o que era planejado e construído na paróquia, em um sentimento de coletividade e a certeza de que todos a sua volta, inclusive ele, estavam sendo acompanhados bem de perto pelas forças divinas e eram privilegiados pelo recebimento de grandes bênçãos.

Segundo Negri (1996), na edição extraordinária de aniversário, de maio de 1983 no referido artigo chamado “Obrigado Senhor”, padre Aldo faz uma longa lista das obras realizadas durante seus 35 anos de atuação missionária naquela paróquia. O texto segue como uma espécie de lista das obras construídas, movimentos paroquiais e pastorais iniciadas, em um discurso que pretende dialogar com o próprio Jesus. É sempre interrompido pela expressão “Obrigado Senhor!”. Para o memorialista, esse artigo que ocupou o jornal inteiro da edição especial de 4 páginas de *Garotos*, era um pressentimento de sua morte e uma espécie de prestação de contas e despedida.

No dia 6 de junho, vinha criada a paróquia de São José e Santa Terezinha; na tarde do dia 5 de junho, tinham chegado os padres italianos.
 Já se passaram 35 anos. [...] No domingo, dia 13 de junho de 1948, padre Aldo celebrava a primeira santa missa na construção-capela de São José e Santa Terezinha. Passaram-se 35 anos, agora são milhares de pessoas que assistem à missa na igreja paroquial e nas capelas da cidade e da zona rural.
 Obrigado, Senhor! (NEGRI, 1996, p.20)

E na sequência, inicia uma lista de realizações, sempre seguida da expressão “Obrigado Senhor!”:

Na paróquia, em 1948 foi fundado o Legionário Esporte Clube.
 Em 1948, foi fundado o jornal A VOZ DE BRAGANÇA.
 Em 1953, foi fundado o jornal paroquial GAROTOS, que continua sendo publicado com uma tiragem de 4 mil exemplares. Obrigado, Senhor!
 Em 1952, foi fundada a Companhia da Doutrina Cristã.
 Em 1968, iniciou-se o movimento de cursilhos, dirigidos por padre Aldo.
 No mês de novembro de 1972, iniciou-se o Movimento do Encontro dos Casais com Cristo e, em junho de 1973, foram iniciados os cursos de preparação ao casamento para os noivos. Obrigado, Senhor!

Em 1963, foi realizada a primeira campanha das ofertas do dízimo, que continua, até hoje com 1200 adesões. Obrigado, Senhor! (NEGRI, 1996, p.20)

E mais adiante enumera as escolas fundadas.

[...] Foram construídos 4 complexos escolares nos bairros de Vila Santa Terezinha; Vila Bianchi, Vila Maria e Vila Santo Antônio. Só nas salas de aula de Vila Santa Terezinha, já se passaram 21.500 alunos. Foram construídas numerosas escolas nos bairros mais isolados da zona rural da paróquia.

Desde 1949, funciona o curso de Corte e Costura. Mais de 4000 alunas já aprenderam a costurar.

Nos 35 anos, foram construídas a casa Paroquial, a casa de Retiros Espirituais, o Jardim de Infância, a Casa da Juventude com o salão João Paulo II, a Casa de descanso e férias Recanto Nazareth, as Obras Sociais do centro, de Vila Bianchi, de Vila Santo Antônio e de Vila Maria. Obrigado Senhor! (NEGRI, 1996, p.20)

Na sequência, lista os templos construídos:

Foram construídas:

- a igreja paroquial de São José e Santa Terezinha;
- a igreja de Cristo Crucificado de Vila Bianchi;
- a igreja paroquial de São Francisco (em construção)
- as capelas: Coração Imaculado de Maria...

(segue a lista de 22 capelas na zona rural, que omitimos, ndr.)

[...] Em 1971, iniciou sua atividade a farmácia Cáritas para os doentes pobres.

[...] Por 34 Natais, com a campanha “Faça uma Criança Sorrir” e com a “Sacola do Menino Jesus” ou também com a “Cesta da Caridade”, temos proposto uma maneira de ajudar um milhar de famílias necessitadas. Obrigado, senhor! [...] (NEGRI, 1996, p.20)

Porém, padre Aldo em sua atuação missionária contou com a parceria de outro missionário do PIME, que permaneceu junto a ele na paróquia durante anos, o padre Donato Vaglio. Esse padre também participou do trabalho memorialístico de Negri. Disse ele:

[...] Nos anos 50, pouco importava às autoridades e aos fazendeiros que os camponeses tivessem escola, pois, só deviam lavrar a terra. O ler e o escrever era inútil para eles. Padre Aldo, pelo contrário, aonde chegava, logo construía a escola: antes a escola e depois a igreja. Melhor, construía uma sala que servia de escola durante a semana, e aos domingos servia como capela. Também nos bairros da cidade, onde havia um certo número de

moradores, padre Aldo logo construía a escola. As professoras eram pagas pelo governo que reconhecia a escola, mas a construção, a manutenção, o material didático e escolar, as refeições sempre foram pagas pelo padre Aldo. [...] (NEGRI, 1996, p. 45)

Essa proximidade entre poderes público e privado foi discutida por Saviani (2010). O autor identificou-a como promíscua, uma vez que estes poderes nunca estiveram separados ou totalmente unidos. Na história da educação brasileira, percebemos a constante participação da Igreja na educação pública.

Na discussão do período de 1931 a 1961, o autor enfatiza a relação educação pública e industrialismo no processo de industrialização e urbanização que configurou o fenômeno da modernização social no país. E chama de “protagonismo das três trindades” a atuação de sujeitos que atuaram na política e educação, entre 1930 e 1945, nas esferas: governamental, da renovação das ideias educacionais e da posição católica. Foram eles respectivamente: Getúlio Vargas, Francisco Campos e Gustavo Capanema; na esfera da renovação das ideias educacionais: Fernando de Azevedo, Anísio Teixeira e Lourenço Filho; e na posição católica: Cardeal Sebastião Leme, padre Leonel Franca e Alceu Amoroso Lima.

A demanda por profissionais para a indústria emergia, e nesse contexto, a renovação educacional requeria avanços, de modo que o Brasil “passou de um atendimento educacional de pequenas proporções para, próprio de um país predominantemente rural, para serviços educacionais em grande escala. [...] (SAVIANI, 2010, p. 36).”

O conflito, entretanto se deu na disputa dos interesses dos grupos representados pelas “três trindades” sobretudo na aprovação da Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional. Para Saviani (2010), a esfera governamental tirou proveito da disputa entre renovadores e católicos porque a Igreja representava o poder de hegemonia conservadora e ação política com o povo e os renovadores escolanovistas representavam a viabilização da modernização do país pela educação. Nesse cenário, dava-se também as disputas entre defensores das escolas particulares (a Igreja era uma das interessadas na manutenção de escolas privadas) e os defensores da escola pública, o que culminou com a equiparação, no texto de 1961, de escolas públicas e privadas admitindo subvenções públicas aos estabelecimentos privados e concessão de bolsas de estudos.

Durante o período de 1937-1955, a educação se organizou no contexto da industrialização dentro de um modelo nacional desenvolvimentista. A ênfase é dada ao trabalho manual e o ensino pré-vocacional. Nesse cenário, fermentam-se as ideias educacionais iniciadas desde a década de 1920 e inicia-se um trabalho de elaboração de um anteprojeto de lei de diretrizes e bases encaminhado à câmara federal em 1948 que iria ser aprovada apenas 13 anos mais tarde, permeada de grandes disputas políticas e ideológicas. A partir daí, se inicia um debate a que o projeto deu origem: a centralização X descentralização da educação. O que estava em pauta era a defesa de interesses e princípios entre escolas públicas e privadas. Alguns setores da Igreja Católica defendiam que a escola pública não formava “as almas” e que, portanto, instruía, mas não educava. Sendo assim, somente as escolas confessionais seriam capazes de formar adequadamente o ser humano.

Entretanto, sabe-se também, que outros setores da Igreja faziam outra leitura desse movimento, como é o caso do padre Álvaro Negromonte que participava ativamente pelo escolanovismo no Brasil, produzindo materiais didáticos e discussões que “combinavam” a doutrina católica às propostas escolanovistas do conhecimento científico. (ORLANDO, 2006)

Padre Aldo parecia não estar envolvido nessa discussão. Sua preocupação era a erradicação do analfabetismo e formação para o trabalho, como meio de formação de mão de obra, e do cidadão católico participativo. O discurso do padre nos periódicos leva a essa conclusão.

Em Bragança Paulista, até a chegada de padre Aldo, a cidade contava com apenas dois grupos escolares localizados um no centro e outro em uma região mais afastada do centro⁶.

Sobre como o padre conseguia os recursos para a realização de suas obras, Donato (Apud NEGRI, 1996, p.45) afirmou:

Chegava ajuda de seus amigos da Itália, mas também sabia conseguir colaboração das famílias que o ajudavam porque viam que trabalhava com seriedade por elas. Tinha também, um grande faro para os negócios, se virava de qualquer jeito, comprou até um porto de areia para as construções e até a estação do trem. Construiu casas na cidade em terrenos abandonados da diocese: construía e depois vendia e, com o que ganhava construía escolas

⁶ Eram os grupos “Jorge Tibiriçá” e o “José Guilherme”, estudados respectivamente por Daniel Medeiros (2013) e Marcello Teixeira Franceschi (2013) em seus trabalhos de Mestrado em 2013, orientados pela profa. Dra. Maria de Fátima Guimarães. Esses trabalhos trazem à tona os conflitos que haviam, entre outros aspectos, em torno das disputas pela localização e nomeação desses grupos, bem como pelo status social da clientela.

na zona rural e ajudava os pobres. Filho de pedreiro, ele mesmo tinha trabalhado com o pai quando criança, portanto entendia de construções e, aqui, conseguiu ajuda de alguns engenheiros para os projetos, mas, depois, ele mesmo subia nos andaimes com os pedreiros e trabalhava. (NEGRI, 1996, p. 45)

Observa-se que o missionário não citou a ajuda que padre Aldo conseguia junto às autoridades e aos industriais da cidade. Porém, no *Jornal Garotos* aparece explicitamente o nome de seus “benfeitores”.

Os trechos que seguem são sobre a construção do grupo escolar Coronel Francisco de Assis Gonçalves e das obras sociais. O padre narra as etapas e fala de lutas para a aquisição do terreno para desenvolver os projetos. Afirma que conta com a parceria de um representante do governo do Estado Dr. Alcindo Bueno de Assis como importante facilitador para a realização das ideias do padre.

As atenções eram voltadas ao grupo constantemente, de modo que foi colocado em evidência no jornal *Garotos*, quando foi criada uma página especialmente para as notícias do grupo. Na edição de maio de 1953, aparecia, pela primeira vez, a coluna “Nosso Grupo” referente ao grupo Coronel Francisco de Assis Gonçalves.

A Coluna trazia notícias do grupo, trabalhos dos alunos⁷, cartas de correspondência deles com outras escolas e até outros países, “quadro de honra” mostrando os alunos que se destacaram e pequenas frases de reflexão. Trazia ainda, balancetes de caixa escolar, relação de doadores com seus respectivos valores de doação para o caixa escolar. Percebe-se, que a partir daí, o Grupo ia ganhando destaque por entre as páginas do jornal e na comunidade de forma mais intensa. A imagem abaixo é a fotografia da coluna “Nosso grupo”, da edição de maio de 1953.

⁷ Sobre os trabalhos dos alunos que eram exibidos pela coluna podemos perceber algumas pistas de como era ensinada a disciplina de História no contexto daquela época. Percebemos que se utilizava de um discurso preconceituoso e de incentivo ao conformismo como se este fosse uma das características de heroísmo. Na coluna podemos ler na redação de um aluno, sobre o dia do índio: “[...] Os índios não gostavam de trabalhar. Para ensiná-los era preciso muita paciência e jeito. Vieram os padres jesuítas que abriram escolas para os indígenas.[...]” e na redação de outro aluno, considerada uma dissertação e intitulada “Tiradentes” lemos sobre o desfecho do conflito: “Recebeu sua pena sem a menor relutância e é considerado o “Mártir da independência”. Esses trabalhos, provavelmente, eram considerados os melhores, para serem publicados. Entretanto, não é objetivo desse trabalho discutirmos sobre o ensino de História, mas sinalizamos a importância da temática para futuras pesquisas.

NOSSO GRUPO

Cel. Francisco Assis Gonçalves

Apresentação

"GAROTOS" — publicação mensal das Obras Sociais de São José e Santa Terezinha, tem grande simpatia e a admiração dos grandes e pequenos leitores.

Já pela sua apresentação cuidadosa e artística, já pelos artigos e preciosos conceitos que emite, a sua leitura constitui um meio seguro para a educação moral e intelectual dos pequenos e jovens bragantinos.

Daqui por diante, "GAROTOS" terá também a página dedicada às atividades dos alunos do G. E. "Cel. Francisco de Assis Gonçalves".

Publicaremos os melhores trabalhos, as melhores notas, tudo enfim, que se relacione com a nossa vida escolar.

Eia! pois, alunos do "Assis Gonçalves"!

Bastante dedicação aos estudos, muito respeito aos pais e aos mestres, para assim elevarmos o alto o nome de nossa querida Bragança Paulista, num esforço contínuo para dignificar São Paulo, honrando o Brasil.

Aproveitando o ensejo que se nos apresenta queremos consignar na singeleza destas páginas, nossa grande admiração pelo trabalho edificante das professoras do estabelecimento, cujo esforço e dedicação muito tem contribuído para a elevação do nível cultural da gente bragantina.

Não podemos também deixar de manifestar aqui, nossa profunda gratidão às almas generosas desta terra, que tão prontamente, têm correspondido ao nosso apelo, em prol daqueles menos favorecidos pela corrupção da sorte.

Agora, queridos amiguinhos, um último conselho:

Aproveitem o momento que passa.

Daqui há pouco você deixará os bancos escolares e será um homem.

Que tristeza se não for um indivíduo bem educado e instruído!

Mas, que alegria — que infável alegria — se você, bem aproveitando o seu tempo na escola, tornar-se amanhã, — pela educação e pela instrução — um elemento útil à sua família, à sua sociedade e à sua Pátria!

M. P. F.

BALANCETE DA CAIXA ESCOLAR

(MESES: JANEIRO a MAIO — 1953)

Saldo anterior — Cr\$ 807,80	
RECEITA	
Contribuição de alunos	Cr\$ 301,50
" de professores	95,00
" particulares	2.519,30
Juros	3,60
Subvenção da L. B. de Assistência	600,00
SOMA	Cr\$ 3.519,40

DESPESA:	
Material escolar	1.800,00
Merendas	19,50
Medicamentos	17,50
Eventuais	110,00
SOMA	Cr\$ 1.947,00

RESUMO:	
Saldo anterior	Cr\$ 807,80
Receita	3.519,40
Soma	4.327,20
Despesa	1.947,00
Saldo	2.380,20

NOTA: — a) Deixamos de incluir a despesa com pão, mortadela, doce, queijo etc., do mês de maio, em virtude de ser mensal a caderneta do fornecedor.

b) O "Serviço de Lanche Escolar", foi instalado em 5-5-53.



A MARCHA DA CIENCIA...

Nasceu o torpedó sobre trilho

300 QUILOMETROS SOBRE UM TRILHO
A experiência foi efetuada em Glasgow, pequena cidade da Inglaterra. Na Alemanha, foi lançado outro modelo, o Brennan, mantido em equilíbrio por dois giroscópios.

TORPEDO SOBRE UM SO' TRILHO

O novo modelo de um só trilho de Werners Green desenvolve sua velocidade apoiando-se sobre uma parte de aço. O trem é movido a electricidade e as rodas são substituídas por um dispositivo mantido ainda secreto. Sessenta engenheiros especialistas tomaram parte na construção de um trem comum. Se você quer fazer uma ideia das possibilidades desse aparelho pense em que ele poderá fazer o percurso São Paulo-Rio em uma hora e meia. A América e a Austrália já demonstram interesse por essa estranha invenção, que como todas as outras nasceu do cérebro de homens que querem andar cada vez mais depressa.

A. SERGE.

Trabalhos produzidos pelos alunos

O DIA DO INDIO

Os índios já moravam aqui, quando Cabral descobriu nossa terra. Eles andavam sem roupa, só de tanga. Pintavam e enfeitavam o corpo com penas coloridas e colares de dentes de animais. Furavam os lábios e o nariz para pôr pedaços de ossos ou madeira. Sua pele era bronzeada e os cabelos lisos e compridos. Alimentavam-se da caça, da pesca, de raízes e de frutas. Moravam em tabas e viviam em tribos. Cada tribo escolhia um homem forte e valente na guerra para ser o cacique. Os índios não gostavam de trabalhar. Para ensiná-los era necessário muita paciência e jeito. Vieram os padres jesuítas que abriram escolas para os indígenas. Esses padres eram José de Anchieta, Manoel da Nóbrega e Manuel de Paiva.

ALUNO: — José Maria Bechara — 2.º ano masc.

TIRADENTES

O povo brasileiro estava desgostoso com Portugal, pois, tirava todo proveito de nossa terra. Portugal não se interessava pelo progresso do Brasil. Existia em Minas Gerais grande número de pessoas de destaque que juntamente com outras pensavam de arrumar um modo de se livrarem de Portugal. Formaram assim uma conspiração tendo como chefe a figura imortal de Joaquim José da Silva Xavier, cognominado o "Tiradentes". O movimento seria iniciado por ocasião da arrecadação dos impostos atrasados. Entretanto, um traidor denunciou vilmente seus companheiros. Chamava-se ele Joaquim Silvério dos Reis. Tiradentes sendo o chefe tomou toda a responsabilidade, recebendo como castigo o suplicio da fôrca, em 21 de abril de 1792. Recebeu sua pena sem a menor relutância e até hoje considerado o "Mártir da Independência".

ALUNO: — Edmur Lázaro — 3.º ano masc.

Relação dos pessoas que têm contribuído para a nossa Caixa Escolar:

Stefani & Cia	Cr\$ 500,00
Falimácio de Souza Ferraz	100,00
Siguel Moraes F.O	100,00
Vicente Sabella	100,00
A. Adolfo Ben	200,00
João Muniz	50,00
Mina Vergul	50,00
Florivaldo Brandl	50,00
Vicente Colucci	50,00
Virgílio Di Nizo & Cia.	200,00
Casa Carioca	100,00
Antonio Orsini	100,00
João Bianchi	100,00
Anônimo	50,00
Sorvetoria S. Benedito	20,00
Isolina Barreto	20,00
A. Salaroli Sotuzinho & Cia.	50,00
Gilberto José Rosa	20,00
Atílio José Bernardi	30,00
Plínio Pereira Cesar	50,00

Recebemos ainda os seguintes donativos: Sr. Maneco Fachada, "Papeleria Borges", S. Paulo, boa quantidade de material escolar. Mauro Del Royo, 2 máquinas para cabelo. Vicente Salles, 2 cachos de bananas. Da. Maria do Carmo, 1 dúzia de camisas brancas. N. N., 3 sacos de laranjas.

A DIRETORIA

O DIA DAS MÃES

Hoje comemoramos o dia das mães. É a mãe que nos embala quando recém-nascidos. É ela que nos cria com carinho e bondade. Ela nos dá comida na hora certa e nos ensina a balbuciar as primeiras palavrinhas. Educa quando somos pequenos e trabalha para conseguir o pão de cada dia, quando nossos pais ganham pouco. Deus é que nos deu nossa mãe, tomando por modelo a Virgem Maria. ALUNO: — Benedito Leonardo Simões — 3.º ano masc.

A DESCOBERTA DO BRASIL

Em 9 de março de 1500 partiu de Portugal uma grande esquadra formada por 13 caravelas comandadas pelo almirante português Pedro Álvares Cabral. Ela destinava-se às Índias, com quem o governo português desejava ampliar o seu comércio. As ordens recebidas eram para que se afastassem das costas da África, para evitar a falta de vento e enfermidades. Cumprindo as ordens, as caravelas tanto se afastaram que logo começaram a perceber sinais de terra. Avistaram um grande monte que recebeu o nome de Monte Pascoal. Dias depois, a 22 de abril, desembarcaram em terra firme, dando-lhe o nome de Ilha de Vera Cruz, por julgarem que fosse uma grande ilha. Depois de tomar posse da terra em nome do rei de Portugal, Cabral mandou levantar uma cruz, sendo celebrada a primeira missa, por Frei Henrique de Coimbra. Verificamos, mais tarde,

Intercâmbio inter-escolar

Neste mês os alunos Benedito Leonardo Simões escreveu a um japonês de Hiyawa-cho Shibuya-ku — Tokio. Moacyr Ferreira de Godoy, a um italiano de Pagnano de Merate — Como. ALUNO: — José Clodovaldo Moitas — 2.º ano masc. Hoje comemoramos o dia Panamericano, isto é, o dia das Américas. Os americanos devem ser unidos e amigos dos países vizinhos. Existem três Américas: a do Sul, a do Norte e a Central. O Brasil fica na América do Sul. É o país mais populoso do Continente Sul Americano. No Brasil falamos a língua portuguesa. Os brasileiros que tanto batalharam em prol do Panamericanismo foram: Joaquim Nabuco e Barão do Rio Branco. ALUNO: — José Clodovaldo Moitas — 2.º ano masc.

Figura 9: Fonte Jornal Garotos - Arquivo do CDAPH. Foto de página inteira da coluna Nosso Grupo - Maio de 1953.

Um texto publicado nessa edição, de autoria desconhecida narra brevemente o processo de construção desse Grupo:

Nosso grupo foi instalado no dia 1.º (primeiro) de agosto de 1952, com quatro (4) classes apenas. Em outubro do mesmo ano foi anexada ao estabelecimento, a Escola Industrial de Santa Basilissa. (“Pelo Ensino”, Edição 5, Junho De 1953, Página 3, Pequeno Texto Inserido Na Coluna "Nosso Grupo" – *Jornal Garotos*)

Em 5 de dezembro de 1954, foi lançada a pedra fundamental, juntamente com a inauguração das outras obras na paróquia. Padre Aldo parecia conservar o hábito de fazer várias comemorações em apenas um evento para realizar aquilo que chamava de “grandiosas festas”, já sinalizando para as próximas etapas ou projetos de construção, esforçando-se por manter sempre em evidência a sua paróquia e as necessidades da mesma.

A festa de 5 de dezembro, não é o final, mas sim uma etapa no longo caminho do bem, uma etapa que sirva para mostrar aquilo que já se fez e o que está para ser feito: uma festa de agradecimento e reconhecimento a todos os nossos colaboradores e benfeitores. [...] Agora a igreja está pronta para funcionar; não dizemos que está terminada, pois ainda faltam muitas coisas: o piso, os bancos, a instalação elétrica, mais tarde, o órgão, os sinos, as colunas, etc. mas com o tempo tudo terminará bem.[...] Como a Igreja foi construída com a cooperação de todos, ricos e pobres, três senhoras e três senhores representarão na solenidade todo o povo e os nossos colaboradores, juntamente com os representantes da Companhia Textil Sta. Basilissa, Indústrias Carretero, Stefani & Cia., Raposo & Cia., que durante esses cinco anos muito nos ajudaram.[...] Quantos trabalhos e aborrecimentos nos custou este novo grupo. Quantas lutas e preocupações. [...] (*Jornal Garotos*, 5 de dezembro de 1954)

E em Junho de 1955, na edição 29, página 3 já se pode perceber um conjunto de pequenas notificações do cotidiano escolar. Entre elas, a anexação de grupos escolares ao Coronel. Assis Gonçalves e uma campanha de uniformes:

Anexação: no mês passado foram anexadas em nosso grupo duas escolas isoladas que funcionavam na Vila Camarão. Assim, atualmente, o nosso grupo conta com dez classes primárias e duas de educação infantil. [...] Campanha do Uniforme: Todos sabem que o nosso grupo é o mais pobre da cidade. Nossas crianças são filhas de pobres operários que necessitam de tudo. [...]. A diretoria do grupo está distribuindo uniforme aos necessitados. Foi feita na semana passada uma compra de uniforme no valor de Cr\$

6.500,00. Há quem pense que o dinheiro vem do Govêrno. Nada mais errado. Esta iniciativa depende exclusivamente das boas professoras que se preocupam com seus alunos. [...] ("Notícias Diversas", *Jornal Garotos*, Junho de 1955, Edição 29, Página 3. Texto da Coluna "Nosso Grupo" Fonte arquivada no CDAPH)

Sobre o analfabetismo e a falta de instrução afirma padre Aldo:

A ignorancia é tão grande, que o povo nem sabe que é ignorante, e pensam que nos estão fazendo um favor quando, depois de tantas insistencias mandam os filhos à escola, sempre prontos, por um nada, por um mal entendido com a professora ou com o padre, a tirá-los da escola. Existe a lei que obriga os pais a mandarem seus filhos à escola, mas quem se preocupa com a lei? O próprio govêrno transcura êsse importante problema.

Padre Aldo responsabiliza as autoridades administrativas, mas não define as esferas, se estaduais, federais ou municipais. E cobra mais consciência por parte dos pais e cooperação entre família, escola e poder público.

Anos mais tarde, sem comemorações e com certa discrição, *Garotos* informa a inauguração do prédio oficial do grupo escolar Francisco de Assis Gonçalves no dia 1 de maio de 1958, com um artigo na terceira página, sem fotografias e sem autoria, intitulado: "Inaugurado o nosso novo grupo escolar Cel. Francisco de Assis Gonçalves." E seguia o texto:

Outro nosso grande sonho tornou-se realidade: uma ideia pela qual trabalhamos sem sossego por 10 anos, concretizou-se neste mês com a benção do novo prédio escolar. O acontecimento passou despercebido; não quisemos dar nenhuma publicidade; foi uma coisa familiar; nem todas as professoras estavam presentes: foi uma festa íntima de Padre Aldo, do diretor, dos alunos e de alguns cooperadores. Nenhum convite especial houve, nenhum programa extraordinário. Precisávamos, antes, agradecer a Nossa Senhora este milagre que ela fez, por ter conseguido entre inúmeras dificuldades e lutas, esta grande vitória; por isso no dia 1º de maio, às 8,30 horas, nos reunimos na igreja entoar o hino de agradecimento à Santa Missa. [...] Foi uma luta dura, pesada, para conseguir o que nós conseguimos. Depois do agradecimento a Deus e a Nossa Senhora de Fátima, devemos ser gratos ao Ministro Dr. Alcindo Bueno de Assis que foi a mão de Deus nesse grande empreendimento. [...] (*Jornal Garotos*. Maio de 1958, nº62. Artigo na página 3)

Parece-nos que nesses anos, desde 1955, entre padre Aldo Bollini e a política local e o bispo, estavam estremecidos alguns laços. O fato de a inauguração do prédio do grupo ter se passado em surdina e o artigo publicado a respeito dar a entender que os únicos mercedores

de agradecimentos eram Deus, Nossa Senhora de Fátima e o Ministro Alcindo Bueno de Assis, é um indício de que algo entre ele a administração da cidade e o Bispo não estavam em perfeita sintonia. Não houve autoridades presentes, nem sequer o bispo, e os demais periódicos da cidade, nada veicularam a respeito.

Outro fato nos remete a essa conclusão. Diz respeito à criação do SESI em Bragança Paulista, um acontecimento que não teve nenhum destaque nos periódicos locais, tão pouco em *A Voz de Bragança*, e que sugere que padre Aldo tinha proximidade com os industriais, mas não teve apoio da administração local para esse empreendimento. Em *Garotos*, padre Aldo Bollini afirmou ter articulado a abertura da primeira unidade do SESI em Bragança, a unidade da Vila Bianchi, em 1959.

Segundo Weinstein (2000) as instituições SESI e SENAI significavam a disseminação da cultura de racionalização do trabalho e dos princípios de administração científica. Mais ainda, significavam os instrumentos usados pelo Estado para a promoção da “Paz Social” por meio da educação cultural dos trabalhadores para a da “mão de obra ordeira”. Segundo essa autora, os representantes do SESI organizavam, sempre que possível, atividades envolvendo as famílias dos operários em prol de benefícios sociais. “O objetivo, afirmava um articulista do SESI, era ensinar os contramestres a agir de forma correta motivados por uma profunda fé na dignidade humana e não apenas exigir aumentos da produtividade.” (WEINSTEIN, 2000, p. 290). Segundo essa autora, esse ideal era calcado em princípios cristãos que buscavam educar os supervisores para a manutenção da harmonia entre os operários e a administração da fábrica, que nesse contexto, tentava se constituir dentro de padrões racionalistas.

Na edição de setembro de 1956 de *Garotos*, podemos ler um artigo que remete a uma troca de cartas entre o padre e as autoridades responsáveis pelo SESI. Nesse artigo nos parece que havia um consenso entre o padre e alguns industriais para abrir uma unidade do SESI em Bragança, mas o pedido foi feito em nome do padre. É curioso observar que não há menções a políticos nesse artigo, embora mencione “pessoas amigas” não divulga nomes.

O artigo intitula-se “Centro Educacional do SESI em Bragança” e ocupa um espaço no centro da primeira página com continuação na última. Após justificar o objetivo de “trabalhar pela educação do povo” como uma “preocupação pelo analfabetismo e atraso” da população, o artigo afirma: “Com o auxílio de pessoas amigas entramos em entendimentos com o SESI

para fundar aqui em Bragança junto ao nosso Centro Social de S. José um centro educacional do SESI. [...]” e coloca na sequência a carta que veio como resposta:

Ao Revmo. Padre Aldo Bollini e Srs. Industriais de Bragança Paulista. Com referência ao pedido contido na carta de 14 de julho p.p. comunicamos Vv.Ss. que já foi autorizada a inclusão no orçamento do ano vindouro da verba necessária ao funcionamento do Centro Educacional da SESI nessa cidade. (Jornal Garotos - Arquivo do CDAPH. Setembro de 1956. “Centro educacional do SESI em Bragança.” Artigo na primeira página, com continuação na última, sem indicação de autor.)

A carta prossegue solicitando que, para tais empreendimentos, se providenciasse um prédio com as adaptações que se fizessem necessárias. Termina assinada por Antônio Divisate, diretor do departamento Regional. O artigo é concluído enfatizando a necessidade de um terreno para a construção.

Três anos mais tarde, padre Aldo Bollini enaltece a inauguração da escola em um artigo em *Garotos*, na edição bimestral de outubro/novembro:

Domingo, dia 11 de outubro, foi dia de grande festa na paróquia do Matadouro: Celebrava-se a festa da gloriosa padroeira Sta. Terezinha e no mesmo dia inaugurava-se o Centro educacional n. 12 do SESI, na Vila Bianchi. Este Centro, era uma outra “rosa” que a gloriosa santinha nos mandava do céu. A gente da Vila, e particularmente a mocidade, estava alegre, mas quem estava mais contente, era Padre Aldo: êle via outro seu sonho realizado. Há muito que êle desejava fazer alguma obra de vulto em benefício do bom povo daquela grande vila; não poupou esforços, procurou as autoridades, mecheu em todos os lugares e depois, quando viu que dos outros não podia conseguir nada, enfrentou sozinho o problema. Correu para cima e para baixo, procurou benfeitores, colaboradores, surgiu a Igreja de S. Jorge e S. Benedito, comprou quase dois mil metros de terreno e depois construiu um prédio escolar com 4 salas. Sta. Terezinha mandou-lhe uma de “suas rosas” na grande colaboração do Serviço Social da Indústria que, a pedido do vigário, abriu o Centro Social n. 12 que mantém agora na paróquia 16 cursos de alfabetização, de corte e costura, jardim de infância.” (Garotos: outubro/novembro de 1959. N. 74. Vila Bianchi em festas: Inaugurado o centro Educacional n.º 12 do SESI. Mais de 1.000.000 de cruzeiros foram gastos pelo padre Aldo nas obras sociais da Vila – cooperação do SESI – Alfabetização de adultos – corte e costura – 13 cursos em funcionamento – Grêmios do sesinho – outras iniciativas.)

O artigo segue descrevendo o evento, enfatizando os detalhes e o caráter de celebração festiva da inauguração. Nele, o padre elogia pessoas, sobretudo as professoras que se empenharam pela realização da festa, agradece a Santa Terezinha e menciona os gastos com a obra (1.000.000 de cruzeiros). Cita os nomes das autoridades regionais do SESI presentes, mas não menciona se havia políticos da administração municipal presentes, nem cita o nome do prefeito e nem do bispo.

A comitiva paulista era composta de da. Maria Brás, diretora da divisão de Educação Fundamental, da. Lucy Soares de Oliveira, Supervisora da Divisão de Educação de Base, da. Amélia, Supervisora da Divisão de Educação de Base, sr. José Rossi, assistente social representante do Sr. Delegado Regional Antonio Devisate. (Garotos: outubro/novembro de 1959. N. 74. “Vila Bianchi em festas: Inaugurado o centro Educacional n.º 12 do SESI. Mais de 1.000.000 de cruzeiros foram gastos pelo padre Aldo nas obras sociais da Vila – cooperação do SESI – Alfabetização de adultos – corte e costura – 13 cursos em funcionamento – Grêmios do sesinho – outras iniciativas.”)

No final do artigo, que o padre, durante o texto, chama de “relatório”, faz um agradecimento a todas essas pessoas:

[...] pela colaboração que continuamente recebemos em benefício dos filhos dos trabalhadores da indústria, desejando que esta aumente ainda mais para que maior sejam os frutos maravilhosos que esta gigantesca árvore do SESI está produzindo pelo bem do nosso Brasil. (P.A.B.) (Garotos: outubro/novembro de 1959. N. 74. “Vila Bianchi em festas: Inaugurado o centro Educacional n.º 12 do SESI. Mais de 1.000.000 de cruzeiros foram gastos pelo padre Aldo nas obras sociais da Vila – cooperação do SESI – Alfabetização de adultos – corte e costura – 13 cursos em funcionamento – Grêmios do sesinho – outras iniciativas.”)

É relevante observar aqui que esses escritos encontraram-se no jornal *Garotos*. Em *A Voz de Bragança* assim como nos demais periódicos, o *Bragança Jornal*, *Cidade de Bragança* e *Tribuna Bragantina*, não encontramos sequer menção a esse acontecimento, aparentemente relevante para a cidade: a inauguração do SESI. Considerando a relevância dessa instituição no período, enquanto expressão da educação para o trabalho dentro da racionalidade fabril, esperávamos encontrar nas fontes muitas referências a esse evento e ao nome de padre Aldo, que se apresenta como o “herói” da conquista do SESI.

Contudo, muito embora padre Aldo, em *Garotos*, afirme que a instituição foi inaugurada em 1959, constatamos outra divergência interessante. Vimos aparecer, desde 1954 em *A Voz de Bragança* comunicados de formaturas de alunas de Corte e Costura do SESI. Esse comunicado se repetiu em todos os anos seguintes, até a inauguração do prédio em 1959. Não encontramos nas fontes consultadas nenhuma referência ao início desse curso na cidade, nem sobre quem o mediou, assim como não se viu referências ao nome do padre Aldo Bollini antes disso, com relação a esse fato. O que entendemos é que, possivelmente, o curso poderia ser mantido pelo SESI, mas que não chegava ser considerado como uma escola dentro dos padrões da instituição. Quais teriam sido as disputas políticas em torno da decisão de trazer o SESI para Bragança? Por que padre Aldo não foi reconhecido como o articulador da obra? Com isso, percebemos que a complexidade de relações que envolvem as origens do SESI em Bragança necessita de maiores aprofundamentos e consulta a novas fontes, devendo esta temática, ficar para próximas pesquisas.

Embora silenciadas, algumas memórias, as intervenções de padre Aldo Bollini na região em que realizou sua missão, foram percebidas no decorrer das décadas.

1.3 Bragança Paulista e os Padres do PIME

As origens da cidade de Bragança Paulista situam-se na década de 1760, por meio de:

...uma capella edificada sob a invocação de Nossa Senhora da Conceição, á margem direita do Ribeirão Tapuchinga, [...] foi creada freguezia a 13 de Fevereiro de 1765. O Governador e Capitão-general Antonio Manoel de Mello e Castro e Mendonça mandou erigir em Villa, por ordem de 17 de Outubro de 1797, [...] e foi elevada á cidade por lei Provincial de 24 de Abril de 1856. (Almanack de Bragança para 1900, p. 117)

Segundo Bueno (2007), a elevação a cidade ocorreu em abril de 1856, e em 1944 a cidade recebeu a atual denominação de Bragança Paulista. A autora identificou nos periódicos locais de fins do século XIX e início do século XX, marcas do ideário de modernidade na cidade. Segundo a autora, essa cidade também procurou, a exemplo das capitais do país, criar uma visão de progresso e civilização que remetesse a ideia de que Bragança era uma cidade inserida nos padrões da modernidade.

Bragança vivenciou, em meio a conflitos e disputas, a chegada da ferrovia em 1884 e no rastro dela, viriam outros equipamentos tidos como modernos. O telégrafo e o telefone em 1896 e a energia elétrica em 1905. Estes foram referenciados exaustivamente nos periódicos locais como atos heróicos das iniciativas das elites locais – os grandes fazendeiros, coronéis, etc. Entretanto, essa cidade não se industrializou rapidamente, como afirmavam alguns periódicos e a economia e política locais estavam nas mãos de grandes fazendeiros e comerciantes.

No entanto, embora a localização de Bragança próxima ao Sul de Minas favorecesse o intenso comércio de Tropeiros, “[...] nos almanaques e nos anuários, em particular, existe um silêncio sobre as histórias e memórias das tropas de muares em Bragança. Sua importância para o comércio e a economia local foi apagada desses impressos.” (BUENO, 2007, p.124)

A autora identificou imagens dissonantes e polissêmicas da cidade, uma vez que estas, ao mesmo tempo em que procuravam propor uma ideia de transformação e efervescência urbana, deixavam ressoar através de silenciamentos de grupos e práticas socioculturais, o apagamento de personagens tidos como alheios ou indesejáveis à apologia do progresso,

como foi o caso dos tropeiros, negros, indígenas e agricultores pobres, que apareciam, muitas vezes, como causadores de desordem apenas nas páginas de notas policiais.

No que se refere aos imigrantes, Bueno (2007) identificou que esses apareciam nos periódicos em notícias relacionadas a greves ou boletins de associações de imigrantes, em sua maioria de italianos e espanhóis, onde se evidenciavam as precárias condições de trabalho a que eram submetidos e os conflitos entre trabalhadores e colonos. Segundo a autora,

Inúmeros projetos, obras e iniciativas públicas perpassaram o dia-a-dia da cidade, em nome da saúde, da higiene, do embelezamento urbano, do fluxo e do escoamento contínuo de fluidos, de mercadorias e de corpos através das vias urbanas, mas principalmente em nome da ordem, do progresso e da modernização de Bragança. (BUENO, 2007, p.146)

Assim, Bragança, foi vivenciando os ares da modernização urbana, de forma mais ou menos parecida e simultânea com o que acontecia em muitas cidades brasileiras em finais do século XIX e início do XX.

Nessa época também, começava a se delinear as origens da região que circunda a Paróquia Santa Terezinha. Em 1920, em Bragança ocorria um processo judicial entre o legislativo da cidade e uma empresa chamada Companhia Fabril Santa Basilissa. Este processo movido pela Companhia Fabril Santa Basilissa, antiga Fabril Bragantina, contra a Câmara Municipal da cidade, de certa forma, marcou as origens daquela região. Nele, entrevê-se um acordo entre os industriais proprietários da indústria e a Câmara Municipal em que a fábrica, em troca de “benefícios” socioeconômicos que ofereceria à cidade, receberia um terreno, doado pela prefeitura para a instalação da fábrica e a construção de uma vila operária, isento de impostos e tributos municipais. Contudo, foi decretada falência da Fabril Bragantina em março de 1915, antes mesmo de terminar suas instalações, tendo ultrapassado o prazo estipulado em tal acordo. A fábrica foi leiloada e os arrematadores foram homens descritos no processo como “precisamente os nomes mais notáveis da política local.” Em meio a acordos e desacordos, estes, por meio de uma ratificação do contrato colocou a Santa Basilissa na condição de continuadora da Fabril Bragantina, porém, a câmara passou a cobrar o valor pelo terreno e os devidos tributos. O terreno em questão era denominado “Capinzeiro da Cachoeira da Câmara” situado dentro do perímetro urbano, nas proximidades da Rua do Matadouro, com divisas descritas para ahí ser construída uma villa operária, outro terreno, nas cercanias do cemitério municipal, calculado em 20.000 metros quadrados [...].”

Diante da proposta que se apresenta nas páginas desgastadas do processo pode-se perceber que havia conflitos e tensões nessa troca de favores. Porém, esta fábrica de tecidos, de algum modo, se fortaleceu naquele local onde se instalou, tornando-se uma indústria importante. A Companhia Fabril Santa Basilissa marcou as origens do Bairro do Matadouro, onde mais tarde, em 1948, chegou padre Aldo Bollini com a missão de trazer o progresso e a religião aos operários. Entrevê-se pelas páginas do Jornal *Garotos* o forte envolvimento entre o padre e esta indústria, que financiava e contribuía com as obras da paróquia constantemente. O bairro do Matadouro parece mesmo ter sido projetado para ser uma Vila operária e assim o foi, por muitas décadas.

Com o tempo, o bairro do Matadouro foi crescendo e ganhando novas divisas e novos nomes, de modo que foram nascendo novos bairros em seu entorno: A Vila Municipal, Vila Santa Terezinha e Vila Bianchi. Segundo a história local, nessas modificações, padre Aldo Bollini teve intensa participação.

A urbanização em torno da paróquia de São José e Santa Terezinha

Ishizu (2009), em um trabalho que estudou o desenvolvimento urbano e arquitetônico da cidade de Bragança Paulista de finais do século XIX até a década de 1960, traz algumas informações sobre a transformação urbana apresentada aqui. Segundo a autora (2009), a urbanização da região que atendia a Igreja Santa Terezinha (Bairro do Matadouro, Vila Municipal, Vila Bianchi e área rural da região norte da cidade) se desenvolveu de maneira mais significativa a partir da construção desta Igreja pelos “padres missionários do Pontifício Instituto das Missões Exteriores – PIME, especialmente o padre Aldo Bollini em Bragança, no ano de 1948. (ISHIZU, 2009, p. 234)”

Um levantamento feito pela autora, mostra que o Bairro do Matadouro fez parte da lista de maiores projetos de loteamento até a década de 1960 (acima de 45 lotes). Em 1948, com 63 lotes e o terreno pertencia a Prefeitura Municipal. Outro ponto que se destaca nesse levantamento é o nome de alguns proprietários de terrenos que se repetem, entre eles está um dos grandes interlocutores de padre Aldo: Indústrias Carretero S/A. O loteamento da Vila

Municipal, região próxima ao bairro Matadouro, pelo que consta no levantamento da autora, teve início em 1955 e o terreno também pertencia a Prefeitura Municipal.

O Jornal *A Voz de Bragança* também trouxe artigos que tratam da construção da Vila Municipal. Segundo o jornal a nova vila seria constituída de casas populares destinadas aos operários: “O Sr. Prefeito [...] já está fornecendo aos interessados plantas de casas operárias, de preços relativamente baixos. (*A Voz de Bragança*, sem autor, 4 de fevereiro de 1950 ano 2 nº31. p. 1).”

Mais adiante vemos a propaganda da Vila Municipal como um lugar de “posição invejável” por ter uma localização privilegiada: perto do “centro industrial” (o trabalho), de uma Igreja (a de São José e Santa Terezinha) e de fácil acesso à cidade (o Centro). Chama a atenção, a ênfase que é dada a iniciativa municipal por um jornal que é Diocesano.

Na próxima imagem, da edição de 4 de fevereiro de 1950 de *A Voz de Bragança*, visualizamos a propaganda, que utiliza boa parte da primeira página, para tratar do “melhoramento” da cidade e na imagem seguinte, da edição de 8 de julho de 1950, outra propaganda da Vila Municipal. O artigo trata como uma “das mais belas vilas da cidade”.

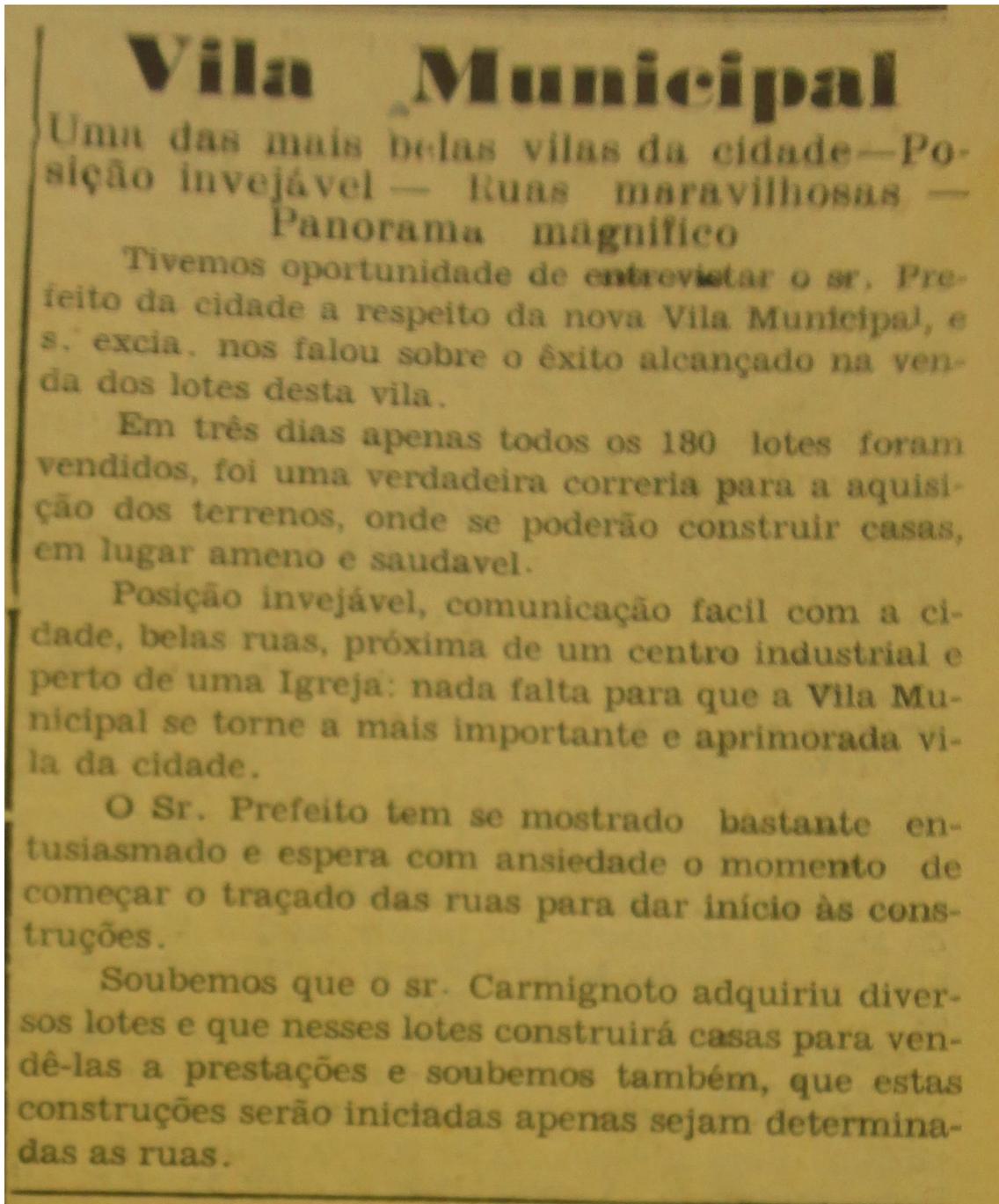


Figura 11: Fonte: Jornal A Voz de Bragança - Arquivo do CDAPH - "Vila Municipal" 8 de julho de 1950 ano 2 nº 53. Pagina 1 sem indicação de autor. O artigo localiza-se no canto direito superior da primeira página, ocupando lugar de destaque.

Hoje a Vila Municipal já não é um lugar privilegiadamente ocupado por famílias operárias, mas é um bairro de imóveis mais valorizados, diferentemente daquele período, em que aquela região (a região Norte) da cidade era considerada pouco valorizada.

Sobre os melhoramentos urbanos e arquitetura entre o período de 1940 a 1967, Ishizu (2009) afirma:

O caráter menos valorizado dos novos loteamentos da área norte da cidade devia-se à distância (2500 m) deste centro, à falta de vias em boas condições nesta época que fizessem esta ligação (já que não houve planejamento) e à localização mais próxima a estabelecimentos considerados menos nobres como o Matadouro, o cemitério e as fábricas desde o início do século XX, além da carência em infraestrutura enfrentada. (ISHIZU, 2009, p. 228)

Na sequência fazemos dois movimentos. No primeiro, trazemos uma planta da cidade da época. No segundo recorreremos às aerofotografias utilizadas por Ishizu (2009) e ao google maps para demonstrar a ocupação da região da Paróquia de Santa Terezinha e seu entorno em franca conexão com a ferrovia, a Fábrica Santa Basilissa e as Indústrias Carreiros.

Chamamos a atenção do leitor para que observe a localização da ferrovia que margeava a parte mais baixa e menos valorizada da cidade, a última estação da estrada, que seguia em direção à Vargem, era a Estação de Bragança, que ficava no Bairro do Lavapés, próxima da qual se localizavam muitos armazéns e a Fábrica Basilissa. Observemos a planta da cidade, de 1951.

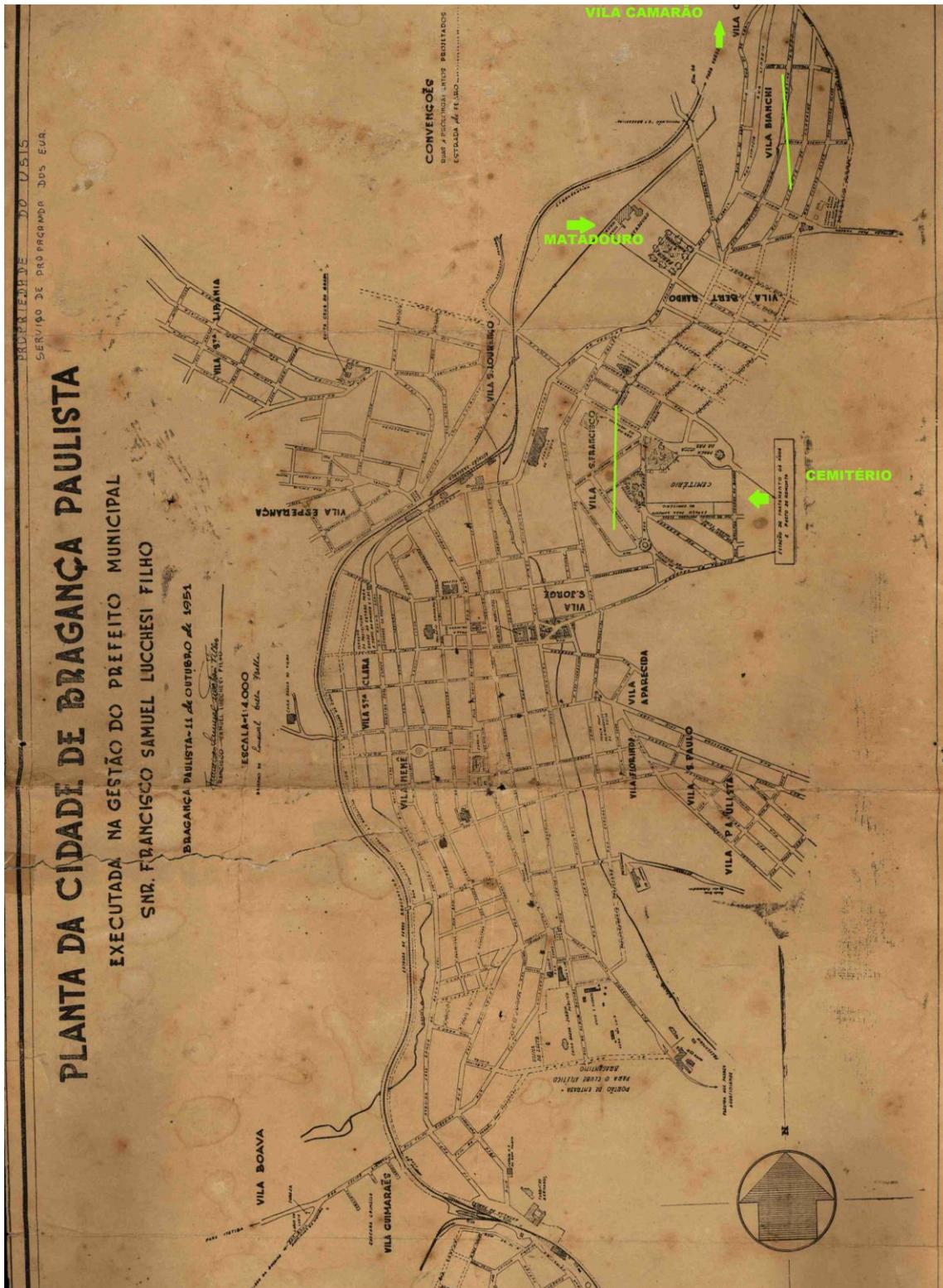


Figura 12: Planta da Cidade de Bragança década de 1950. Arquivo do CDAPH. Observando as intervenções gráficas podemos localizar a região onde atuava padre Aldo Bollini, localizada entre o matadouro e o cemitério, a vila de São Francisco (também conhecida por Vila Municipal), estendendo-se para a Vila Bianchi e Vila Camarão (que estão sublinhadas com linha verde).

Destacamos abaixo uma imagem de aerofotografia que Ishizu (2009) traz dessa região para melhor compreender a localização dos bairros focalizados aqui: o Bairro do Matadouro, a Vila Municipal e o Bairro Santa Terezinha e visualizar as mudanças na malha urbana desde o período de atuação do padre nessa região⁸.

Na primeira imagem, a autora mostra a ocupação de algumas áreas da cidade, na região norte, primeiro em 1962 e em seguida uma imagem atual dessa região. Em comparação com a imagem atual se constatará a grande ocupação dessa região. Os referidos locais podem ser localizados entre o cemitério municipal e a passagem da ferrovia. Em lugar da ferrovia hoje temos a Avenida Imigrantes.

⁸ Lembramos que Padre Aldo Bollini, juntamente com outros padres do PIME atuou em Bragança Paulista nessas regiões e também em outras que pertenciam a Paróquia de Santa Terezinha localizadas na Zona Rural, mais afastadas da cidade. Porém, nos detivemos aqui nas regiões mais próximas do centro, onde se evidenciou mais os resultados do trabalho missionário, por questões de possibilidades de pesquisa.

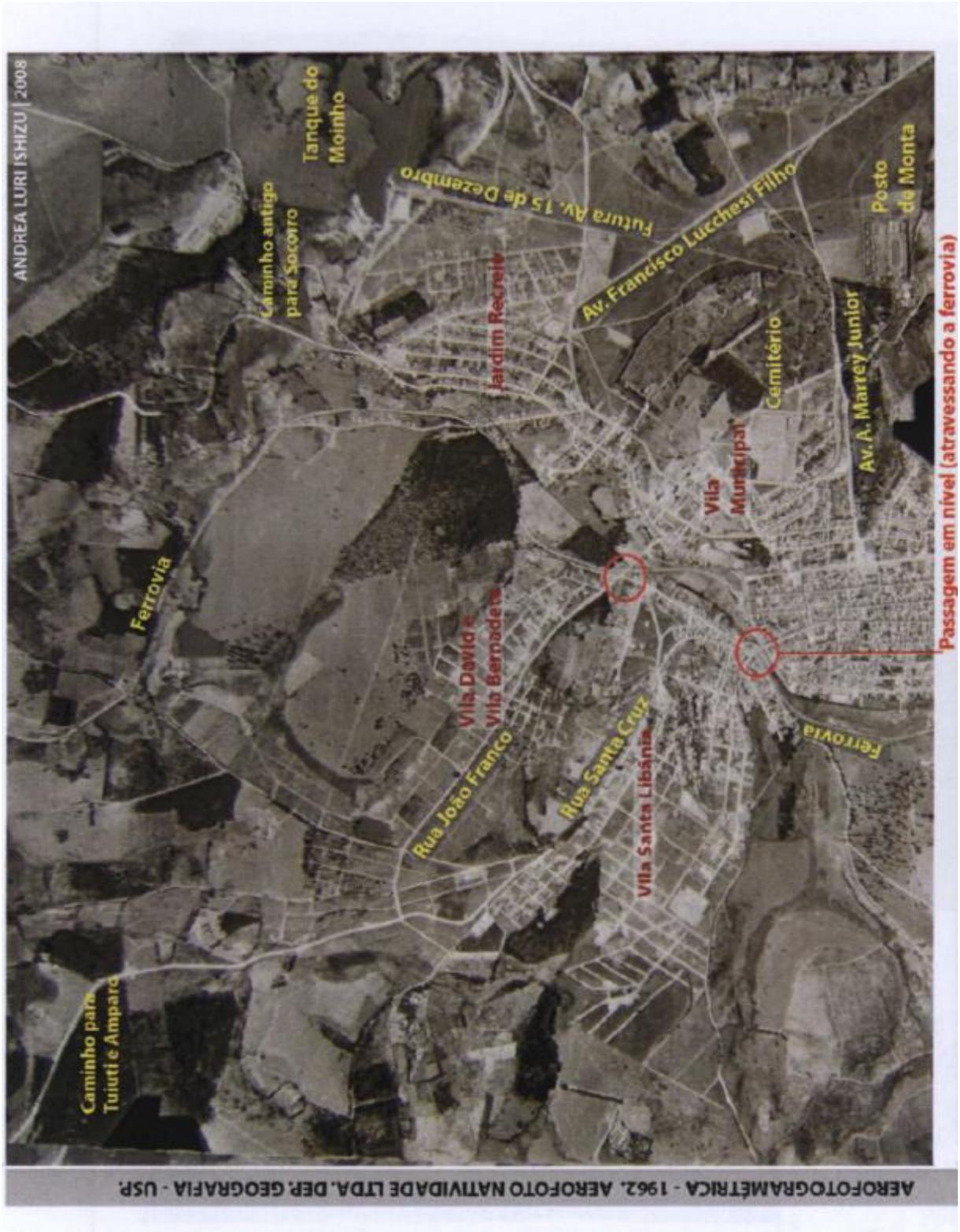


Figura 13. Fonte: Andrea Luri Ishizu, 2009, p. 220. Aerofotogramétricas da região norte da cidade em 1962.

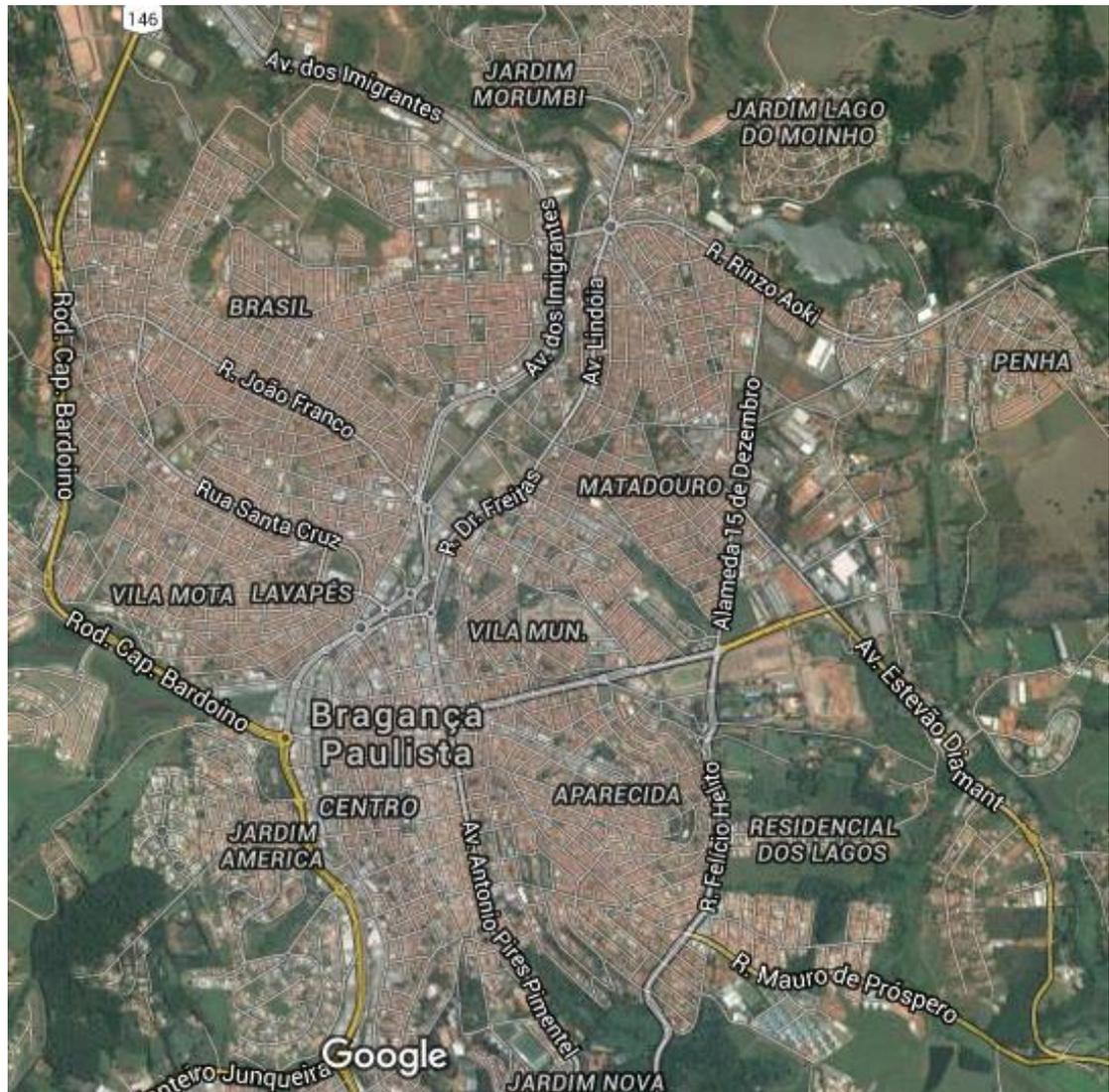


Figura 14: Fonte: www.google.maps.com Acesso em 20 de setembro de 2015. Imagem da cidade de Bragança mais atual. Podemos observar a Avenida dos Imigrantes em lugar da ferrovia a expansão do bairro do Matadouro e da Vila Municipal. Embora o nome do bairro não apareça na imagem, a Vila Bianchi se localiza um pouco á frente do Bairro do Matadouro, nas proximidades da Avenida Lindóia.

Na imagem seguinte, podemos ver uma fotografia de 1950, dos arredores da paróquia Santa Terezinha com a Fábrica de tecidos Santa Basilissa e indústrias Carretero, cercadas por casas populares.

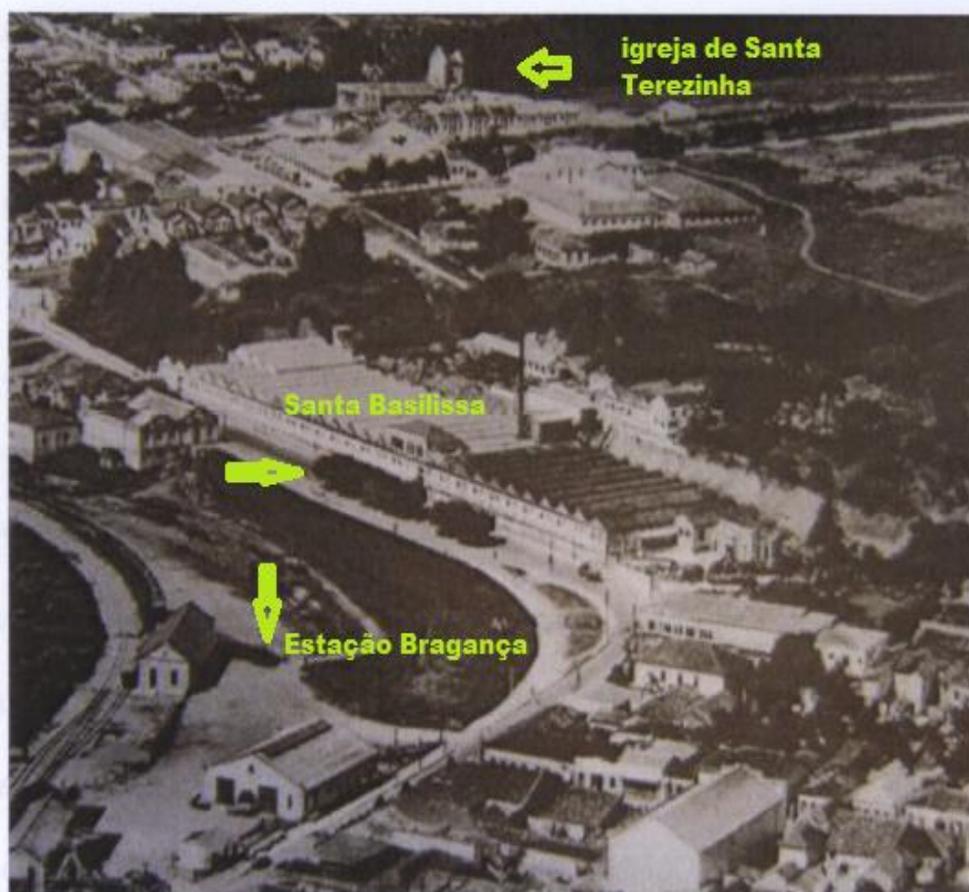


Ilustração 120 – Vista da Fábrica Santa Basilissa (ao centro) e dos arredores da Igreja Santa Terezinha (inaugurada na década de 1940). Notar, acima, as fábricas Carretero e casas populares para seus funcionários. Mais abaixo, localizam-se a Estação Bragança de trem, casas e estabelecimentos da Rua do Mercado e do Comércio. Bragança Paulista. Década de 1950. Acervo J. Roberto Vasconcelos.

Figura 15: Fonte: Andrea Luri Ishizu, 2009, p. 229.

Observando essas imagens podemos ver como a região em que atuou padre Aldo se desenvolveu com o passar das décadas. Hoje, ao longo da Avenida Imigrantes e da Rua Dr. Freitas que são paralelas e margeadas pelos bairros em discussão, próximos à paróquia Santa Terezinha, estão instalados estabelecimentos comerciais variados que vão de agências bancárias (Caixa Econômica Federal e Banco do Brasil) a supermercados, postos de gasolina, lojas de roupas, restaurantes, farmácias, lanchonetes, serralherias, oficinas mecânicas, clínicas odontológicas e médicas, etc.

É necessário ainda pontuar que, o segundo grupo escolar da cidade, o Grupo Escolar José Guilherme, foi construído na década de 1940 para acolher as crianças daquela região e

que sua construção e inauguração levaram 40 anos pare se concluir devido a uma série de conflitos políticos entre as lideranças e as elites locais⁹. Contudo, ao chegar em Bragança, padre Aldo Bollini, sob argumento de que as crianças daquela região não tinham acesso à escola, funda um grupo escolar em prédio provisório e imediatamente mobiliza a administração e a população local para a construção do prédio que levou apenas 10 anos.

Podemos supor que o crescimento e a valorização dessa região hoje sejam devidos a sua intervenção tanto em âmbito da construção civil quanto das atividades culturais da população implementadas pelo padre por meio de teatro, cinema e futebol e acesso à escola e ao incentivo à profissionalização. Contudo, percebemos que essas iniciativas estiveram em promíscua e complexa relação com a administração municipal em alguns momentos, como pudemos ver em *A Voz de Bragança*. Parece-nos uma relação de trocas de interesses e benefícios.

Uma vez que o padre mobiliza esforços para o benefício da população a que pertence sua paróquia, ele mantém os fiéis próximos a ele e estabelece uma relação de confiança com eles. Se ele promove divertimento e cultura dentro do espaço paroquial, ele mantém as crianças e os jovens próximos a ele e, portanto, consegue catequizá-los com mais facilidade, e consequentemente, controlar melhor o tipo de educação que essa população terá.

Do mesmo modo, ocorre com a escolarização. Se a escola, de alguma forma, depende (ainda que indiretamente) do padre, se torna mais fácil educar conforme a proposta da Igreja e, portanto, ser considerado um bom missionário e manter certo número de sujeitos em torno de um objetivo comum. E, se essa população se sente grata a esse padre, ela obedece e submete-se a ele colaborando com suas iniciativas, porque acredita que suas ideias e suas intenções são boas. Sendo assim, adere mais facilmente ao que ele propõe e apoia as pessoas que ele apoia sobretudo, os políticos.

Por outro lado, se há um sujeito que consegue mobilizar pessoas e influenciar suas ideias e decisões por meio da religião e da educação porque está perto delas, o padre, um político consegue perfeitamente enxergar ali uma população de eleitores em potencial. Ainda que não lhe seja vantajoso em um primeiro momento, o político sabe que ajudar esse sujeito

⁹ Essa informação refere-se à dissertação mestrado de Marcelo Teixeira Franceschi que estudou o processo histórico de construção desse grupo, em 2013. As informações completas do trabalho encontram-se nas referências.

pode lhe render boa fama e reconhecimento daquela população. Em contrapartida, uma população que recebe a atenção que precisa (ou uma parte dela) para sanar suas necessidades de moradia, escolarização, acesso a bens culturais e algum lazer, faz com que iniciativas de reivindicações e mobilização popular sejam inibidas. E se esses benefícios são sentidos como realmente bons e recebidos por mãos anticomunistas e em nome do anticomunismo, então o comunismo vai caindo em descrédito, assim como os movimentos ligados ou semelhantes a ele, o que promove e mantém a aura da Paz Social. Esse movimento é o que supomos ter ocorrido na atuação missionária de padre Aldo Bollini em Bragança Paulista e é isso o que parece ter contribuído para que sua memória tenha se constituído como grande construtor, como o promotor do desenvolvimento da região do bairro do Matadouro. Contudo, essa memória também não é compartilhada por todos, pois é marcada também por algumas divergências e por alguns silenciamentos no que diz respeito à ‘imagem’ do padre e dos bairros da região onde atuava, como veremos nas discussões dos próximos capítulos.

CAPITULO 2: ENTRE HOMENAGENS E CRÍTICAS, O PADRE DA SANTA TEREZINHA

Neste capítulo, procuramos conhecer um pouco das ideias e visões de mundo de padre Aldo Bollini por meio dos seus textos que disseminavam por meio dos periódicos *Garotos* e *A Voz de Bragança* e como aparecia nos jornais de circulação maior na cidade: *Bragança Jornal*, *Cidade de Bragança* e *Tribuna Bragantina*, procurando compreender como sua imagem foi sendo construída. Lendo esses periódicos, podemos perceber algumas divergências entre o padre e representantes de setores da sociedade, entre eles, fiéis protestantes, vereadores, jornalistas, etc. Podemos perceber, ainda, que a imagem do padre e de suas iniciativas foi sendo apagada no decorrer dos anos a partir de 1953 e com mais notabilidade em 1955, sobretudo em *A Voz de Bragança*, jornal que fundou em 1949 e que foi redator.

2.1 *Garotos*: “Formar os homens de amanhã”

O jornal “*Garotos*” foi fundado na década de 1950¹⁰, tendo como fundador o padre Aldo Bollini. O nome do jornal modificou-se algumas vezes. No início de suas edições chamava-se “*Garotos: Jornal mensal das obras sociais de São José e Santa Terezinha*”, em 1953. Depois, a partir de janeiro e fevereiro de 1955, passou a chamar-se “*Garotos: Jornal Mensal das Obras Sociais de São José e Instituto das Missões*”. Já na edição de agosto de 1957, número 55, passou a ter o título de “*Garotos: Jornal Mensal do Centro Social de São José do Instituto das Missões*”. Não há nenhuma menção no periódico sobre qualquer justificativa para essas alterações ou qualquer aviso prévio sobre elas. Contudo, nos parece que, modificando o nome dado ao jornal, o padre quer passar uma imagem do avanço de suas obras sociais. No primeiro o periódico designava-se pertencer às obras sociais de uma

¹⁰ Segundo o documento “História da Imprensa Bragantina”, o jornal foi editado no ano de 1950, pela primeira vez, contudo, só passou a ser editado regularmente em 1953, quando finalmente, ganhou a forma que descreve essa pesquisa. Contudo, padre Aldo Bollini, na edição do jornal de maio de 1983, em um artigo chamado “Obrigado Senhor”, que está no livro de Teodoro Negri, também chamado “Obrigado Senhor” afirma que “*Garotos*” foi fundado em 1953.

paróquia e recebia o nome dos santos padroeiros da paróquia, no segundo o título denomina que pertence a um Instituto, o Instituto das missões. E no último designa ser um periódico pertencente a um “Centro Social”. De paróquia a “Centro” o jornal se tornaria mais importante.

O Jornal encontra-se no formato retangular, nas medidas 47,5 cm de comprimento e 33 cm de largura, segundo o documento “História da Imprensa Bragantina”¹¹ também arquivado no CDAPH. O primeiro número datado de abril de 1950, foi lançado em papel couché, no formato de 40 x 31 cm, com duas páginas e com indicação de ser publicação única. Porém, esse primeiro número não foi localizado. “Garotos” encerrou suas atividades em janeiro de 1984, no número 264, logo depois da morte de padre Aldo Bollini com uma homenagem póstuma ao fundador. Porém, o jornal voltou a ser editado tempos depois, com o novo pároco, já nos anos de 2000, mas com descontinuidades, em suas edições¹².

A coleção, a partir da segunda edição, março de 1953, encontra-se arquivada no Centro de Documentação e Apoio a Pesquisa em História da Educação (CDAPH), na Universidade São Francisco, campus de Bragança Paulista. Sabe-se, entretanto, que a coleção não está completa, não sendo possível localizar as edições faltantes. Há, ainda, uma coleção particular da escola Instituto Educacional Santa Terezinha (IEST) com as edições de 1971 à aproximadamente 1983, arquivada nas dependências da mesma, como parte da construção de sua memória que está diretamente ligada à história da Paróquia Santa Terezinha, e, portanto, de padre Aldo Bollini.

Garotos era produzido para um público específico: os paroquianos da igreja de São José e Santa Terezinha ou visitantes de outras paróquias da cidade, mas de forma geral, católicos, bragantinos, operários e familiarizados com o contexto social e religioso da Paróquia de São José e Santa Terezinha. Leitores que, portanto, participavam da vida ativa da paróquia e tinham conhecimento do que se passava ali, conheciam as pessoas que escreviam para o jornal e conviviam com elas. De circulação, portanto, paroquial.

¹¹ “História da Imprensa Bragantina” é um inventário exaustivo elaborada pelo historiador Francisco César de Araújo (198-), pelo Centro de Memória Regional da Universidade São Francisco, não consta a data. O documento encontra-se arquivado no CDAPH. Nele se encontra uma relação de periódicos produzidos na região bragantina, suas respectivas datas de fundação, fundador, local de produção e um pequeno resumo do que se tratava o mesmo, desde 1875 a 1987.

¹² Contam os paroquianos contemporâneos que “Garotos” foi editado várias vezes depois, sob direção do atual pároco, mas não com a mesma regularidade da época do Padre Aldo Bollini. Encontrou-se recentemente uma edição de 2005, completamente diferente em sua materialidade, daquelas de 1953.

Observam-se em suas páginas, muitas vezes, uma economia de espaços e uma combinação de textos e imagens que não deixasse sobrar nem faltar espaços entre si. Não aparecem os dados de impressão e tiragem. Entretanto, a “Revista Comemorativa do Cinquentenário da criação da Diocese de Bragança Paulista 1925 – 1975”¹³ – também arquivada no CDAPH, informa que eram distribuídos a todas as famílias gratuitamente, aproximadamente 2500 exemplares mensais.

Não há colunas fixas até a quarta edição, em 1953, quando aparece a coluna fixa “O nosso Grupo” em maio deste ano, tratando mais especificamente do grupo escolar Coronel Francisco de Assis Gonçalves. Nessa coluna e também nos demais artigos, muitas vezes não aparecem os autores Ou, quando aparecem, assinam somente as iniciais, como era um costume do padre Aldo Bollini, que, na maioria de seus artigos, assina P.A.B. A coluna “O nosso Grupo” contém as informações do grupo escolar e a partir do número 5, de junho de 1953, a coluna passou a trazer alguns textos de alunos do grupo. Em todas as edições aparece um balancete com os valores detalhados do caixa escolar sob o título “Pelo Ensino”.

Na imagem seguinte, na edição de abril de 1953, o padre Aldo Bollini comunicava os leitores que aquele era o primeiro número e que seria editado “como e quando” fosse possível. E exortava-os para que contribuíssem financeiramente com a publicação do mesmo. Em tom apelativo escreve padre Aldo:

¹³ Revista Comemorativa do Cinquentenário da Diocese de Bragança Paulista 1925 – 1975 descreve algumas ações das paróquias da diocese da época. Entre essas ações, cita a produção do Jornal “Garotos” da paróquia São José e Santa Terezinha.

doentia. Agora, após al-¹ e não poupando esforços

Apresentação

Amigos

Eis o nosso pequeno jornal. É de muito tempo que queremos publicá-lo para que sirva de união entre nós e os amigos que tanto nos ajudam.

Para que os nossos amigos lendo-o percebam parte de seu trabalho e se entusiasmem à prosseguirem em sua preferência e sua amizade.

“Garotos” é uma voz amiga; “Garotos” é a voz de nossos jovens e crianças.

“Garotos” é parte do coração do sacerdote que se consome pelo bem de nossas crianças.

Seja bem recebido este jornalzinho em sua casa como se fosse coisa própria.

“Garotos” quer ajudar aos pais na tarefa difícil de educar seus próprios filhos.

“Garotos” quer ser faixa de luz para tanta alma jovem.

“Garotos” será uma bandeira sob a qual a juventude aprenderá a ser forte, generosa e honesta.

Nossa intenção é publicá-lo mensalmente mas, não sabemos se podemos realizar essa idéia; todavia será publicado quando pudermos e como pudermos.

Na sua bondade e na sua generosidade de amigos esperamos os meios para financiamento. Em seguida veremos se haverá necessidade de estabelecer uma pequena contribuição mensal.

Este primeiro número distribuí-lo-emos gratis a todos os nossos amigos que, compreendendo o nosso trabalho, sempre estiveram conosco ajudando e cooperando.

Sirva como pequeno sinal de reconhecimento e gratidão da parte de seu grande amigo PADRE ALDO.

Prospeto geral das obras sociais de S. José

Figura 16: Fonte: Jornal Garotos - Arquivo do CDAPH . Março de 1953, p. 1. “Apresentação” (o artigo ocupa um espaço de 15cm X10 cm) no canto esquerdo da página, ao centro.

Abaixo, visualizamos uma fotografia do jornal *Garotos*, edição de março de 1953 em que aparece a apresentação e as intenções do padre ao editar o periódico.

Garotos

Jornal Mensal das Obras Sociais de São José e Santa Terezinha

BRAGAÇA PAULISTA — MARÇO 1953 — N.º 2

Um sonho em marcha está se tornando realidade: uma grande ambição nossa: formar os homens de amanhã

Muitos de nós, olhando para trás, podemos dizer que se tem para nós um sonho de realização de nossos sonhos, quando nos manifestamos os nossos projetos para o futuro. Um dia publicamos no jornal "A Voz de Bragaça" um artigo na qual dizia que surgiría "vinda" e "nossa bela igreja uma maravilhosa cidade das crianças em uma sociedade" e alguns pensavam que seria "uma sociedade". Agora, após alguns anos, podemos dizer que já estamos no caminho da realização de nosso velho sonho. Necessitamos de terreno e quando chegamos aqui descobrimos que são 3.000m² de terreno sem propriedade da igreja. Área que seria ocupada pelas duas crianças e pela construção da nova igreja. Como iniciar nossas obras sem a superfície necessária. Para formar um quartel completo, faltava uma faixa de terra de forma triangular de 1.800m² de propriedade da srta. Laura Morello. Por mais de dois anos tratamos para adquirir esse terreno e por fim foi nos ofertado como presente pela proprietária. O primeiro passo estava dado. Os 3.000m² de terreno ao redor da igreja já aumentaram-se agora para 7.500m². Podemos pensar em desenvolver sérios projetos. Não eram feitas estas práticas e já pensávamos em outro terreno atrás da nossa igreja para construir obras necessárias à juventude feminina. Também aqui não faltaram dificuldades, mas quem persevera vence. Almas boas ajudaram-nos e compramos dois lotes de terreno compreendendo a quadra inteira que está atrás da igreja, numa superfície de mais de 4.000m², no valor de Cr\$ 180.000,00. Comprar era fácil, mas onde encontrar o dinheiro, sem pesar ao cofre paroquial já tão prejudicado?

do? Vieram em nosso auxílio almas generosas de São Paulo, que nos emprestarão a importância necessária. Outro passo estava dado — o caminho estava aberto. Nesse intuito o governo cria o nosso Grupo Escolar, era necessário localizá-lo perto da igreja. Só o Dr. Alcides de Assis, presidente de nossas obras sociais e eu sabemos quantos tivemos por causas do Grupo Escolar, que deveria ser a base do nosso movimento social. Quantas vezes fui a São Paulo importunar o bom amigo que sempre me recebeu com solicitude. Ambos provamos momentos de desmoralização e ficamos abatidos diante das dificuldades que a cada passo surgiam contra nossos projetos, em benefício de nosso povo.

Havia incompreensões também na alta esfera, havia má fé, era nem sei o que dizer.

Fato é que tivemos de lutar de dentes cerrados para o triunfo de minha ideia, tendo sempre o bom Dr. Alcides a meu lado, ajudando-me, auxiliando, primando os obstáculos que seriam para mim insuperáveis. Nada teria estaria naufragada, sem o seu interesse e dedicação.

Agora nosso sonho está tornando-se uma grandiosa realidade. Talvez na páscoa, seja lançada a pedra fundamental do nosso Grupo Escolar. Secretária da Viação passou a Secretaria da Viação acompanhando do Dr. Alcides que me mostrou o projeto do Grupo Escolar "Cel. Francisco de Assis Gonçalves".

É um projeto maravilhoso que encherá de orgulho todos os nossos paroquianos. Uma construção magnífica, cómoda, arejada com um maravilhoso salão de festas, belo

palco, no parque infantil que fará deste grupo o melhor da cidade. Visitas de assistência social, garantirá a nossa "pequena" todo conforto físico e espiritual. Os frutos de nossas grandes obras veremos em poucos anos. Todavia, já estamos construindo no lado da igreja dois esplendidos salões de 180m² cada um sendo um para rapazes e outro para homens. Breve iniciaremos também a casa dos padres com seis belas salas destinadas às várias atividades sociais da paróquia. No outro

pedaco de terreno que está situado atrás da igreja serão construídas todas as obras sociais femininas, Jardim da Infância, centro feminino com apartamento para as freiras, escola noturna, corte e costura, bordados etc... O terceiro grande passo está dado.

Almas bondosas nos ajudamam e nos ajudamam. Com a graça de Deus dentro de cinco anos veremos tudo realizado, para o bem de nosso povo e de nossa juventude.

P. A. B.

Apresentação Amigos

Este é nosso pequeno jornal. E de muito tempo que surge que tanto nos ajudam.

Para que os nossos amigos fendo e percebam parte do seu trabalho e se entusiasmem a prosseguirem em sua pre-juvência e sua missão.

"Garotos" é uma voz amiga, "Garotos" é a voz de nossos jovens e crianças.

"Garotos" é parte do coração do sacerdote que se consome pela bem de nossas crianças.

Seja bem recebido este jornalzinho em sua casa como se fosse coisa própria.

"Garotos" quer ajudar aos pais na tarefa difícil de educar seus próprios filhos.

"Garotos" quer ser feita de luz para tanta alma jovem, propõe a ser forte, generosa e honrada.

Nossa intenção é publicá-lo mensalmente mas, não sabemos se podemos realizar essa ideia, todavia será publicadinho quando pudermos e como parecermos.

Na sua bondade e na sua generosidade de amigos espere-mos os meios para financiamento. Em seguida, veremos se haverá necessidade de estabelecer uma pequena contribuição mensal.

Este primeiro número distribuí-lo como gratia a todos os nossos amigos que, compreendendo o nosso trabalho, sempre estiveram conosco ajudando e cooperando.

Seria como pequena sinal de reconhecimento e gratidão da parte de seu grande amigo PAIRÉ ALDO.

Prospeto geral das obras sociais de S. José e Santa Terezinha

Igreja Nova — Freiras — Escólarías — Grupo Escolar — Casa dos Pais — Jardim de Infância — Centro masculino e feminino — Casa das Freiras — Escola Noturna — O Grupo Escolar Cel. Francisco de Assis obedece a outro projeto.

Campanha deste ano: Todas as crianças da paróquia devem frequentar os Grupos Escolares - não deverá haver analfabetos entre nós!

CRIANÇA: — "SORRISO DO CRU"

A máxima preocupação dos pais deve ser a educação religiosa e social dos próprios filhos

Figura 17: Fonte: Jornal Garotos - Arquivo do CDAPH. Março de 1953. N.º 2

Padre Aldo deixava aparecer nessa apresentação suas intenções. Pretendia, por meio do periódico, educar os jovens e as crianças e dizer aos pais como estes deveriam educar seus filhos. Ainda mais, *Garotos* deveria ser um meio de comunicação entre o padre e os colaboradores, ou seja, seria por meio dele que os apelos seriam feitos e a comunidade saberia o que estava sendo realizado, construído e quem colaborava e como colaborava.

Padre Aldo tinha estratégias muito interessantes para cativar o seu leitor. Observa-se que ele passava por cima das tensões e lutas de classes quando propõe que ricos e pobres trabalhe juntos pelo mesmo objetivo. Escrevia na primeira pessoa do plural, estabelecia metas, prazos e insinuava meios de consegui-los de modo que as pessoas se sentissem parte daquela obra. Utilizava expressões como: “Nós somos os responsáveis”, “Nossa obra”, “nossos sonhos”, “nossas crianças”, “nossos jovens”, “nossa igreja”, etc. que fazia com que o leitor se sentisse envolvido com o assunto. Repetia várias vezes que as obras eram “maravilhosas”, “grandes” “obras do bem” e “para o bem do povo”.

Pedia doações pelo jornal, mandava cartas aos “mais favorecidos”, pedia durante as celebrações de missas, etc. como por exemplo, em abril de 1953, quando lança a campanha dos “500 contos”:

Temos necessidade de Cr\$ 500.000,00 antes do fim do ano. O nosso desejo é adiantar a construção das obras sociais [...] (Campanha dos 500 contos, de Abril de 1953 página 1 edição 3 . Texto em negrito no centro da primeira página)

O texto é como que uma carta às crianças, pedindo-lhes orações pelo lançamento da campanha dos 500 contos. No decorrer do texto, o padre afirma utilizar-se de um método, bem peculiar, para angariar fundos para a construção: enviar cartas aos mais favorecidos, pedindo-lhes contribuições e estabelecer uma meta até o final do ano. Mais adiante, aparece na edição número 9 de outubro de 1953, sobre a mesma campanha, um artigo em primeira página no *Garotos*, intitulado “A Nossa Campanha”, escrito pelo padre:

A nossa paróquia está aumentando continuamente e ao mesmo tempo aumentam as necessidades, por isso procuramos ter cada vez maiores ideias com relação às obras sociais e que facultem no dia de amanhã maior amparo à infância e à Juventude.

O padre incita os amigos e benfeitores a contribuírem generosamente com as obras afim de que estas fiquem prontas até o natal, e a chegada de uma imagem peregrina de Nossa Senhora de Fátima. No texto o padre informa sobre como estão algumas das obras, o que já foi realizado e o que ainda falta realizar. Agradece os contribuintes e afirma confiar na generosidade desses, para concluir uma etapa das construções que, segundo ele, devem servir de apoio também para o futuro. Afirmação em que baseia a necessidade de continuidade de doações pelos fiéis. Mais uma vez, padre Aldo estabelece uma meta e envolve os paroquianos no compromisso das construções, a fim de realizar um “sonho” seu.

Outro aspecto importante é a exaltação e os agradecimentos que padre Aldo faz aos seus colaboradores, como no trecho abaixo:

Quantos há que considerando o maravilhoso desenvolvimento social e religioso do nosso bairro, que era considerado o mais atrasado da cidade, ficam perplexos e indagam curiosos qual foi a causa de tamanha transformação. Alguns respondem que foi por causa da nova paróquia e dos Padres. E' verdade! Os padres se sacrificam e continuam a se sacrificar, mas que teriam podido fazer sozinhos? A causa verdadeira foi que ao redor dos Padres, pouco a pouco formou-se um pequeno grupo de almas que foi continuamente aumentando até formar um pequeno exército de generosos, que de bom coração, e cada um de acordo com suas possibilidades e aptidões, colaboraram com os Padres neste maravilhoso desenvolvimento social e religioso.[...] “a paróquia é como uma grande vinha na qual há muitas ocupações: todos são aceitos, porque o mandamento da caridade foi feito para todos”. Na paróquia há tanto bem por fazer, há tantos para socorrer. A paróquia é uma grande família na qual o amor é o vínculo que une os corações. (Colaboração, abril de 1953, página 1, edição 3, autor: P.A.B).

O texto quer demonstrar reconhecimento do padre Aldo para com os seus paroquianos pelos serviços prestados em nome da comunidade, mas mais que isso, procura mantê-los fiéis aos seus projetos. Declara que o desenvolvimento local do bairro e da paróquia, tanto socialmente quanto religiosamente se deve a movimentação da paróquia e dos padres que ali se instalaram, ou seja, dele e de seus colegas missionários do PIME. Ele exalta os trabalhos, comparando a paróquia com uma família onde cada um contribui á sua maneira, para o triunfo de Cristo, passando a imagem de um grupo unido em torno dos mesmos objetivos e apagando eventuais divergências entre o grupo. Afirma que o resultado final era o que importava. Por outro lado, dessa forma, parecia conseguir manter a participação de um grupo ao seu redor.

As doações, contribuições e participação eram sempre evidenciadas com nomes dos benfeitores e suas respectivas quantidades. Como, por exemplo, um quadro, na edição de maio de 1953, número 4, na última página intitulado “Organização Paroquial”, que contém listas de pessoas responsáveis pelas atividades da paróquia e seus dirigentes, com números de salas das respectivas atividades, como “recreio feminino”, “Serviços”, “catequistas”, “Recreio masculino”, etc. contém também, horários de recreios, catecismos, reuniões, missas e expediente paroquial. Talvez fosse uma maneira de evidenciar a participação das pessoas na comunidade e demonstrar a movimentação da mesma em seu ritmo habitual. E outro quadro, ainda mais interessante, é o “Album de ouro” que circula por todas as edições em algum canto não definido, das quatro páginas, evidenciando os nome e valores das pessoas que contribuíram, embora não ocupe lugar definido do periódico, está sempre em negrito e visualmente destacado.

Album de Ouro	
CAMPANHA DOS QUINHENTOS CONTOS	
Sr. Normando Medeiros	Cr\$ 20.000,00
Sr. Benedito Stefani . . .	Cr\$ 20.000,00
Sr. Marcelo Stefani . . .	Cr\$ 20.000,00
Sr. Dr. Conrado Stefani	Cr\$ 20.000,00
Do Governo do Estado, por especial empenho do Dr. Alcindo Bueno de Assis	Cr\$ 12.500,00
Plinio Pereira Cesar . . .	Cr\$ 10.000,00
Miguel Salaroli	Cr\$ 10.000,00
NOVAS CONTRIBUIÇÕES	
Sr. Vicente Sabella	Cr\$ 10.000,00
Sr. Vicente Colucci	Cr\$ 10.000,00

Figura 18: Fonte: Jornal Garotos. Arquivo do CDAPH “Album de Ouro” em uma das edições de Garotos. O quadro ocupa tamanhos e posições variadas em cada edição, mas destaca-se de outros elementos gráficos pelo contorno e letras em negrito.

Evidenciando os sujeitos, o padre parecia intimidar as pessoas para que contribuíssem para as obras em construção e a manutenção do jornal. O que também se observa em uma das frases que comumente aparece em praticamente todas as edições:



Figura 19: Fonte: Jornal Garotos. Arquivo do CDAPH. “Benfeitores! Muito obrigado” uma das frases que aparecem em todas as edições, em destaque, ocupando tamanhos e posições variadas na página em cada edição.

Outra maneira de solicitar contribuições financeiras era por meio de frases que se repetem em praticamente todas as edições do jornal como forma de reforço ao leitor:

AMIGO! Gostas deste jornalzinho? Nós o distribuimos gratuitamente a todos os amigos. Si realmente te agrada, não poderias auxiliar-nos nas despesas, enviando-nos um pequeno auxílio? Ficaré imensamente grato, o teu amigo Padre Aldo Bollini.

Pais: para que o anjo da guarda proteja vossos filhos, os faça crescer bons e virtuosos e os defenda de todos os perigos da alma e do corpo, daí vossa oferta.

Contudo, percebemos que uma estratégia parecida já era utilizada, no mesmo período, na capital, em São Paulo, pelo padre Sabóia, para a manutenção de suas empresas: uma escola de Engenharia, uma Clínica e uma Ação Social. Esse padre lançou a “Campanha do Continho”, que consistia em enviar cartas a empresários, fazer visitas pedindo doação etc. Apesar de também manter proximidade com industriais, esse padre tinha visões de mundo diferentes das de padre Aldo Bollini pois defendia o socialismo Cristão.¹⁴

Assim, padre Aldo tinha como já vimos, além das contribuições dos fiéis, as articulações políticas para os mesmos fins. O mais mencionado político é o Dr. Alcindo Bueno de Assis, assessor do governo do estado de São Paulo e amigo do padre Aldo Bollini a quem prestava grandes favores em prol da construção do grupo escolar e das obras sociais. A cidade natal de Alcindo Bueno de Assis é Bragança Paulista. No trecho a seguir, podemos ler uma nota de aniversário, com foto, do assessor do governo do estado e referência às suas contribuições: “Por interessamento de S. Excia. o nosso movimento social se desenvolve maravilhosamente.” (Feliz Aniversário, Abril de 1953, p.1, edição 3, sem indicação de autor)

Na nota completa o autor agradece o apoio do político nas construções das obras sociais e do grupo escolar.

¹⁴ Assunto tratado por: Spiandorello, Simone Cristina (2015). Relações sociais na educação: Padre Sabóia e a Escola de Administração de Negócios ESAN . Tese (Doutorado) – Programa de Pós-Graduação Stricto Sensu em Educação da Universidade São Francisco. Orientação de: Maria de Fatima Guimarães. Itatiba, 2015.



Figura 20: Fonte: Jornal Garotos. Arquivo do CDAPH: “Feliz Aniversário” uma das felicitações ao Ministro Alcindo Bueno de Assis. Jornal Garotos. Abril de 1953, Página 1, edição 3 sem indicação de autor.

No decorrer das edições, Alcindo Bueno de Assis é citado nos artigos, conforme o andamento das obras:

Há tempos esperávamos o parque infantil que V. Excia. nos havia prometido. Quase, quase que de tanto esperar, já estávamos perdendo a esperança, mas padre Aldo nos dizia: - Chegará logo, já está quase pronto.” [...] “Padre Aldo sempre está a falar do novo grupo que V. Excia. Fará construir para nós; quiçá como será belo! E nós vivemos na expectativa de vê-lo brevemente iniciado. [...] (*Jornal Garotos*. Abril de 1953.)

Contudo, assumindo um discurso infantil como se fosse uma criança que escrevera, Padre Aldo sutilmente, deixa transparecer certa insatisfação com a demora do cumprimento da promessa do político com o início das obras. E, mais adiante, no mesmo artigo:

Enquanto eram executadas esses trabalhos as máquinas do DER – gentilmente obtidas do Governo por intermédio de nosso presidente de

Honra, Dr. Alcindo Bueno de Assis - faziam um grande aterro e assim, com um só serviço, aprontaram os dois campos para o recreio masculino e feminino. Certo amigo, visitando nossas obras, perguntou-me onde encontro o dinheiro para tais despesas. Eu também não o sei. Sei apenas que devo dançar de manhã até a noite, de um lado para o outro, sem um minuto de descanso, para poder levar avante a nossa barca. Confio muito na Divina Providência, é ela que abre e fecha as bolsas da gente. [...] (Muito obrigado, senhor governador, As nossas construções. Maio de 1953. Artigo em primeira página, edição 4, autor Pe. Aldo.)

Negri (1996), conforme citado no capítulo anterior, fez uma afirmação de que o padre era “duro e bravo”, uma citação da edição número 20 de setembro de 1954, à página 4, parece querer passar exatamente essa ideia. Trata-se de um artigo escrito por autor não identificado, sobre um conflito ocorrido no “Abrigo”, onde funcionava o Grupo Escolar. Padre Aldo foi denunciado para a polícia por castigar um menino, que há tempos vinha quebrando os vidros das janelas do abrigo onde funcionava o Grupo Escolar. Segundo o texto, os vidros apareciam quebrados, e a direção não conseguia identificar o infrator. Feita uma investigação, descobriram quem era. A fim de corrigi-lo, o padre deu-lhe um puxão de orelha e uns tapas. Ao conversar com o padre, a mãe e a avó se desculparam, entretanto, o pai ao saber do ocorrido, revoltado, denunciou o padre à polícia, que nada fez a respeito por apoiar a correção do mesmo.

Aqui, o abrigo é uma escola de formação e de educação, não de delinquência. Aqueles que não quiserem que seus filhos sejam bem educados, podem deixar de mandá-los para nós. E quando acharmos justo, para o bem da criança, usarmos o castigo, ninguém nos afastará deste dever (Um dia chorarão. Setembro de 1954, página 4, edição número 20, sem indicação de autor).

A imagem que se apresenta é de que, em nome da ordem e da disciplina, o padre utilizaria dos métodos que julgasse adequados, inclusive castigo físico, e além disso, contava com o apoio das autoridades locais, nesse caso, a polícia. O título sugere que os pais que não concordassem com a educação proposta por ele, um dia sofreriam.

Outro escrito interessante é da edição de fevereiro de 1958 intitulado “Escandalos” em que o padre faz verdadeiras “ameaças” às menores e às moças que fossem surpreendidas em situações de namoros. O padre expõe as funcionárias da fábrica Santa Basilissa por se

encontrarem com “gente desclassificada” nos bosques do cemitério, moças do bairro que ele chama de “desclassificadas” e “perdidas”, mulheres casadas e pais de família que ele afirma saber de “coisas mais graves”. No final, salienta que está em comum acordo com o Delegado e que se a “sujeira” não acabasse ele divulgaria nomes nas edições de *Garotos*. Com esse artigo, o padre quer causar medo, passando uma imagem de alguém controlador, que tudo vê, uma ameaça a quem pretendesse não seguir a risca o comportamento proposto por ele pela sua visão de mundo. E ainda mais, pede a colaboração dos “bons” para o que ele chama de “saneamento moral”, colocando uns como vigias dos outros. Dessa forma, o padre acreditava estar trabalhando para o bem das famílias e evitando aborrecimentos aos pais.

Talvez, esse modelo de educação, baseado no que o padre chamou de “saneamento moral”, tivesse o objetivo de levar os católicos que se considerassem “bons” a acreditar serem responsáveis pela vida dos menos “bons”, daqueles mais “perdidos” da religião. E, desse modo, acreditarem também, contribuir para com o “saneamento moral” da sociedade. Segue na íntegra, pela imagem, o referido artigo:

pedirá contas tam-
 estas. (3.º Manda-
 duvir a Missa todos
 (1.º Preceito da

PADRE ALDO

mês

nde solenidade.
 ndo teremos a gra-
 ver um dos nossos
 os subir ao altar pa-
 zar a sua primeira
 ? Rezemos.

ta de Santa Inês
 comemorada solene-
 e pelas nossas Filhas
 aria. A festa foi pre-
 ia por um tríduo. A'
 e houve comunhão ge-
 da Pia União; quase
 as as Filhas de Maria
 ungaram.

anta Inês proteja e
 sta a nossa Pia União.

ta de São Sebastião na
 Vila Santa Libânia . .
 foi realizada domingo,
 de janeiro: a festa re-
 osa saiu muito bem:
 Missas foram bem fre-
 entadas: antes da Mis-
 das 10 horas, houve
 ãção do novo salão do
 ecismo. A' tarde, às 5
 ras, realizou-se a ben-
 o dos animais e a dis-
 buição do sal bento. A
 ocissão foi grandiosa. O
 mpo ficou bonzinho até
 noite.

A quermesse que os fes-
 iros realizaram no La-
 pês foi atrapalhada pe-
 chuva.

O balancete da festa
 eu livre Cr\$ 16.197,00.

As listas deram o se-
 uinte resultado:

Agenor Batista e Se-
 hora, Cr\$ 935,00.

Luiz Lugli e Senhora,
 r\$ 1.237,00.

Oscar Eugenio dos San-

Escandalos

Que o mal existe é uma
 verdade: desde que Adão
 desobedeceu a Deus en-
 trou no mundo o pecado;
 mas que o mal seja tão
 descarado e tão aberto co-
 mo é nos nossos dias, é
 demais: Antigamente a
 gente o fazia, mas procu-
 rava escondê-lo, procura-
 va que ninguém visse, ou
 soubesse; agora é feito
 sem vergonha nenhuma,
 sem respeito do próximo,
 é o que estamos assistindo
 ha tempo na nossa paró-
 quia.

No primeiro dia do
 ano, na relação geral da
 paróquia, nós promete-
 mos que durante o novo
 ano teríamos enfrentado
 com todos os meios este
 problema para diminuir
 tanta sujira: todas as
 noites somos obrigados a
 assistir a cenas revoltan-
 tes. Menores e moças per-
 didas encostadas nas por-
 tas da Industria Carrete-
 ro, em atitudes provo-
 cantes; mocinhos cafajes-
 tes filhos de Papai que
 usam do carro do pai, pa-
 ra recolher menores e pas-
 sear com elas à noite no
 campo da Penha. Já assis-
 timos numerosas vezes à
 este espetáculo chocante,
 carros parar perto da igre-
 ja, soltar meninas na es-
 curidão e depois fugir ve-
 lózes, ou quando o carro
 entra na Rua Dr. Freitas,
 a passageira esconder-
 se no fundo do carro para
 não ser vista.

Ha 15 dias, à noite, um
 Jeep, verde se abasteceu
 no posto aqui perto e de-
 pois pegou uma menina
 que estava com a cara es-
 condida contra a parede

e fugiu depressa. Não só
 de noite mas também em
 pleno dia a gente não tem
 vergonha de dar escanda-
 los, como aconteceu ha
 um mês.

Cinco testemunhas vi-
 ram na estrada atrás
 da matriz, parado um ca-
 minhão de transporte de
 cor verde, com o motoris-
 ta dando escandalo com
 uma decaída.

Algumas operárias da
 Fabrica Santa Basilissa,
 não têm o menor receio
 de encontrar-se durante o
 dia com gente desclassifi-
 cada nos bosques perto do
 Cemitério.

Outras coisas mais gra-
 ves deveria dizer; de mu-
 lheres casadas e de paes
 de familias.

Tenho aqui uma lista de
 nomes de meninas e mo-
 ças das quais algumas
 moram aqui na nossa Vi-
 la de Santa Terezinha,
 que não estão proceden-
 do bem.

Este é um aviso: o jor-
 nalzinho GAROTOS ago-
 ra entra em todas as nos-
 sas familias, todo o mun-
 do está avisado; aviso aos
 paes, como aviso aos fi-
 lhos.

Alguém ficará muito
 surpreendido: Algumas fa-
 milias honradas ficarão
 sem jeito sabendo os es-
 cândalos dos filhos. Se es-
 ta sujeira continuar, ini-
 ciarei a publicação dos
 nomes de todas as sem-
 vergonhas, as decaídas
 clandestinas, os biscates.
 Já entrei em entendimen-
 to com o Delegado para
 que ele me ajude nesta
 campanha de saneamen-

Waldemar Pereira e Anunciato
 Oricchio

Para a lampada do SS. Sacramen-
 D. América Pacitti, uma lata de
 D. Italia Zadra: uma lata de ól
 Negrinho Souza Netto: Uma lat
 Um devota: uma lata da óleo.
 D. Marina Bianchi: uma lata de

A todos muito obrigado.

As Revmas. Irmãs Missioná
 ram na nossa paróquia uma est
 agradecem de coração aos par
 atenções que receberam e prom
 brança nas orações.

Carnavaí na Santa

Atingiu pleno sucesso o
 tríduo Eucarístico — 500
 crianças participaram dos
 festivais no Abrigo.

Acabou o Carnaval, o
 nosso Carnaval diferente
 dos outros, carnaval que
 para nós foi motivo de nu-
 merosas graças e bençãos.

Passamos os três dias
 aos pés do Smo. Sacra-
 mento, que ficou solene-
 mente esposto pelo espa-
 ço de 40 horas. Os fiéis se
 revezavam na igreja fa-
 zendo guarda de honra à
 Jesus.

Numerosíssimas foram
 as santas Comunhões;
 bem frequentadas as ho-
 ras coletivas à noite: pa-
 recia dia de festa.

Durante o tríduo os
 nossos fiéis tiveram a
 oportunidade de fazer a
 oferta de velas ao Smo.
 Sacramento oferta que

alcançou
 de Cr\$ 1.
 As noss
 bém part
 duo, assis
 dias a Sa
 ticipando
 ta. Depois
 salão do
 distribuid
 presentes:
 boradores,
 minha de
 vontade, q
 tocar nos
 mente pe
 nossos me
 palhaçada
 tocadas no
 siasmo de
 nito ver es
 mens pais
 nar-se m
 meninos u
 fazer uma
 gurar a c
 co, para
 perigos d
 rua. A est
 ços o noss
 cimento:
 Senhora I

A s

‘Ga

P. ALDO

Figura 21: *Jornal Garotos* - Arquivo do CDAPH. Fevereiro de 1958, p. 3. "Escandalos"

Garotos quer passar a ideia de um padre bravo, exigente e empreendedor, de um líder reconhecido, de um regulador/controlador moral, mas quer também afirmar que o padre é um “sonhador”, um homem que se preocupa com a população mais pobre.

Padre Aldo se afirmava sonhador, tendo sempre em vista, a educação. Mostra-se insatisfeito com a construção apenas das obras sociais e do grupo, querendo realizar mais. Segundo ele, diante da constatação de muitas crianças sozinhas nas ruas, pretendia construir um lugar para que elas ficassem seguras enquanto os pais trabalhavam: A “Casa da Criança”. Dizia-se preocupado com o fato de as crianças cujos pais operários, ficarem desamparadas pelas ruas. Nessa casa, pretendia oferecer alimentação, educação e higiene, que seria dirigida pelas freiras. No penúltimo parágrafo, afirma que já providenciou o terreno para esse fim:

[...] quando, durante o dia vejo pelas ruas tantas crianças abandonadas, enquanto os pais estão trabalhando nas fábricas, sinto um nó na garganta. Que coisa podem aprender esses inocentes nas ruas? Encontro muitas vezes aqui perto da igreja crianças de 5 a 6 anos, que já são perfeitos mal educados, desobedientes, desordeiros. Os pais trabalham e os outros não se incomodam com eles. Meu sonho é construir uma casa que possa recolher estas crianças, uma casa dirigida pelas freiras, onde as mães podem deixar seus filhos durante o tempo do trabalho [...] Não um Jardim de infância, que infelizmente já experimentamos em nosso grupo e que por falta de pessoas idôneas não produziu nenhum fruto; eu quero uma coisa melhor; [...] Para poder concretizar êste sonho já providenciamos o terreno, atrás da igreja, já adquirimos 7000m² de terreno e sobre êste terreno o nosso sonho se tornará realidade. (*GAROTOS* "Continuamos a sonhar...", edição 23, Dezembro de 1954, página 4, autor: Pe. A.B.)

É uma obra assistencialista, cujo objetivo era acolher os filhos dos operários que não tinham com quem deixar as crianças e educá-los para serem cidadãos ordeiros. Mas o padre só veio divulgar no jornal esse "sonho" depois de já ter adquirido o terreno de 7000 m² para esse fim, atrás da igreja, talvez para, desde aquele momento, preparar seus “colaboradores” para uma nova obra. Esse local onde foi construída, tempos depois, a “Casa da Criança” hoje, é o IEST - Instituto Educacional Sta. Terezinha, uma escola particular.

Parece-nos assim, que o padre não se preocupava muito com a maneira como as coisas iam se concretizar, mas sim com a concretização delas. Parecia ter pressa e não se preocupar muito com opiniões, procurando intervir, à sua maneira, o quanto pudesse na educação das crianças da comunidade onde atuava. Seria a fé do padre tão grande que a Divina Providência tratava logo de atender aos anseios de seu fiel devoto? Ou padre Aldo

sabia exatamente onde conseguir os recursos dos quais precisava? Essa visão, entretanto, nos é dada por meio da leitura de *Garotos*, onde padre Aldo figura como um líder paternalista, um pai exigente, lutador dos direitos de seus paroquianos. Vejamos como o padre se apresenta em *A Voz de Bragança*.

2.2 *Vida Católica* e *A Voz de Bragança*

O Jornal *Vida Católica* antecedeu *A Voz de Bragança*. Se identifica como uma página católica do Bragança Jornal. Foi constituído de uma folha com duas páginas e encartado na penúltima página das edições do Bragança Jornal. O semanário foi fundado em 01 de janeiro de 1949, não consta o nome do fundador (ARAÚJO, 198--), tendo por diretor o padre Domingos Bonucci e funcionou até o número 26, na edição de 2 de julho de 1949, quando deu lugar a *A Voz de Bragança*, fundado por padre Aldo Bollini. A partir do número 13, de 26 de março de 1949, passou a ter como redator o padre Aldo Bollini.

Na primeira página de *Vida Católica* aparecem o evangelho de domingo, mensagens religiosas, orientação de espetáculos (filmes) e noticiários religiosos. Na página 2 figuram de modo geral, propagandas, poemas e pequenas mensagens ou comentários corriqueiros. Na sequência, podemos observar uma fotografia do primeiro número do periódico, em janeiro de 1949.

Na edição nº 1 de 1949 (sábado, 1 de janeiro), na página 2 aparece uma “Página Feminina”, que só voltou a aparecer na edição nº 11 de sábado, 12 de março de 1949. Uma edição de 4 páginas, sendo a última, a página feminina, na qual eram direcionados às mulheres, sobretudo às jovens, conselhos sobre comportamento, vestimenta, casamento e religiosidade feminina. Porém, educação feminina não era o foco nem de *Vida Católica*, nem de *A Voz de Bragança* o foco era orientação moral e política de todos os seus leitores.

Na edição de 26 de Fevereiro de 1949, aparece pela primeira vez o anúncio do Movimento Social Católico, que segundo a própria Igreja, tinha a intenção de fazer um “Saneamento moral, religioso e social” em Bragança:

“[...] Um grupo de generosos católicos bragantinos, já há vários meses trabalham em surdina, estudando os grandes problemas urgentes do momento, em reuniões que se iniciaram junto aos Padres de Santa Terezinha, que não poupam esforços para o maior bem espiritual e temporal do nosso povo. Nessas reuniões vêm se procurando os meios necessários para cercear em nosso meio o mal devassador. Chegou o momento da ação, eis que desse grupo de homens dedicados surge o MOVIMENTO SOCIAL CATÓLICO, que tem o nobre escopo de contribuir com meios correspondentes para o saneamento moral, religioso e social de nossa gente. E os meios para atingir essa finalidade? A imprensa, o rádio, o cinema, o esporte, a escola divina e noturna, o sindicalismo, a assistência médica aos pobres, etc.[...]” (*Jornal Vida Católica*, Fevereiro de 1949)

O artigo prossegue afirmando que o movimento para ter êxito necessitará de “almas generosas” que contribuíssem para o seu crescimento. No final, termina afirmando que esse movimento estará sob o patrocínio do patriarca São José, tido como Santo Operário. Supomos que o “mal devassador” fosse o comunismo.

Aqui percebemos a clara intenção do Movimento Social Católico “Sanear a sociedade” dos “males” daquele período por vários meios: a imprensa, a assistência aos mais pobres, o sindicalismo e a cultura e o esporte. E os articuladores desse movimento foram descritos como: os padres de Santa Terezinha, ou seja, os missionários do PIME. O que nos dá a entender que a atuação de padre Aldo se baseou nesse movimento. Um movimento que pretendia moldar os cidadãos conforme às ideias da Igreja daquela diocese, ou dos líderes religiosos daquela Igreja, ligados ao PIME naquele momento.

Meses depois, o periódico anunciava o programa católico que iria ao ar aos finais de semana, pela ZYM 9 de Bragança Paulista, com o objetivo de levar orientação às famílias.

Na imagem abaixo, podemos ler o artigo na íntegra, sobre o Movimento Social Católico:

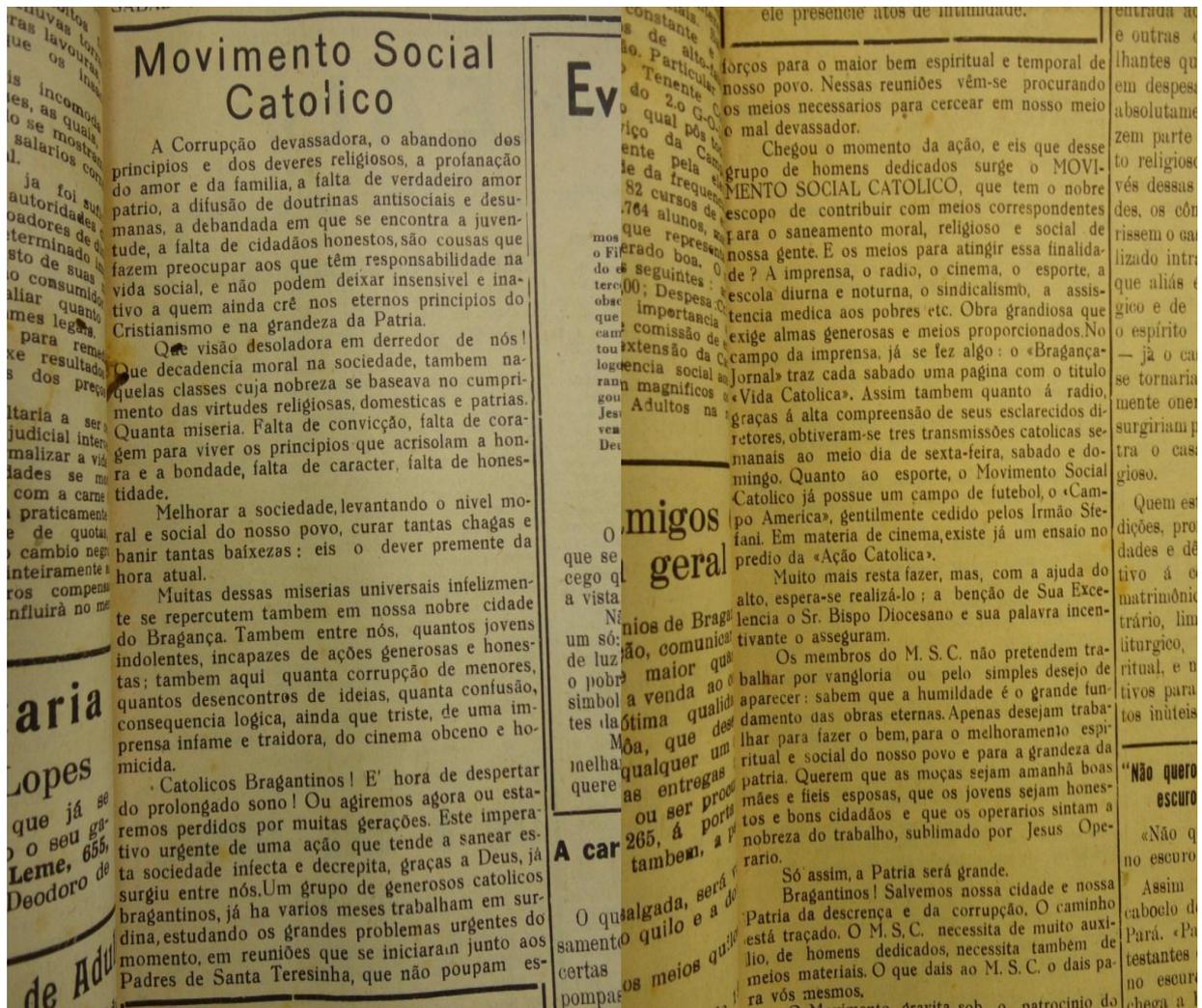


Figura 23: Fonte: *Vida Católica*– Arquivo do CDAPH. 26 de fevereiro de 1949 – “Movimento Social Católico” página 1

Um ano depois, em abril de 1950, o Movimento Social Católico fazia seu primeiro aniversário. No artigo, se afirma que o Movimento teve início “de uma sugestão do incansável padre Aldo Bollini” e que realizou muitas obras e entre elas: “[...] Visitou as obras do padre Milton Santana em Limeira¹⁵, para colher sugestões para as campanhas que tem realizado. (A Voz de Bragança, 04 de abril de 1950, p. 1)”. O artigo segue destacando dentre os trabalhos realizados pelo Movimento na cidade, o controle ao acesso de menores nos cinemas e exibição de espetáculos “imorais”, promoção de ações de cultura e educação em prol da formação “moral” da população, promovendo campanhas de alimentos e roupas para “O natal dos pobres”, etc. Não nos parece, contudo, que padre Aldo fosse um imitador de padre Milton Santana, pelas características de sua atuação, contudo, parecia buscar embasamento prático em experiências que fossem ao encontro de suas iniciativas.

Sobre o aniversário do Movimento Social Católico, *A Voz de Bragança* publicava:

Nascido a 13 de dezembro de 1948, de uma sugestão do incansável Padre Aldo Bollini, realizado com a cooperação do Padre Domingos Bonucci, cujo valioso apoio trouxe as bênçãos do Exmo. Bispo Diocesano D. José Maurício da Rocha, o movimento é hoje uma instituição que se avulta em nossa sociedade. [...] (A Voz de Bragança, 04 de abril de 1950, p. 1).

E mais adiante comenta:

Promoveu o programa de rádio que outrora instruía os ouvintes nas sextas feiras, sábados e domingos, com a leitura do evangelho, com críticas e noticiário religioso. Este programa, como é de domínio público, nos foi cassado, pela incompreensão dos diretores da ZYM 9 e pela irreligiosidade do seu diretor Buccioni, cuja atitude inopinada e injusta teve acolhimento na pessoa do Dr. Paulo Machado Carvalho, quem depois de ter autorizado a irradiação de nosso programa, permitiu seu trancamento de modo mais insólido. (A Voz de Bragança, 04 de abril de 1950, p. 1).

¹⁵ Segundo as fontes: <http://pro-memoria-de-campinas-sp.blogspot.com.br/2008/12/personagem-padre-milton-santana.html> e <http://caujunior.blogspot.com.br/2007/09/homenagem-ao-cnego-milton-santana.html>. (Acesso em 12 de janeiro de 2016.) Padre Milton Santana foi um padre natural da Bahia que atuou na Paróquia de São Sebastião em Limeira, de 1942 a 1952, onde construiu as dependências paroquiais, uma sede de Círculo Operário e fundou um jornal chamado “Cidade dos Trabalhadores” e uma creche. Entre os anos de 1955 ou 1957 (as fontes divergem nas datas) assumiu a paróquia Nossa Senhora de Fátima, na região do bairro do Taquaral, em Campinas onde atuou durante 40 anos, renunciando ao sacerdócio com 86 anos em abril de 1993. Ficou conhecido pelas obras de assistência social que realizou. Segundos as fontes, o padre afirmava trabalhar pelos mais pobres em nome de uma Igreja Reformista. As obras eram realizadas pela Ação Católica em parceria com o governo do Estado. Iniciou movimentos para a formação de comunidades eclesiais de base e afirmava seguir as determinações do Concílio Vaticano II. Por essas iniciativas, o padre teria sido detido e molestado durante o Golpe Militar de 1964, por acusações de propagar a ideologia comunista, o que teria lhe tirado a visão.

Observamos, entretanto, que no ano de 1950 o nome do padre Aldo Bollini não apareceu em nenhuma das edições como redator. Parece-nos que aqui aconteceu alguma divisão entre as opiniões que eram veiculadas pelo padre na rádio e entre o que seus diretores queriam que fosse veiculado. De alguma forma, o conteúdo dos programas incomodou alguém ou de algum segmento da sociedade bragantina e além do cancelamento do programa na rádio, padre Aldo se afastou ou foi afastado da redação do jornal nesse ano.

Outro aspecto importante presente em ambos os periódicos católicos era a maneira pela qual a população era retratada. Esta era projetada como um grupo de sujeitos que além de necessitados de recursos materiais, eram seres sem cultura, sem educação e sem parâmetros morais. E a Igreja era apresentada como a instituição que disponibilizava o acesso aos recursos, às referências culturais, morais e educativas, e ensinava-lhes como deveriam ser usadas. Padre Aldo fundou o cinema, o teatro e um time de futebol, mas era ele quem decidia o que, onde e como as pessoas podiam participar dessas atividades na paróquia. Negri, (1996) traz uma afirmação que reforça essa conclusão:

Crianças e jovens passavam as tardes de domingo no “recreio”, frequentando aulas de religião, jogando bola, pingue-pongue, para depois assistirem a uma sessão de cinema. Meninas de um lado, meninos de outro. Bem á moda do padre Aldo, sempre severo, que não permitia vestidos decotados, mangas curtas demais e não comungava quem estivesse usando batom ou de cabeça descoberta. Vigia a vida dos paroquianos de tal forma que sabia quem faltava ao recreio aos domingos e avisava as famílias. Quem desse uma escapadinha naquele horário, para ir ao antigo Cine São Luíz, assistir a um filme de Tarzã, por certo levaria puxões de orelhas ao chegar em casa. Era grande o incentivo ao teatro. Constantemente ali no “Abrigo”, se realizavam shows musicais e se apresentavam operetas, dramas, comédias. Quem daquela época se esquece de peças, como Marcos, o pescador, A chinela perdida na neve, Fabíola, Flor de Ipê, Hungria em sangue, entre tantas outras como: Remorso de Pilatos, esta já no majestoso Cine Teatro São José? As peças romanas exibiam ricos figurinos, pois, o padre Aldo, zeloso como era, emprestava roupas de teatros de São Paulo. (NEGRI, 1996. p. 61)

O incentivo não era somente a participação ao teatro e ao cinema, mas ao teatro e ao Cine São José, ou seja, os que eram promovidos pelo padre. O Cine São Luiz¹⁶ não era, portanto o recomendado pelo padre Aldo. E os pais que permitissem a ida de seus filhos a esse teatro não colaboravam com a proposta educacional do padre.

O Movimento Social Católico era parte da Ação Católica, em que o principal objetivo era reunir intelectuais para discutir e definir práticas que garantissem a continuidade da presença da Igreja nas decisões sociais frente aos ideários contrários às suas ideias, entre eles, o comunismo. De um lado, os defensores da escola pública, gratuita e laica promoviam suas práticas, de outro os católicos também defendiam seu espaço, com intenções de manter o ensino religioso nas escolas, ainda que optativo. A criação de uma universidade católica, a criação de associações de universitários, operários e professores (católicos) e confederação da imprensa católica, com o objetivo de combater ideias comunistas, faziam parte da Ação Católica. Na verdade, esse movimento já vinha acontecendo desde o final do século XIX.

Em Bragança Paulista, utilizando como primeiro veículo de disseminação a página *Vida Católica* ele teve início com os padres do PIME: Padre Aldo Bollini e padre Donato Vaglio, este último quase não aparece nas fontes. No dia 02 de julho de 1949, saía o último número de *Vida Católica* e nele a chamada para *A Voz de Bragança*. Com a impressão de um jornal próprio, a Diocese de Bragança fortalecia sua intervenção social, por meio de padre Aldo. Contudo, por que motivo não o fizera antes da chegada do missionário? O que nos parece é que somente com a chegada de padre Aldo a Igreja de Bragança começa a investir em imprensa própria e intensificar sua atuação na esfera social.

2.3 Da redenção da classe operária ao silêncio: Jornal *A Voz De Bragança*

O Jornal *a Voz de Bragança* foi fundado por padre Aldo Bollini em julho de 1949 e seu primeiro número data de 9 de julho de 1949. Em sua apresentação, na primeira página, o redator o justifica como “necessário à reeducação do povo bragantino” de modo que o jornal seria preventivo de “doutrinas” tidas como maléficas às famílias e à sociedade. Segundo o

¹⁶ O Cine São Luís era um cinema localizado na região do Lavapés, próximo a estação Bragança, no início da Rua do mercado.

autor, esse seria “uma voz amiga” que entraria nos lares trazendo “a verdade”. O autor não escreve explicitamente porque acredita que a população bragantina precisava ser “reeducada”, mas afirma que era necessário naquele momento um “saneamento moral”, que ensinasse o que era aceitável se fazer, enquanto cristão católico, enquanto cidadão. Por meio das determinações do que assistir, de como se vestir, do que ler, de que atividades participar, de como ser católico, em quais políticos votar, sugerindo que essa população, para ser educada corretamente, precisava assim proceder, de acordo com o que a Igreja propunha.

Chamamos a atenção aqui para um detalhe aparentemente supérfluo que notamos em *A Voz de Bragança*, mas que pode significar indícios importantes sobre as posições políticas e visões de mundo de padre Aldo Bollini, bem como evidenciar tensões entre essas posições e as posições e visões de mundo do Bispo Dom José Maurício da Rocha. Percebemos que em alguns números, o jornal não traz o nome de seu redator, padre Aldo Bollini, mas somente o nome do diretor responsável: Padre Domingos Bonucci. Esse é o caso, por exemplo, da primeira edição. Com isso, levantamos algumas hipóteses: pode ser que, nessa primeira edição, por ser fundador, considerou-se desnecessário o nome do padre Aldo Bollini. Ou, que por ser o primeiro número, um equívoco, uma falha, fez com que o nome não fosse inserido, assim como nas outras edições em que o nome não apareceu, resultado de um simples engano. Contudo, a partir da edição de março de 1953 seu nome como redator foi retirado completamente, pelos próximos anos do periódico ao mesmo tempo em que começam a aparecer com muita ênfase, propagandas de políticos, inclusive de Plínio Salgado por entre as páginas deste periódico. Este aspecto, exploraremos no terceiro capítulo. O nome de Aldo Bollini como redator do jornal aparece pela última vez em 14 de fevereiro de 1953, quando permanece apenas o nome do Diretor Responsável padre Domingos Bonucci até 1959. A partir daí passa a ser diretor padre Joaquim de Camargo e redator chefe padre José de Ávila Coimbra, até 1964. Na imagem seguinte podemos visualizar o primeiro número de *A Voz de Bragança*, em que o jornal é apresentado como essencial para a formação da sociedade bragantina.



Figura 24 : Fonte: A Voz de Bragança – Arquivo do CDAPH – Edição nº 1, de 1 de Julho de 1949. Pagina 1.

A Voz de Bragança

Novo Semanário Social Católico

Sabado, 1 Julho de 1949 Ano I - N. 1 Assinatura Cr. \$ 10,00

POR QUE?

Quanto recebemos em todos estes anos? Quanto vale o nosso trabalho? Quanto vale a nossa vida? Quanto vale a nossa saúde? Quanto vale a nossa honra? Quanto vale a nossa consciência? Quanto vale a nossa alma? Quanto vale a nossa eternidade?

Gillette AZUL

Procure o melhor barbear. Procure a maior segurança. Procure a maior suavidade. Procure a maior eficiência. Procure a maior economia.

MUCYR R. NETTO

Carregador-dentista Especialista em dentaduras, próteses, restaurações, tratamentos ortodonticos, dentes falsos e novos. Trabalha em P. Lacerda.

LEIAM

As novidades de MARIA BARRETTO em Livros Novos

LFVORARIA BAR

De acabo de sair e seguintes livros: "O Churrasco", "Segundo Momento", 2 volumes. "Humorismo".

Palavras de amigo

A CANA DE DEUS

A Igreja é a cana de Deus. Não tem sempre sempre o mesmo aspecto. Em vez de parecer com um talo e ser frágil e solitário, ela é forte e firme. Ela é a cana de Deus que se curva, mas não se quebra. Ela é a cana de Deus que se dobra, mas não se quebra. Ela é a cana de Deus que se curva, mas não se quebra. Ela é a cana de Deus que se dobra, mas não se quebra.

Visão do Mundo

Repetição do "Caso Mendzenty"

Derrota dos comunistas

O Brasil possui 1.750 aviões e 2.400 pilotos

Um avião para o bispo de Saura

Maria Goretti será glorificada

A Comissão do Ano Sto.

Convoca os peregrinos do orbe católico - Cresce o efetivo do equipamento da Rádio Vaticana

Cidade do Vaticano, 30 de Junho (AP) - Pela primeira vez a Rádio Vaticana transmite o conteúdo oficial que a comissão Central do Ano Santo de 1950 estende ao todo o mundo inteiro para que vá em peregrinação a Roma no ano vincoquo.

Bragantinos!

ATENÇÃO No dia 16 do corrente, sábado, às 20,30 horas, no salão da "Ação Católica", será apresentado um grandioso e emocionante espetáculo teatral!

Os Vampiros Sociais

de Arnaldo Finheiro

O FUTURO DA CLASSE OPERARIA

A redenção da classe operária tem constituição operária e não divina. Este ponto é capital atingir e que explica toda a força que não se encontra desarmada na luta pela redenção da classe operária. Este ponto é capital atingir e que explica toda a força que não se encontra desarmada na luta pela redenção da classe operária.

O "Movimento Social Católico" aceita de boa vontade a compressão de todos os bens...

O estudo desse problema é necessário; a preparação é ainda muito mais pois é abrangendo a realidade e adquirindo os meios adequados que o jovem trabalhador enfrenta a difícil mas necessária...

As eleições de Bélgica - demônios dos comunistas

BRUXELAS 26 - As primeiras informações sobre as eleições realizadas na Bélgica indicam que o Partido Social Católico, que teve o retorno do rei Leopoldo, está a esmagada de conseguir maioria absoluta.

Partido Social Católico, 20% Partido Socialista, 18%, Partido Comunista, 2%

Partido Social Católico, 20%. Partido Socialista, 18%. Partido Comunista, 2%.

Maria Goretti será glorificada

ROMA - A Congregação das Ritãs, reunida no Vaticano, discutiu pela segunda vez a questão de uma milagrosa atribuída à beata Maria Goretti, e propôs a sua canonização. O papa Pio XII, por um colóquio, que temo igualmente a sua canonização, decidiu a morte e fazenda a canonização da cidade vaticana. Se os dois milagres, como se supõe, forem aprovados, o processo estará terminado dentro de poucas semanas e Maria Goretti será proclamada Santa em princípios do Ano Santo. A Congregação dos Ritãs, acostumada a presenciar que ficam séculos, com séculos que a causa da Goretti batem todos os recordes de rapidez.

Segundo “História da Imprensa Bragantina”, até 1993 o periódico teria sido arrendado e dirigido por Antônio Dorival Monteiro de Oliveira, permanecendo como órgão da diocese de Bragança Paulista, porém, carecem informações que definam até quando esse periódico existiu. Embora não esteja explícito, supomos que esse sujeito tenha assumido a redação em 1964, quando desaparecem os nomes dos responsáveis anteriores. Esse sujeito não era um padre, ou religioso consagrado, era um jornalista profissional.

A Voz de Bragança, na verdade, dava continuidade ao discurso de *Vida Católica*, mas com mais páginas tinha maior liberdade para ampliar seus artigos. Trazia em todas as suas edições a coluna “Visão de Mundo” com noticiários internacionais que procuravam demonstrar fraquezas do comunismo e enaltecer o comportamento da Igreja, evidenciando rivalidades entre Igreja e comunistas. Trazia também orientação de espetáculos, noticiário religioso, novidades das paróquias da diocese (sobretudo da paróquia São José e Santa Terezinha) e propagandas políticas em época de eleições. Além disso, no decorrer das edições, observa-se um aumento significativo de propagandas comerciais das indústrias e do comércio locais, com edições de páginas inteiras de anúncios e propagandas.

Este periódico tinha uma assinatura mensal de Cr\$ 10,00, e parecia dirigir-se a um público mais letrado do que “Garotos”. Trazia artigos direcionados explicitamente aos “Patrões” dos operários, demarcando lugares na sociedade. Em um artigo de primeira página da primeira edição se lê:

A redenção da juventude operária é o alvo que a JOC quer atingir e que explica toda a força que ela põe no entusiasmo com que marcha para a conquista do meio de trabalho e de lazeres. [...] Porque essa exigência: porque os lares bem formados, onde pai e mãe tem noção exata de suas responsabilidades são a fonte natural de novos membros da classe operária, novos eleitos para o céu. A corrente dos que elevam e dignificam a classe operária deve unir as gerações e estabelecer o domínio das virtudes morais nas relações entre Capital e Trabalho. (*A Voz de Bragança*. 1 de Julho de 1949. Pagina 1)

Com esse discurso, podemos supor que as iniciativas em benefício da população mais pobre, dos operários tinha a intenção de mantê-los fiéis as suas respectivas realidades e posição sociais e não objetivos progressistas ou libertadores. Sobre a divisão de bens materiais, por meio de uma das críticas ao comunismo, pode se ler:

[...] Diante das insinuações do comunismo, que acena uma igualdade de bens e de fortuna entre os homens impossível e absurda, é necessário que nós, católicos, sob a voz de comando de PIO XII saíamos da inércia em que nos encontramos e corramos a defender nossa fé, nossa religião chamando todos os povos á prática das mais sublimes virtudes: a fé viva, a caridade perfeita, a resignação aos sofrimentos e a esperança de uma vida futura onde haveremos de receber recompensa ou castigo, de acordo com o que tivermos feito de bem ou de mal nesta terra.[...] (A Voz de Bragança. 30 de julho de 1949. Artigo na primeira página intitulado: Catolicismo X Comunismo)

Nesse caso, segundo a Igreja, naquele momento, a “vida em abundância”, pregada por Jesus Cristo, só poderia ser vivida depois da morte, em um futuro incerto. O importante seria ser resignado aos sofrimentos e aceitar a vida como era, sem luta ou discórdia, em nome da recompensa futura.

Mas essa postura, no entanto, fazia parte de um contexto maior, de lutas de classe e disputas políticas, sobretudo entre a Igreja e o Partido Comunista, que vinham ocorrendo no período. Segundo Moreira (1994), a partir da década de 1950, por influência do Partido Comunista muitos movimentos populares, sobretudo no campo, ganham forte conotação política. Esses movimentos tinham a intenção de estabelecer um programa de mudanças na sociedade brasileira, entre elas, a Reforma Agrária.

Contudo, as posições não eram homogêneas dentro da Igreja. Enquanto alguns segmentos incentivavam a reforma agrária e procuravam favorecer setores desfavorecidos da sociedade, outros combatiam reformas em nome das elites apregoando que diferenças sociais eram criadas por Deus, existindo portanto, a predestinação: uns seriam pobres e outros, ricos. Parece-nos que é, nesse último segmento, que a Igreja em Bragança se inseria.

O discurso de *A Voz de Bragança* seguia nessa direção, reforçando posições sociais, condenando o comunismo, enaltecendo comportamentos religiosos e promovendo eventos das paróquias, sobretudo os da paróquia Santa Terezinha. Os programas de eventos, recados ou pedido de doações da paróquia dirigida por padre Aldo Bollini ocupavam espaços sempre maiores e utilizavam recursos gráficos como mais espaçamento entre as palavras, fontes maiores e em negrito, que chamavam mais a atenção do que as das demais paróquias.

O periódico pregava uma adoração à Pátria como se pregava o amor pela própria mãe. Comemorações cívicas como a Semana da Pátria eram sempre tratadas com muita ênfase.

Frases soltas pelo jornal circulavam aleatoriamente pelas páginas em muitas edições e eram intensificadas em semanas de comemoração cívica, entre elas destacamos algumas que apareceram na edição de 3 de setembro de 1949 na primeira página: “Amar a Pátria é um preceito Divino.”; “Mesmo que se dê tudo à Pátria, ainda não se deu o bastante.”; “Para a grandesa do nosso Brasil, cidadão, trabalha e produza.” E: “Deante da Pátria a política deve desaparecer. A política partidária é prejudicial à Pátria.”

As comemorações cívicas da Semana da Pátria foram instituídas durante a segunda metade da década de 30, durante a política autoritária do Estado Novo. Nesse período, desenvolveu-se uma política educacional de molde autoritário e uniforme, que visava reforçar o nacionalismo através da valorização de disciplinas tais como a “Educação Física, o ensino da moral católica e da educação cívica pelo estudo da História e da Geografia do Brasil, do canto orfeônico e das festividades cívicas, como a “Semana da Pátria”.” (HILSDORF, 2003, p.100)

Poderíamos cogitar que, realizar a comemoração poderia ser indício de que padre Aldo e a Igreja em Bragança eram simpatizantes de uma corrente política autoritária, ou de que estavam simplesmente cumprindo o dever com reverência. Entretanto, observa-se que o nome de padre Aldo como redator do jornal não aparece nessa edição. Estaria ele em desacordo com essa comemoração, representando uma divisão entre as posições patrióticas da Igreja local (o bispo) e as suas? Ou a falta do nome foi um mero engano? Apesar de suspeitar que não era um engano, não podemos saber ao certo. Segue a imagem da edição de 3 de setembro de 1949, em que se destaca o patriotismo e não aparece o redator.

A Voz de Bragança
 Novo Semanário Social Católico
 Bragança Paulista - Sábado, 3 de Setembro de 1949
 Ano I - N. 9 Assinatura Cr. \$ 10,00

Em CLIMA ardentemente PATRIÓTICO
Bragança Paulista
PREPARA-SE PARA CELEBRAR
O DIA DA PATRIA
 7 de Setembro

Programa Cívico-Religioso DO DIA DA PATRIA

As 6 horas - Alvorada pela Associação Musical "15 de Outubro" a salva de 21 tiros de honra nos Campos de São João, Santa Covadonga e Largo do Tabaréu.
 As 7:30 horas - Concentração dos militares, a infantaria, a cavalaria e o povo na Praça Princesa Isabel.
 As 8 horas - Instrumento de Bandeira a Brinquete Misa Campal, celebrada por D. José Maurício Rocha, DD, Bispo diocesano. Em seguida, grandioso desfile pelas ruas principais da cidade.
 As 13 horas - Sessão cinematográfica para as escolas, nos Campos.
 As 15:30 horas - Grandiosa Procissão de Nossa Senhora Aparecida.
 As 18 horas - na Praça Real Lema, Concerto pela Associação Musical "15 de Outubro".
 As 21 horas - No Clube Literário e Recreativo São João de São João, jantar sobre a data a Exma. Sra. Prof. Dr. Carolina Ribeiro.

Deante da pátria a política deve desapa-recer. A política partidária é prejudicial à Pátria

D. Pedro caminhou alguns passos, silenciosamente, acompanhado por mim, Cordeiro, Gregaro e o Chalça, em direção aos nossos inimigos que se achavam em local próximo. De repente estacou, já no meio da estrada dizendo:
 - Padre Belchior, eles o querem, terão a sua conta. As Cortes nos perseguem, chamam-nos, com desprezo, de rapazião e de brasileiro. Não quero agora quanto vale o rapazião. De hoje em diante estou quebrado e a nossa relação, nada mais quero do Governo português e viva a liberdade do Brasil!
 - Repetemos imediatamente:
 - Viva a liberdade! Viva D. Pedro!
 O Príncipe virou-se para seu ajudante de ordem e disse:
 - Diga à minha guarda que eu acabo de fazer a independência do Brasil, com a separação de Portugal.
 O tenente Casto e Mello cavalgou em direção a sua residência, onde se achavam quasi todos os dragões da guarda e com ela veio ao encontro do Príncipe, dando-lhe as boas vindas. Diante de D. Pedro e a Regência!
 O Príncipe, diante de sua guarda, disse então:
 - Amigos, as Cortes portuguesas querem escravizar-nos e perseguem-nos. De hoje em diante nossa relação é esta: quebrados. Nenhum de nós vive mais!
 E arrancando do chapéu o lenço azul e branco, decretou: pelas Cortes, como símbolo de nação portuguesa, ativava-se ao chão, dizendo:
 - Viva a independência e a liberdade do Brasil!
 - E agora, padre Belchior?
 - E eu respondi prontamente:
 - Si V. Alteza não se faz rei do Brasil verá primeiro das Cortes e talvez seja destruído por elas. Não há outro caminho a não ser a independência e a república.

Respostas com um vigor ao Brasil independente e viva a D. Pedro!
 O Príncipe desembrulhou o espaldar, no que foi acompanhado pelos militares, os passivos, tiraram os chapéus.
 E D. Pedro disse:
 - Pelo meu sangue, pela minha honra, juro fazer a liberdade do Brasil!
 - Juramos, respondemos todos!
 D. Pedro embainhou a espada, no que foi imitado pela guarda, e voltou-se, ficando em pé nos estribos:
 - Brasileiros, a nossa divisa de hoje em diante será o dístico: Independência ou Morte, e a nossa cores verde e amarelo, em substituição às das Cortes.
 Firmou-se nos arcos e porrou a sua beta, baía, e galopou, seguido de seu ajudante, em direção a São Paulo, onde foi hospedado pelo brigadeiro Jordão, capitão Antonio Silva Prado e outros, que fizeram milagres para conterem o Príncipe.
 Mal apareça a beta, D. Pedro ordenou ao seu ajudante de ordem que fosse às pressas aos curules Leão e mandasse fazer um dístico em ouro com as palavras: Independência ou Morte, para ser colocado no brasão.
 E com ele apareceu no espetáculo onde foi chamado Rei do Brasil, pelo Almirante Albuquerque e pelo padre Bilefson Xavier.
 No teatro, por toda parte só se viam laços de cores verde e amarelo, como nos braços dos homens e nos cabelos e entes das mulheres.
 (Da "A Gazeta" de São Paulo).

Amar a Pátria é um preceito divino
Mesmo que se de todo à Pátria ainda não se deu bastante
Para a grandiosa do nosso Brasil, cidadão trabalha e produz

A Pátria
 Depoits da mãe a Pátria é o mais belo presente de Deus.
 Ama tua Pátria como amas tua mãe.
 Para a grandiosa da Pátria trabalha, estuda e sacrifica-te.
 A Pátria se ama não com palavras, mas com ações.
 Para que a Pátria seja grande é necessário que os cidadãos sejam honestos.
 Quem senta contra os bons costumes da sociedade faz um atentado contra a Pátria.
 Quantos pela Pátria deram força, inteligência, sangue e vida: tu, até agora, o que deste?
 A força de uma nação está em proporção ao amor que os cidadãos dedicam à Pátria.

Isso é historia... em São Paulo
 Sobre o que se passou em S. Paulo em 7 de Setembro de 1822, há os relatos feitos e publicados por 3 testemunhas do grito da "Independência ou Morte".
 E assim, foi proclamada a independência do Brasil e o coroadado no dia 1º de dezembro de 1822.

A Instituição do Dia Nacional de Ação de Graças
 Em um dia da semana, quinta-feira de cada ano, para guardar na memória, no servir de fé, entre as criaturas e o Criador, o povo brasileiro, foi pelo seu presidente da República, general Eurico Gaspar Dutra, instituído o Dia Nacional de Ação de Graças, tendo sido escolhida a última

cerimônia, realizada no palácio do Cateite, decorreu num ambiente de simplicidade e naturalidade, mas de alta significação espiritual quando, com a presença do mundo oficial dentro o qual se destacavam, além de outras autoridades civis e militares, os ilustres purpurados Dom Jayme Câmara, e Dom Carlos Carmelo de Vasconcelos Motta, cardeais-arcebispos, se pe e riva mente do Rio de Janeiro e de São Paulo, além de muitos outros bispos e membros do clero nacional. O Sr. Presidente da República assinou então o decreto usando uma pena e caneta de ouro, para significar o alto apreço que os brasileiros querem dar a esta

cerimônia de ação de graças, reveste-se de uma alta significação moral e espiritual e revela, tanto em, em espetáculo grandioso, o prestígio da Igreja católica no seio da sociedade brasileira.
 A Igreja e o novo brasileiro estão pois de par e por fora, já temos um dia em que podemos fazer saber oficialmente ao trono de Deus nossas preces fervorosas, além de que Ele cubra de bênçãos e de graças especiais esta terra, em cuja abundância celeste recamada de estrelas, brilha e fulge esplendorosa e encantadoramente o cruzetiro do Sul.

22-8-949
 Affonso A. Santangelo

Acima de nossos interesses, de nosso egoísmo, de nossos pequenos afazeres recorda que existe a Pátria

Não pode ser bom cidadão quem não ama sua Pátria

Figura 25: Fonte: A Voz de Bragança – Arquivo do CDAPH – 3 de setembro de 1949. Pagina 1.

2.4 *Bragança-Jornal*: “Uma ideia oportuna”

O *Bragança-Jornal* foi fundado em 18 de junho de 1927 e circula na cidade até os dias atuais. Seus fundadores foram José de Oliveira, José Thomazini e Oswaldo Russomano. Suas edições foram interrompidas em 1933 e retomadas em janeiro de 1945, por falta de recursos financeiros. Foi esse o periódico que abrigou como encarte de suas edições a página Católica da Diocese *Vida Católica* de janeiro a junho de 1949. Para esse trabalho, contudo, selecionamos as edições dos anos de 1950 a 1970¹⁷, com o objetivo de ver como a Igreja, e sobretudo, a paróquia de São José e Santa Terezinha bem como o padre Aldo Bollini apareciam nesse periódico.

O *Bragança-Jornal* estava entre os periódicos de ampla circulação na cidade. Nele, percebemos que a Igreja Católica tinha um espaço de expressão amplo, as notícias da diocese, paróquias, ordenação de sacerdotes e, sobretudo homenagens ao Bispo eram muito presentes nesta publicação. As paróquias que mais apareciam eram a de Santa Terezinha e a de Santa Filomena, esta última localizada na Vila Aparecida (um bairro mais distante do bairro do Matadouro). Porém, essa presença da Igreja no periódico foi privilegiada até a década de 1960. Quando a trama política se modifica e o jornal, mudando de proprietários, passa a privilegiar o noticiário referente às realizações da prefeitura, obras sociais fundadas pela primeira dama etc. A partir daí a Igreja continua a aparecer, mas passaram, a ser focados os noticiários da administração municipal. Padre Aldo praticamente foi apagado desse periódico a partir da década de 1970 quando as luzes de *Bragança-Jornal* voltaram-se quase todas para a inauguração de um “Berçário Popular”, um orfanato construído durante a administração do prefeito Hafiz Abi Chedid (ARENA) pela primeira dama Saada Abi Chedid e inaugurado em agosto de 1970.

Contudo, até a década de 1960, *Bragança-jornal* apresentava um forte relacionamento com a diocese. Trazia elogios ao padre Aldo, recados que ele ou padre Donato Vaglio, seu ajudante, mandavam, mas também os conflitos que ora apareciam entre eles e outros sujeitos. Os padres costumavam utilizá-los também como propaganda e meio de conseguir donativos à paróquia. Como por exemplo, um apelo de empréstimo de veículo a paróquia, sob o

¹⁷ A coleção consultada está arquivada no CDAPH e apresenta falhas em suas edições. Entretanto, para o objetivo proposto foi possível colher as informações desejadas.

argumento de que é o “Senhor quem precisa” para levar os catequistas à zona rural aos domingos. No artigo, assinado pelo padre Donato Vaglio, o veículo requerido é comparado ao jumentinho emprestado por Jesus no Domingo de Ramos para entrar em Jerusalém.

[...] Na certa é uma grande felicidade saber que o Filho de Deus precise de alguma coisa nossa. Hoje o Filho de Deus está precisando de alguma coisa, como naquele dia. Está Ele precisando de uma condução: mas é só emprestada... só por alguma hora do domingo. Sem dúvida, numa cidade como Bragança, deve haver mais de um agricultor ou profissional que no domingo deixa seu carro descansar na garagem. [...] (*Bragança-Jornal*, 18 de julho de 1959, edição 2023. “É o Senhor que está precisando...” artigo na primeira página.)

Além de apelos, havia também protestos. Assinado pelos membros da Ação Católica da Paróquia São José e Santa Terezinha, aparece em 1959 um pedido às autoridades para desfazer difamações por parte de algumas seitas religiosas contra a Igreja Católica. Entretanto, não localizamos nas demais edições disponíveis, nenhuma referência a algum conflito que envolvesse difamações entre seitas e religiões. Após essa nota, também não localizamos nenhuma resposta, sendo impossível identificar a que seitas o protesto se reportava, conforme podemos ver abaixo.

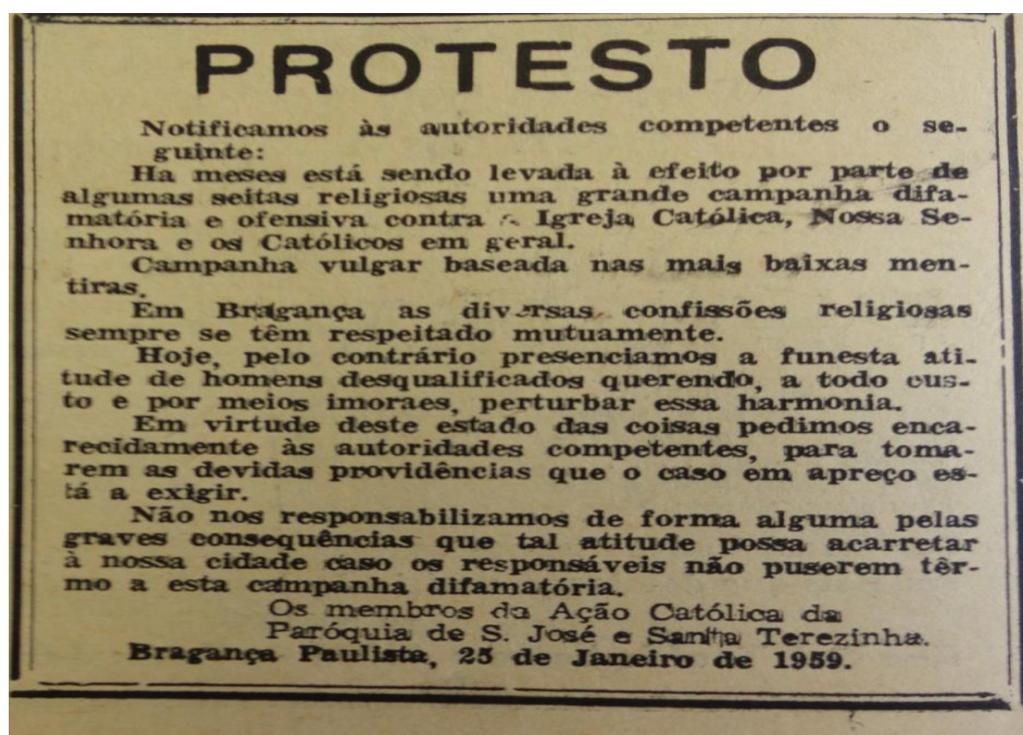


Figura 26: Fonte: Bragança-Jornal, Arquivo do CDAPH. 31 de janeiro de 1959, edição nº 1974. página 6. "Protesto".

Porém, também podiam ser vistos alguns conflitos, ou no mínimo, algum tipo de “mal estar” causado por padre Aldo para alguns sujeitos na sociedade bragantina. Em um artigo intitulado “Uma idéia oportuna”, um autor que não se identifica, critica o padre por ele utilizar o nome errado para se referir a Vila São Francisco:

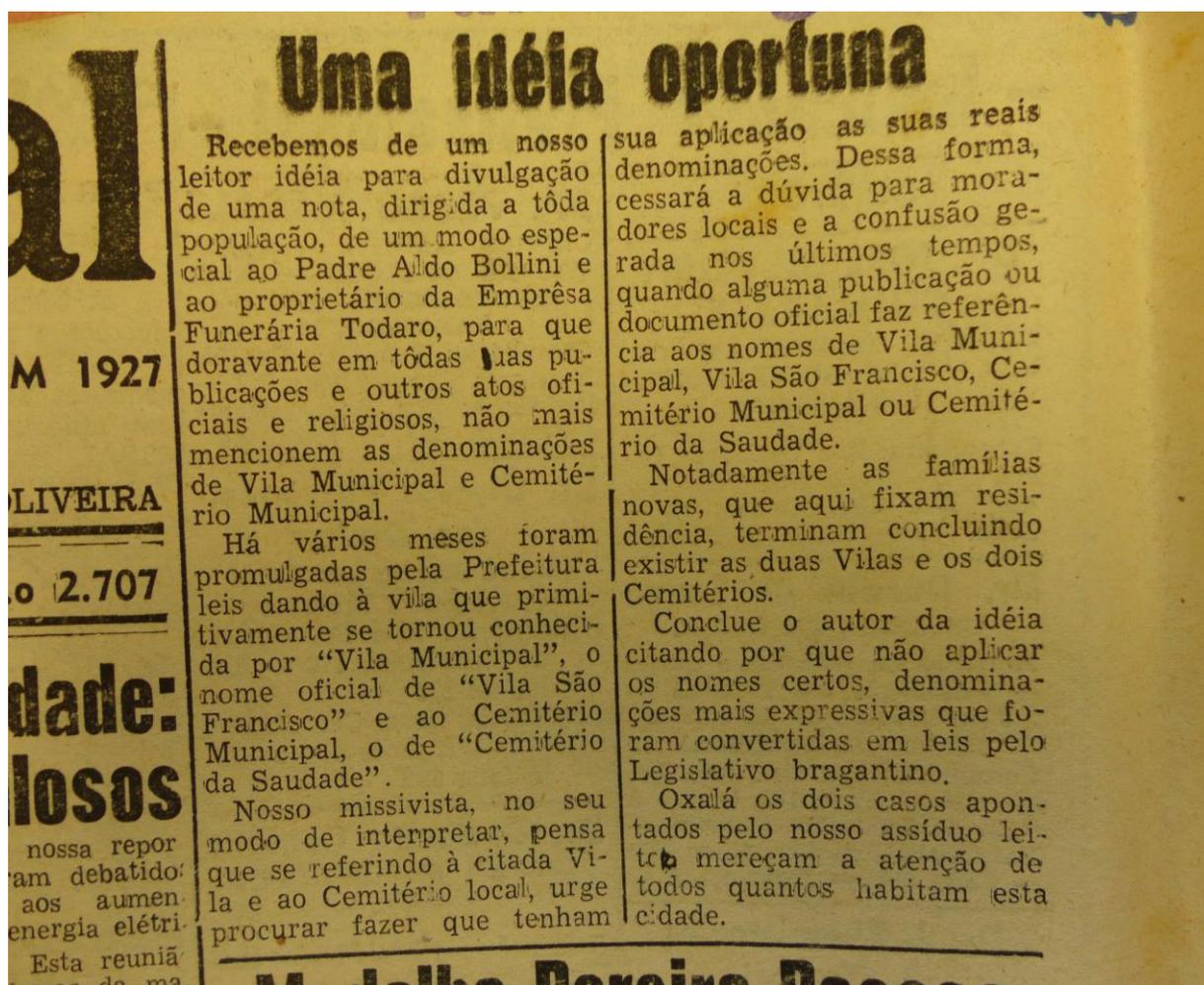


Figura 27: Fonte: Bragança-Jornal – Arquivo do CDAPH. 16 de junho de 1965, edição 2707. Artigo em primeira página, com destaque no canto superior direito.

Entretanto, a queixa do autor não identificado, que a estende para toda a população, parece não ter surtido muito efeito, visto que até hoje, a Vila “São Francisco” é conhecida como Vila Municipal, e o Cemitério é chamado pelas pessoas pelas suas duas designações: Cemitério Municipal e Cemitério da Saudade.

Bragança-Jornal também trazia notícias de homenagens ao padre. Vemos no recorte abaixo que se organizava um almoço comemorativo para o aniversário natalício de 50 anos do padre. Mas parece-nos, contudo, que o que se privilegiava mostrar eram os nomes que confirmavam presença no evento: a elite bragantina. Na edição seguinte, em de 3 de julho de 1965, o artigo saiu novamente com mais alguns nomes.

RAGANÇA PAULISTA

Homenagem ao Padre Aldo Bolini

Comemorando neste ano o seu cinqüentésimo aniversário de nascimento do Padre Aldo Bolini vigário da paróquia de São José e Santa Terezinha os seus paroquianos e amigos estão organizando em sua homenagem e em benefício das Obras sociais um almoço comemorativo que será realizado no domingo 18 de Julho, no galpão do recreio paroquiar. Antes às 10 horas será celebrada uma Santa missa em ação de graça. A estas solenidades estão convidados todos os amigos, admiradores e paroquianos e particularmente todos os Bragantinos e Bragantinas que neste ano comemoram o cinqüentésimo ano de existência.

A quota de participação ao almoço é de Cr\$ 3.000. As inscrições já estão abertas na direção deste jornal.

Primeiras adesões:
Plínio Pereira Cesar e Senhora; Mauro del Roio e senhora; Orlando Bernardi e senhora; Lucio Nicolatti e senhora; Dr. Ulisses Diniz e senhora; Miguel Barrese e senhora; Aurelio Sanchez e senhora; Cirano Ghilardi e senhora; Humberto Paolinetti e senhora; João Cesar e senhora; Jerônimo Careterro e senhora; Olinto Jacomelli e senhora; Lazaro Oliveira Leite e senhora; Lazaro Batista Nogueira e senhora; Manir de Oliveira e senhora; Hafiz Abi Chedid e senhora; Dr. Nabi Abi Chedid e senhora; Jesus Abi Chedid e senhora; José Trindade e senhora; Hélio Sanchez e senhora; Ismael Dorsa e senhora; D. Olivia Cesar Ferraz; Humberto de Bellis; Vincente Sabela; Antonio Castro; Benedito Stefani; Paulo Cecchetti e senhora; José Souza Neto; Maria Teresa; Virgílio Di Nizo; Targino Pereira Toledo; D. Ada Cesar Cintra; Dr. Regolo Cechetini e senhora; Manoel de Freitas e senhora; Antonio Zordo; Alonso Cintra Amaral; Gessy Grasson; Posto Santa Terezinha, dr. Conrado Stefani e senhora, dr. João Batista e senhora.

TALÕES DE RECIBO ALUGUEL DE CASA
A Tipografia Oliveira tem para venda — Praça José Bonifácio, 61.

O valor da Liberdade
R. Z.
O tesouro de maior valor que o Homem pode possuir é a Liberdade.

IA
\$600
e 255

ITADA
MANHOS

Anto gado d munici há que um hor dade, e cidadã cação c crimino dia 25, decreta to da C Segur foi info Antonio pelas que, ne empreer calizá-lo

DECRI
ANAL
EM TO
S. PA de-se co crescime getizaçã leira no efetivo d soas de

São

S. F dade, o reuniões mento e sileiras. so à fre nhamos comentat base em estatistic de Estat buidas p da estatí tística. I estadual

Figura 28: *Bragança-Jornal* – Arquivo do CDAPH. 29 de junho de 1965, edição 2711 Página 2: “Homenagem ao padre Aldo Bolini”

É importante mencionar também, em 06 de dezembro de 1975, *Bragança-Jornal* publicou uma edição especial comemorativa de aniversário de 212 de Bragança Paulista, intitulado “Bragança Paulista comemora 212 anos de desenvolvimento”. A edição contém 24 páginas e traz o desenvolvimento urbano dos bairros da cidade, homenageando algumas pessoas que contribuíram para o crescimento da cidade, sobretudo realizações de prefeitos, vereadores e grandes empresários. Contudo, os bairros da região do Matadouro e do Lavapés não foram mencionados, e nem o nome de padre Aldo Bollini foi lembrado, como se essa região da cidade não existisse ou não tivesse participado do desenvolvimento. Embora a data dessa edição exceda o nosso recorte temporal, ela confirma a hipótese de que padre Aldo Bollini foi sendo apagado da imprensa local.

2.5 Cidade de Bragança: “Caro padre Aldo Bollini, perdoe-me pelas verdades...”

O periódico *Cidade de Bragança* foi fundado em 3 de Novembro de 1895 e sua história é marcada por uma sequência de interrupções e trocas de direção e sociedades¹⁸. Em 1952 o jornal era dirigido por Z. L. Kuntz, quando, no mesmo ano passou a ser dirigido por 3 vereadores da cidade: José Lamartine Cintra, Conrado Stefani e Olympio Ferreira Cintra¹⁹. A coleção disponível no CDAPH contempla edições desde 1922 até 1964, mas há muitos números faltantes. *Cidade de Bragança* era editado de 4 a 6 páginas, variando entre uma edição e outra e não trazia o noticiário religioso com a mesma frequência que *Bragança-Jornal*. Visto que não encontramos nele muitas referências a esses, parecia não dar muita evidência à Igreja ou ao padre Aldo. Apesar disso, padre Aldo Bollini também se utilizou dele para pedir ajuda financeira para a construção da paróquia. Em 2 de novembro de 1949, utilizando quase uma página inteira de anúncios, ele faz um verdadeiro apelo por doações financeiras. Afirma que organizou uma lista de nomes que ele “sabia” que poderiam ajudar para compor uma “comissão de honra” e uma Comissão Promotora” para auxiliá-lo com doações: “Estendo a mão com a cabeça erguida porém, porque não peço por mim e sim para

¹⁸ Informações de: *História da Imprensa Bragantina*. Francisco César de Araújo, 198--. Bragança Paulista - Arquivo do CDAPH.

¹⁹ Os Vereadores Conrado Stefani e José Lamartini Cintra foram vereadores de 1948 a 1955 e de 1960 a 1963. E Olympio Ferreira Cintra de 1952 a 1955. (Fonte: Cadernos de memória; Composições da Câmara Municipal 1978 a 1992 – Bragança Paulista, novembro de 1992.)

uma grande obra que a todos beneficiará. (*Cidade de Bragança* - Arquivo do CDAPH – 2 de novembro de 1949. p. 2)” E depois apela para um discurso que faz comparações e procura constranger os afortunados que doam pequenas quantidades, como que, para convencer os doadores a doarem de forma mais generosa. Escreve ele:

É certo que não deixará de haver quem nos sorria com desdém e que para não fazer má figura oferte uma misera soma como a que se dá a um mendigo de rua, preferindo despender seu dinheiro em vícios e vaidades, mas haverá também corações bondosos [...] que nos ajudarão generosamente. [...] (*Cidade de Bragança* - Arquivo do CDAPH – 2 de novembro de 1949. p. 2)”

Em seguida, o padre dá detalhes de como será a construção do templo e finaliza afirmando que ao término da construção, ele faria colocar uma lápide com os nomes dos benfeitores, a fim de “perpetuar pelos séculos as suas memórias.” Segue a imagem da página:

Bragança Paulista, 2 de Novembro de 1949

UMA GRANDIOSA IGREJA ESTA' SE ERGUENDO

FERVOR DAS OBRAS -- FECUNDIDADE DE INICIATIVAS -- Se a generosidade dos ricos for grande surgirá uma cidadestinha da juventude e dos trabalhadores.

FINALMENTE

O grandioso projeto de nossa Igreja está terminando e como livramento de ocasião de nos dizer coisas maravilhosas.

A Igreja cresce cada dia mais e para que sua construção continue sendo em me dirigir a todos os abastecimentos de fortuna, pedindo-lhes cooperação financeira.

Ha muito que venho pensando em organizar uma comissão promotora, mas, principalmente, queria conquistar a confiança de todos, provando-lhes que nos dedicamos inteiramente ao trabalho.

Preparei uma lista de pessoas que poderiam ajudar e mandei-lhes um circular e presentemente estão respondendo... que a chave confiante. Permite-me explicar de breves o «Comitê Promotor» de nossas obras e a esta vez, embora não seja ainda uma lista definitiva, espero que possa servir para mim e em parte para uma grande obra que a todos beneficiará.

E certo que não deixarei de haver quem não seria com desdém e que para nós. Ezer milhares de pessoas, como a que se dá a um monge de um convento, preferindo depender seu dinheiro em vícios e vaidades, mas haverá também aqueles benéficos empreendedores da alta sociedade de nosso empreendimento e que nos ajudará generosamente.

Não desparezamos pelo contrário temos em grande consideração e estamos a oferecer aos pais, que a mais das vezes não nos dá o valor que as elevadas ideias dos ricos, porque estas pessoas dão a sua fração de provisão. Confesso que fiquei comovido num desses dias quando entrando na Igreja uma pobre mãe de família, com muitas crianças em torno, chamou-me e disse: «Padre, eu sou uma pobre mulher, não posso oferecer-lhe muito, mas tenho querido também dar alguma coisa à nossa Igreja, ajudando a construção por dez cruzeiros, que foram tirados da minha sustento.» O Senhor acolheu-me e disse: «Padre, eu não posso oferecer-lhe muito, mas tenho querido também dar alguma coisa à nossa Igreja, ajudando a construção por dez cruzeiros, que foram tirados da minha sustento.»

Quando entrado na Igreja uma pobre mãe de família, com muitas crianças em torno, chamou-me e disse: «Padre, eu sou uma pobre mulher, não posso oferecer-lhe muito, mas tenho querido também dar alguma coisa à nossa Igreja, ajudando a construção por dez cruzeiros, que foram tirados da minha sustento.»

Que contraste entre esta senhora e um rico senhor, que a uma jovem que lhe pediu um domínio para a nossa Igreja por ocasião da festa de Santa Tereza, disse de termos rápidos e bonitos. Pobre infeliz! mas não podemos nada para nós e a por isso que não nos esqueçamos. Os materiais para fazer o mal e manter os candeeiros sempre acesos, não fazem bem, porque não devemos nos preocupar para fazer a bem?

É interessante notar como geralmente os ricos não se lamentam das dificuldades que nos dá a vida, mas sim a vida e a pobreza que devemos vencer em nossas boas obras.

Todos são livres em «fazer a quantia que quiserem, como também em não dar. Deus, porém, na hora oportuna sempre pagará a cada um segundo os próprios méritos e esportes.»

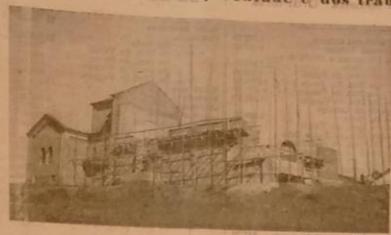
Assim a nossa Igreja vai sendo feita e espera a cooperação generosa dos seus membros.

Padre Aldo

Quando entrado na Igreja uma pobre mãe de família, com muitas crianças em torno, chamou-me e disse: «Padre, eu sou uma pobre mulher, não posso oferecer-lhe muito, mas tenho querido também dar alguma coisa à nossa Igreja, ajudando a construção por dez cruzeiros, que foram tirados da minha sustento.»

Quando entrado na Igreja uma pobre mãe de família, com muitas crianças em torno, chamou-me e disse: «Padre, eu sou uma pobre mulher, não posso oferecer-lhe muito, mas tenho querido também dar alguma coisa à nossa Igreja, ajudando a construção por dez cruzeiros, que foram tirados da minha sustento.»

Quando entrado na Igreja uma pobre mãe de família, com muitas crianças em torno, chamou-me e disse: «Padre, eu sou uma pobre mulher, não posso oferecer-lhe muito, mas tenho querido também dar alguma coisa à nossa Igreja, ajudando a construção por dez cruzeiros, que foram tirados da minha sustento.»



A Igreja vai ludo... mas precisa de dinheiro

FINADOS

Dole de Novembro, dia dos finados, dia de saudade. Os jardins são cuidados por todos, porque todos querem, à porta, os braços brancos de flores de todas qualidades.

De manhã à tarde, nos de de carregado de tristeza, a romaná e contida à cidade dos mortos. Olhos tristes e melancólicos, lacrimejam, em surdina. Lábios ressequidos, tristemente, seriam dispostos a preceder de algumas que lhes vai no coração cheio de torturas e que vive no mar de recordação. Todos vão à capela e lá, por entre tempos, com olhar triste, vão procurando ao juízo de parcelas que, em vida, lhes foram antes que tanto amaram e muito queriam. Não há quem não tenha uma grande saudade, nesse dia, quem não

Recordar é viver, triste viver sangrando e corado com os aguçados olhos de recordação!

«O passado eu não quero ver agora, porque a saudade surge... canta... e chora»

Fernando VALLE

A NOVA IGREJA

Aproveitando as alieções 30 existentes, foram modificados completamente a fachada e o interior da Igreja.

Procurou-se adaptar ao estilo basilical romano com três naves, colata e pórtico de entrada, assim a Igreja ganhará um harmonioso espaço e recolhimento.

Diante da Igreja ficarão duas praças com três esplanadas, a última será grandiosa com que a vinte degraus.

Três grandes arcos finalizarão o pórtico que será de uma superfície de 50 metros quadrados.

A nave central será estensa com 23 metros por 11 e as duas laterais serão de 4 metros por 22 cada uma. A fachada da Igreja tem 22 metros de largura por 21 de altura. O campanário com uma base de seis metros por seis sustenta 48 metros. Ar paredes do campanário serão de um metro de largura e nos pilares de um metro e vinte centímetros.

Para construir simon-

te a torre são necessários mais 250.000 tijolos, pois são empregados 600 tijolos para fazer uma única laia. Também o caso do altar principal será refeito em estilo límbico ao da Igreja, será maior e mais arrojado. O comprimento de toda a construção será de 52 metros a a largura máxima de 20 metros.

O interior da Igreja será amplo, não pretendemos decorar, a própria arquitetura deve ser uma decoração. Os altares serão somente três, sendo um em cada nave.

Obter-se-á desse modo uma verdadeira obra de arte, que será motivo de justa orgulho para todos os habitantes de Bragança.

No pórtico da Igreja quando a construção estiver terminada, farei colocar em uma lapide os nomes de todos os benfeitores iníquos para perpetuar pelos séculos as suas memórias.

Pe. Aldo



Laurindo Marmore & Cia.

Concessionários Ford

Rua Barão de Juqueri n. 365

FOF 260

Bragança Paulista — Est. de São Paulo

Carros e caminhões Ford apresentam economia e durabilidade

Peças genuínas Ford e acessórios em geral — Oficina mecânica, solda elétrica autogênica, — Pintura a jato, — Pneu de Sertão, — Gasolina, óleo, lubrificantes, etc.

Para sua garantia use peças e acumuladores Ford legítimos

Auto Viação Bragança Ltda.

Praça Raul Leme, 10 — Fone 1-0-9

Serviço regular de ônibus e carros expressos entre Bragança Paulista e São Paulo com escala em Aliberti — Juqueri — e Pôrto Feliz

PARTIDA DE BRAGANÇA	8:30 horas	EXPRESSO ONIBUS
"	7:00	"
"	7:45	"
"	15:15	"
"	16:15	EXPRESSO ONIBUS
PARTIDA DE SÃO PAULO	8:45 horas	"
"	14:15	"
"	15:45	"
"	17:00	EXPRESSO ONIBUS

Ponte em São Paulo — Bar. Estrela — Rua Mauá, 690

FONE. 4-6905

Viagens rápidas e confortáveis

Agencia Unica

VIRGILIO RINALDI

Praça Raul Leme, 181

REVISTAS: Aliberti, Vida Domestica, Revista da Semana, Cruzeiro, «La Família», Sci Tado, Seleções, etc. Revistas e livros infantis.

Selecionada coleção de livros de autores nacionais e estrangeiros.

Jornais em geral

Procure este jornal todas as quintas-feiras e Domingos, nesta Agencia

Modernari

Ornamentos e cores para tecidos de aplicação instantânea — Indicado nas imitações de bordados de Cile para: Toualhas — Lençóis — Vestidos — Buzias — Aventais — Guardanapos.

Representante exclusivo nesta praça: Virgilio Rinaldi.

Encostado à venda na Agencia Unica — Predio do «Clube Bragança».

Materiais para Construção

EM ALTA ESCALA

Madeiras em geral, esquadrias de todas as tipos, cimento, cal, ferragens e ferramentais, em geral, tubos galvanizados, conexões, artigos, fios elétricos, manilhas, telhas, tijolos e tubos, materiais elétricos, calças, telhas e tubos de cimento, cerâmicas, telhas de vidro, porcelanatos, azulejos, etc.

Consultem nossos preços

Entregas rápidas e a domicílio

Exercício técnico ao dispor dos interessados

Carretero SJA-Ind. e Comercio

R. Chicago, 159 e Dr. Proff, 415 Fone 219

BRAGANÇA PAULISTA — Est. de São Paulo

Associação «Cidade de Bragança»

«Expresso Bragantino»

SERVA-SE do «Expresso Bragantino», para os seus serviços rápidos de encomendas entre São Paulo e Bragança e vice-versa, com entrega a domicílio.

Alexandre F. Zuccon

Em São Paulo: Parque D. Pedro II 821, — Moc. 2-3596.

Em Bragança: Rua Barão de Juqueri n. 214

SITIO á VENDA

Vende-se um por Cr. \$200.000,00, distante 13 quilômetros de Aliberti e 13 de Bragança, com a área de 21 alqueires, e todo de áreas terras para cultura, 2 alqueires de mata, tendo 25 alqueires de lavouras formadas, dividido em 2 partes, sendo 1 com feixes para porcos, 2 casas, uma de 5 cômodos, de tijolos, cobertura de telhas. Tem boa água, ventos com queda de mais de 4 metros de altura. Fica distante da estrada de rodagem oficial 4 quilômetros.

Tratar com Alfredo M. dos Santos, correio do Sindicato dos Corretores de Imóveis, na Rua Cel. Teodoro Leme, 523, próximo aos tribunais.

Brevemente «esta cidade»: «Compre-se um marido».

Figura 29: Cidade de Bragança - Arquivo do CDAPH – 2 de novembro de 1949. p. 2

Mas também apareceram no periódico algumas divergências. Meses antes *Cidade de Bragança* publicou uma carta aberta ao padre Aldo Bollini. Nela, o autor Celso Dias de Oliveira²⁰ respondia a uma carta escrita pelo padre ofendendo o cristianismo protestante. Não localizamos a versão escrita por padre Aldo Bollini, mas o assunto foi veiculado com destaque na primeira página e diz respeito a uma disputa religiosa. De ambo os lados parecia prevalecer a questão de conhecimento e interpretação teológica e disputa de melhor religião. Segundo o autor da carta, o padre teria afirmado que os protestantes se afastaram de Jesus Cristo e de sua Igreja (católica), teria ainda acusa-o de não ter conhecimentos teológicos, não conhecer a história do Cristianismo, entre outras. Contudo, não encontramos maiores repercussões dessa discussão nas fontes, mas percebemos com isso, que padre Aldo parecia irritar de, alguma forma, os protestantes e envolver-se em disputas com eles. E *Cidade de Bragança* parecia fomentá-las ao publicar em primeira página. Segue na imagem a carta resposta (figura 30).

²⁰ Não localizamos muitas informações sobre esse sujeito, mas compreendemos que o mesmo professava a fé protestante sendo uma pessoa da elite letrada. Supomos que era um líder religioso. Foi o primeiro presidente da Associação Bragantina de Imprensa (A.B.I.), criada na década de 1950 segundo *Bragança-Jornal* em edição comemorativa recente online:
http://bjd.com.br/site/colunistas.noticia.php?id_noticia=2037&id_blog=30



Figura 30: Cidade de Bragança - Arquivo do CDAPH - 27 de Março de 1949, ed. 5450. "Resposta à Carta aberta ao padre Aldo Bollini.

Contudo, em 22 de junho de 1950, *Cidade de Bragança* também publicou em primeira página, o relato de uma comemoração de aniversário do padre Aldo Bollini, afirmando que esse foi longamente homenageado por políticos locais, vereadores e prefeito, e pelos paroquianos da paróquia São José e Santa Terezinha. O artigo utiliza-se exaustivamente de adjetivos para elogiar o homenageado e aqueles que o homenagearam. Sobre o discurso do representante do prefeito, escreve o autor não identificado:

A sua brilhante oração foi um balanço retrospectivo da pedagogia, no sentido filosófico de educar e instruir segundo a imagem grandiosa do espírito de Dom Bosco, na sua altruística missão evangelizadora. Concluindo com um verdadeiro hino à personalidade invulgar do homenageado. [...] (*Cidade de Bragança*, 22 de junho de 1950, ed. 5572. p.1 “padre Aldo Bollini”)

Apesar desse artigo, *Cidade de Bragança* não fazia muitas menções, sobretudo, elogios ao padre Aldo, nem a outros padres.

Em maio de 1952, acontece um desentendimento de padre Aldo Bollini com um vereador da cidade chamado Saturnino Pacciti: O Vereador afirmou na câmara municipal que o padre foi à São Paulo impedir a criação de um novo Grupo Escolar na Vila Camarão. O padre respondeu com uma carta em *A Voz de Bragança* confirmando e justificando o que fez, porém acusando-o de ter declarado “inconveniências” na Câmara. O padre escreve também, que embora tenha prometido, em conversa particular fazer um enterro gratuito ao vereador, considera indigno até mesmo de ser benzido com pinga. Sobre o impedimento do grupo escolar, declara:

Verdadeiramente, fui a São Paulo e com o auxílio do Sr. Lourenço Quilici, nosso prefeito municipal, e Dr. Alcindo Bueno de Assis consegui vetar a sua criação porque no Abrigo já temos duzentas crianças que frequentam a escola diurna com quatro classes, e que, porisso é inútil um novo grupo: não falasse no grande trabalho que estamos realizando em prol de tantas crianças e jovens que cresciam abandonadas nas ruas. Não falaste da inutilidade de um novo grupo, quando, realmente, ele já funciona como é nosso desejo sem que o Governo seja obrigado a novas despesas. Deverias ter mencionado essas coisas que bem sabes, ou talvez calaste propositalmente porque é desejo teu e de teus amigos subtrair a juventude da influência do sacerdote, com receio de que a nova geração se torne assas católica? (*A Voz de Bragança*, 19 de Abril de 1952, p.6)

E abaixo complementa defendendo o progresso que a paróquia tem realizado pela educação:

São duzentas as crianças que todos os dias frequentam a nossa escola e que procuramos auxiliar o mais possível; são sessenta os adultos que, sem distinção de religião, todas as noites vem conosco para se alfabetizarem. São tantas as jovens que, gratuitamente, frequentam a nossa escola de corte e costura, sendo que, duzentas já aprenderam a costurar são mais de 400 crianças que transcorrem os domingos em lugar onde aprendem tantas boas coisas, longe dos perigos das ruas. É uma sequencia de iniciativas para o progresso de nosso povo tais como teatro, musica, canto, esporte, cinema, televisão, recreio, etc... (*A Voz de Bragança*, 19 de Abril de 1952, p.6)

E termina a carta afirmando que, embora o vereador saiba de todas essas realizações e a aprecie, é usado pelos seus colegas como um “alto-falante” para colocarem-no em confusões. E conclui, pedindo desculpas pelas duras palavras e convidando-o para juntos, partilharem um copo de vinho. Entretanto, Saturnino Paciti se defende:

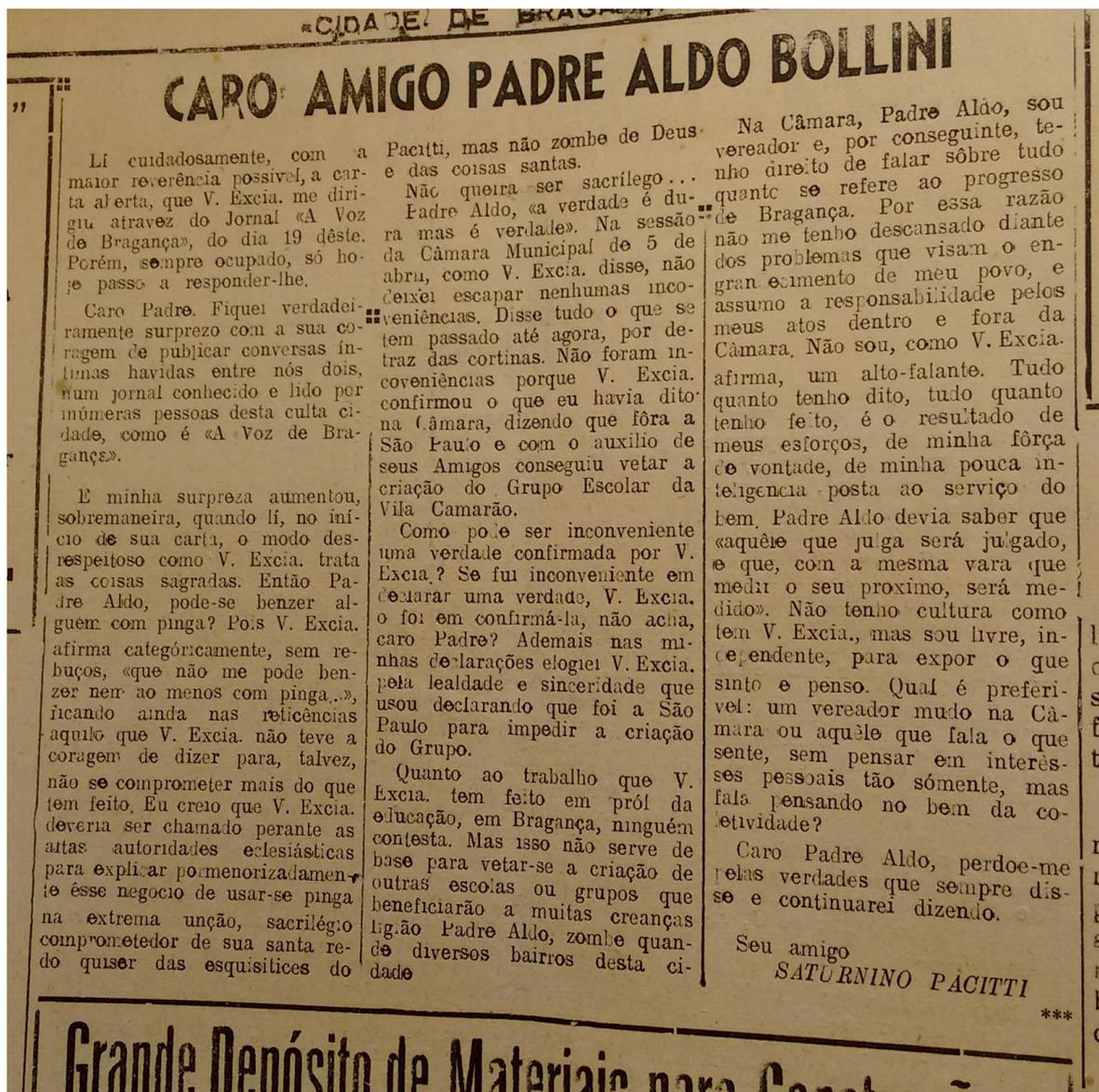


Figura 31: Jornal *Cidade de Bragança* - Arquivo do CDAPH. 01 de maio de 1952, p. 2 "Caro Amigo padre Aldo Bollini"

O vereador parece ter mantido o foco no que ele chamou de maneira desrespeitosa com que o padre trata suas atribuições de sacerdote e nas ofensas a ele dirigidas, do que propriamente no fato de o padre ter vetado a criação de um grupo escolar, pois não deu maiores detalhes sobre isso.

O que podemos supor é que padre Aldo vetou a criação do referido grupo escolar para não prejudicar o financiamento das obras do Grupo Escolar Cel. Francisco de Assis

Gonçalves. Para que, não havendo concorrência, mantivesse aquela população e a educação daquelas crianças sob o seu domínio.

2.6 *Tribuna bragantina*: “A quem mais possa interessar além do padre Aldo.”

Tribuna Bragantina foi fundado em 01 de julho de 1956 por Antônio Dorival Monteiro de Oliveira e Luiz Carlos Toledo Leme e era impresso nas oficinas de *A Voz de Bragança*.

Assim como *Cidade de Bragança*, o periódico não apresentava notícias da Diocese local e seus religiosos com muita ênfase. Mas circulavam por entre suas páginas notícias de festas, programações de celebração, entre outros eventos mais corriqueiros. Porém, em relação a pessoa do padre Aldo Bollini, encontramos também alguns atritos, tais como podemos ler em um artigo de 15 de maio de 1964, referente a um esclarecimento que o padre faz em público, por meio daquele jornal, para declarar que, ao contrário do que teria sido acusado, não teria desviado verba em ato corrupto junto com o ex-Prefeito Ângelo Magrini Lisa (PDC).

Um jornalista chamado Francisco de Mello Cabral teria escrito para *Cidade de Bragança* em 7 de maio de 1964, um artigo chamado “Conta Gotas” em que acusa padre Aldo de ter se envolvido com corrupção de verbas destinada às obras sociais junto com o Ex-Prefeito. Não encontramos o artigo “Conta Gotas”, pois a edição em que ele teria sido publicado é uma das que estão faltantes no acervo. Mas em *Tribuna Bragantina* o padre manda publicar uma declaração e uma certidão contendo informações de recibo da tal verba com a prefeitura, reconhecidas em cartório. Francisco de Mello Cabral responde, procurando amenizar sua acusação, afirmando que o padre exagerou. E na edição seguinte, publica um poema como que agradecendo o perdão recebido das mãos do vigário, iniciando com “Conforme prometi”.

Os artigos sugerem que o padre, envolvendo-se com grandes transações em dinheiro que recebia de doações de diversas fontes, em promíscua relação entre poder público e privado, estava sempre sob o olhar da desconfiança daqueles menos entusiasmados pelas suas “obras sociais”.

Na sequência, temos nas imagens os referidos artigos. Na figura 32, o padre responde às acusações feitas em “Conta-Gotas”, com dados da prefeitura, tentando provar que não se envolveu, nem ele nem o prefeito, com desvio de dinheiro. Na figura 33 lemos a resposta do jornalista.

TRIBUNA BRAGANTINA
Bragança Paulista, 15 de Maio de 1964

CAFI - Centro de Ex-Alunas das Filhas de Jesus

Secretoria do “Centro de Ex-alunas” do Colégio S. de Jesus, relembra as suas associadas que no próximo 23, sábado, às 17.30 horas, haverá no Colégio S. de Jesus, mais uma conferência da série de palestras anunciadas pelos RR. Padres Jesuítas de S. Paulo, eida também as exmas. aras, e senhoritas da cidade participarem da conferência.

Na seguinte, domingo 24, às 16 horas será celebrada no Colégio, onde as Ex-alunas farão sua Comunal.

A Presidente - JOANA THOMAZINI COLOMBI

Bimbalham os Sinos
AMERICA PACITTI COLICIGNO
(da Associação Bragantina de Imprensa)

uma música suave e emocional,
a risonho, encantador e divino,
tãgem com doce harmonia,
o a feliz efemeride deste dia.

O céu deslumbrante com rico cenário,
Compartilha do feliz aniversário.
Da Associação Bragantina de Imprensa.
E de Deus caem bênçãos de rosas olorosas,

a e glória ao Diretor e Presidente,
s aos socios, e illustres assinantes,
os essa etapa, e a nova diretoria,
grandecem a bela — “Cidade Poeta”.

Bimbalham os sinos com acordes de harmonia,
No espaço, as aves trinam com melodia,
Este jornal leva ao ar seu valioso noticiário.
E a natura está em festas, com este aniversário.

A Propósito de Uma Publicação
— PUBLICA FORMA DE UMA DECLARAÇÃO —

Teor: — “Tendo lido no jornal “CIDADE DE BRAGANÇA”, em sua edição de sete (7) de maio corrente, um artigo sob o título “CONTA-GOTAS”, assinado por FRANCISCO DE MELLO CABRAL, em que o articulista afirmou que uma verba de QUATROCENTOS E CINCOENTA MIL CRUZEIROS destinada às obras sociais da IGREJA SÃO JOSE E SANTA TEREZINHA teria sido apropriada indebitamente pelo ex-Prefeito Municipal, declaro, a bem da verdade, que essa verba somente foi liberada agora, em vinte e quatro (24) de abril p. passado, pelo Governo Estadual, enviada ao atual Prefeito Municipal de Bragança Paulista e por este entregue a mim, em data de cinco (5) de maio corrente, conforme recibo que passei à Prefeitura. Autorizo a publicação desta declaração. Bragança Paulista, doze (12) de maio de mil novecentos e sessenta e quatro (1964). — (a) Pe. Aldo Bollini — TABELIAO AMARAL — Reconheço a firma Pe Aldo Bollini, Bragança Paulista, doze (12) de maio de mil novecentos e sessenta e quatro (1964).

— PUBLICA FORMA DE UMA CERTIDAO —

Prefeitura Municipal de Bragança Paulista — CERTIDAO — Certifico, para os devidos fins, que revendo os livros desta Prefeitura, dos mesmos constam os seguintes a) Esta Municipalidade recebeu a importância de R\$ 450.000,00 (quatrocentos e cinquenta mil cruzeiros), em vinte e quatro (24) de abril de mil novecentos e sessenta e quatro (1964), conforme guia n.º setecentos e setenta e um (771), livro Caixa numero vinte e três (23) — artigo numero dois mil quinhentos e sessenta e três (2.563 fls, vinte e cinco (25) — b) A repartição publica pagadora foi a Coletoria Estadual de Bragança Paulista, cheque numero noventa e cinco, oitocentos e sete (95.807), ordem de pagamento Secretaria da Fazenda do Estado de São Paulo. c) Foi empenhado o recibo em cinco-cinco-mil novecentos e sessenta e quatro (5-5-1964), conforme “REGISTRO ANALITICO DE EMPENHO n.º dezessete (17), folhas cento e vinte e seis (126), sob o titulo “Despesa Extraorçamentaria” Auxilio Estadual para Construção do muro de arruino do Grupo Escolar Cel. Francisco de Assis Gonçalves, sendo o pagamento efetuado ao Padre Aldo Bollini, em cinco (5) de maio de mil novecentos e sessenta e quatro (1964), conforme livro caixa n.º vinte e três (23) — fls, vinte e oito (28) — artigo oitocentos e oitenta e oito (888) — cheque n.º oitenta e três mil, setecentos e cinquenta e dois (83.752) a cargo da Caixa Economica do Estado de São Paulo. Certifico mais, que revendo os documentos da contadoria, dos mesmos constam um recibo assinado pelo Padre Aldo Bollini, sob o número de ordem de pagamento oitocentos e vinte e sete (827), na importância de R\$ 450.000,00 (quatrocentos e cinquenta mil cruzeiros), conforme transcrição abaixo: “O abaixo assinado declara de ter recebido da Prefeitura de Bragança Paulista a quantia de R\$ 450.000,00 (quatrocentos e cinquenta mil cruzeiros) como pagamento do serviço de construção do muro do Grupo Escolar Francisco Assis Gonçalves realizado pelo Centro Social de S. José. — Assinado Pe. Aldo Bollini - Presidente do Centro Social de S. José, Bragança Paulista vinte e cinco (25) de Abril de mil novecentos e sessenta e quatro (1964). O referido é verdade e o assino sob o compromisso do meu cargo. Bragança Paulista, onze (11) de maio de mil novecentos e sessenta e quatro (1964) — (a) Vicente Moretto - Contador. — TABELIAO AMARAL — Reconheço a firma Vicente Moretto — Bragança Paulista, doze (12) de maio de mil novecentos e sessenta e quatro (1964). * * *

Afaste essa preocupação, tomando, desde já, sua assinatura anual.

Por \$ 6.000,00 apenas, ou \$ 2126 por exemplar, você terá em casa, todos os dias, o jornal predileto das famílias.

LE QUANTO VOCÊ GANHA EM COMODIDADE E ECONOMIA

diário de S. Paulo

É sua e vale muito

Figura 32: Tribuna Bragantina, 15 de maio de 1964: “A propósito de uma publicação” Fonte: CDAPH.

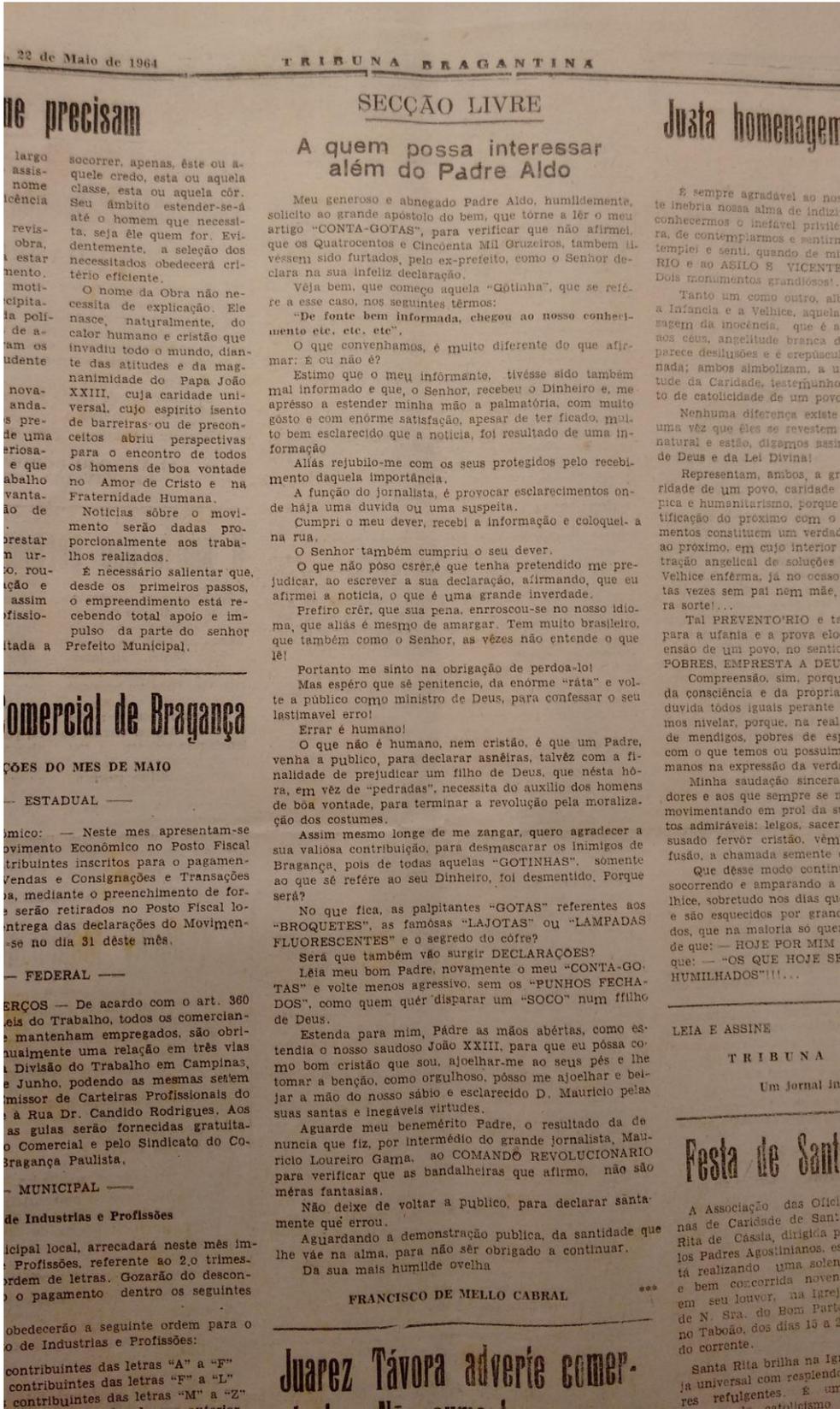


Figura 33: Jornal Tribuna Bragantina, 22 de maio de 1964. Fonte CDAPH.

Dias depois, o mesmo jornalista publica um poema em homenagem ao padre Aldo Bollini:

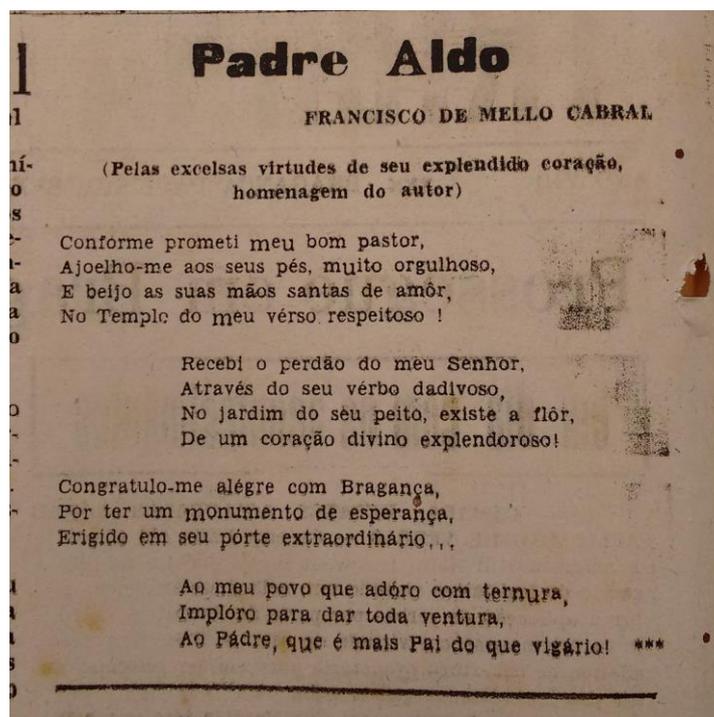


Figura 34: *Tribuna Bragantina* – Arquivo do CDAPH. 29 de maio de 1964, p.3 “Padre Aldo”

Nos chama a atenção, o poema escrito pelo jornalista Francisco de Mello Cabral, que de acusador, passa a fazer elogios ao vigário com palavras de profunda admiração. Não sabemos ao certo, o que se passou entre o padre e o jornalista, mas podemos supor que o jornalista ou recebeu alguma reprimenda do padre e resolveu “homenageá-lo” com um poema ou utilizou-se de ironia para reforçar sua acusação.

Na leitura desses periódicos, percebemos que a nenhum outro padre de Bragança Paulista eram dirigidos artigos como esses, com alto teor político, expresso em divergências, desconfianças e contendas com jornalistas, vereadores e com fiéis de outras religiões. O que sinaliza para a grande popularidade de Aldo Bollini e o seu envolvimento em diversas áreas da sociedade, de modo que estava sempre em evidência, causando divergências entre os meios nos quais se infiltrava e procurava intervir. Suas iniciativas eram polêmicas e a maneira como alcançava os seus objetivos também.

Outro aspecto importante a ser destacado é que a imagem de padre Aldo, foi sendo aos poucos, apagada dos periódicos da cidade. Os periódicos discutidos até aqui veiculavam

homenagens sobre ele, mas principalmente as eventuais contestações, sobretudo, a partir de 1955. Não publicaram nada a respeito da inauguração do Grupo Escolar Coronel Francisco de Assis Gonçalves, em 1958, nem sobre a inauguração do SESI em 1959.

No entanto, a população o consagrava como líder. Em 1960, vemos no Bragança-Jornal uma homenagem organizada pelos seus paroquianos na ocasião do seu retorno de viagem à Itália. Primeiro vieram os avisos da organização, depois a notícia do acontecimento

:

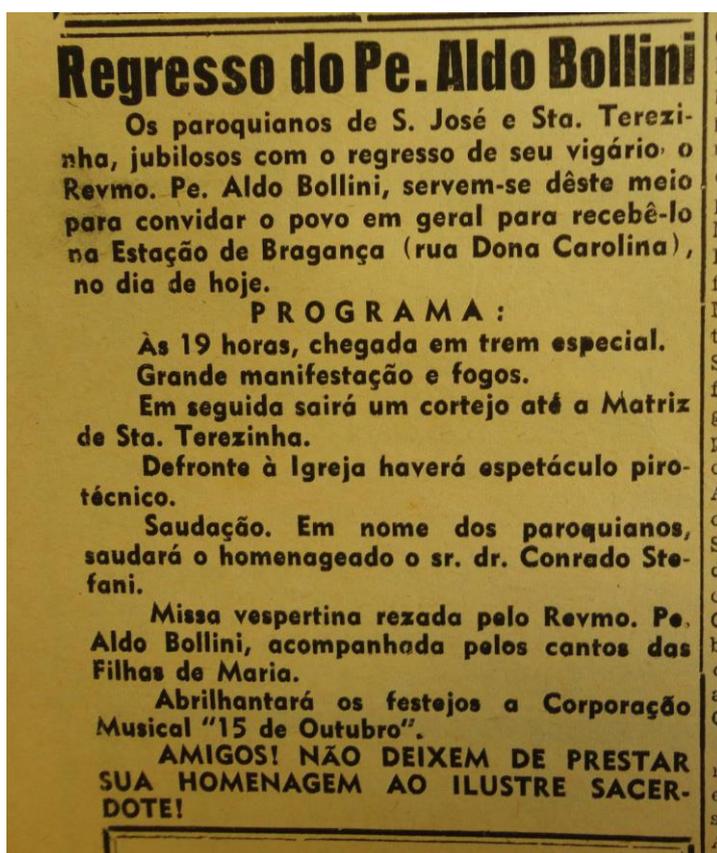


Figura 35: Bragança-Jornal - Arquivo do CDAPH - 15 de outubro de 1960, edição 2210 Página 5: "Regresso do Padre Aldo Bolini".

O artigo aparece na primeira página, no canto inferior esquerdo, em negrito. Embora o convite seja para "o dia de hoje" ele reaparece, da mesma maneira, no dia 18 de outubro, no canto inferior direito da página. Será que foi um engano, ou uma tentativa do jornal para confundir os fiéis.

Fato é que no dia 20 de outubro de 1960, *Bragança-Jornal* publicou em primeira página a “Apoiteótica e Consagradora recepção ao Padre Aldo Bollini” o artigo não cita a data do acontecimento.

O regresso a Bragança do Padre Aldo Bollini constituiu-se em algo verdadeiramente apoteótico. [...] o aguardava uma imensa massa popular [...]. No momento em que a composição férrea que conduzia o estimado Padre Aldo parou na Estação de Bragança, ouviu-se o rimboar de fogos e a gritaria da criançada (que não via a hora de abraçar o vigário) tudo misturado com o soar estridente das buzinas dos carros que ali se encontravam. [...] a muito custo conseguiu o Padre Aldo alcançar o carro (todo enfeitado) que o conduziria à Paroquia São José e Santa Terezinha. (*Bragança-Jornal*, 20 de outubro de 1960, p.1)



Figura 36: *Bragança-Jornal*, 20 de outubro de 1960, edição 2212 Página 1: “Apoiteótica e consagradora recepção ao Revmo. Padre Aldo Bolini”.

O artigo segue narrando que o padre foi seguido, em cortejo, até a igreja onde era vigário, e, lá celebrou a missa; chama a atenção para o “trem especial” que o trouxe: “O trem que trouxe o padre Aldo a Bragança veio tomado pelas seguintes pessoas: Ministro Alcindo Bueno de Assis; cônego Farhat, Plínio Pereira César e senhora [...]” (*Bragança-Jornal*, 20 de outubro de 1960, p.1). e segue uma lista de nomes de outros vereadores e “senhoras”. Mas, sobre o prefeito, parecendo não dar muita ênfase, afirma:

Dentre a massa humana que se comprimia aguardando a chegada do vigário de São José e Santa Terezinha, nossa reportagem conseguiu anotar a presença do profº Angelo Magini Lisa, prefeito municipal; Sr.Cyro Piovesan, Vice Prefeito Municipal; Dr. Hélio Eduardo Costa Galvão, delegado de polícia [...] (*Bragança-Jornal*, 20 de outubro de 1960, p.1)

A forma como foram citadas essas pessoas parece querer diminuir a importância delas para o evento ou para o padre Aldo Bollini.

E na sequência cita alguns vereadores, padres e entre eles, o nome de Donato Vaglio, o padre que trabalhava junto com padre Aldo Bollini na paróquia Santa Terezinha. O Bispo diocesano não foi citado. E o prefeito não fez parte do “Trem especial” que trouxe o padre e as outras figuras importantes.

Apesar de existir a possibilidade de que a homenagem tivesse sido encomendada, ou sugerida, até mesmo pelo próprio padre, nos parece que a população o aclamou como seu líder, talvez porque o via como aquele que defende seus interesses. O que sugere que a sua atuação missionária e sua maneira de estar à frente de uma comunidade era populista. Assim como foi populista a atuação de Getúlio Vargas, Eurico Gaspar Dutra, Jânio Quadros, Juscelino Kubitschek entre outros políticos que padre Aldo parecia apoiar.

CAPITULO 3 – VISÕES DE MUNDO, POSIÇÕES POLÍTICAS E A DIOCESE DE BRAGANÇA.

O período que antecedeu a chegada de padre Aldo Bollini, que vai da década 1930 a 1950 foi marcado por movimentos sociais e visões de mundo que serviram de pano de fundo para muitos eventos políticos em todo o mundo ocidental, inclusive o Brasil. A fim de compreender o contexto político e ideológico pelo qual passava o Brasil quando padre Aldo pisou em solo brasileiro, sem perder de vista a complexidade que envolve a trama política do período, traçamos rapidamente um panorama político a partir de 1930.

Começando pelo governo de Getúlio Vargas, que subiu ao poder em outubro de 1930 e permaneceu como presidente por 15 anos, destacamos que sua atuação populista o faria eleito pelo voto popular novamente em 1950. A deposição do presidente Washington Luís em outubro de 1930 foi resultado de manobras políticas que desencadearam um movimento armado, civil e militar, desde o Sul até vários pontos do país, que culminou na entrega do poder a Getúlio Vargas. Podem ser destacadas como características de seu governo algumas ações como: a centralização do poder, subordinando os poderes executivos, legislativos, nas esferas estaduais e municipais, que se estendeu também no campo econômico, com a criação do Departamento Nacional do Café (DNC) cuja política era a destruição do café para manter os preços de exportação.

Outra política criada por Vargas foi a troca de favores estabelecida com a Igreja Católica:

A colaboração entre a Igreja e o Estado não era nova, datando dos anos 20, especialmente a partir da presidência de Artur Bernardes. Agora ela se tornava mais estreita. Marco simbólico da colaboração foi a inauguração da estátua do Cristo Redentor no Corcovado, a 12 de outubro de 1931 – data do descobrimento da América. [...] A Igreja levou a massa da população católica ao apoio do novo governo. Este, em troca, tomou medidas importantes em seu favor, destacando-se um decreto de abril de 1931 que permitiu o ensino da religião nas escolas públicas. (FAUSTO, 2012.p.186)

A política trabalhista, entre 1930 e 1945, passou por várias fases, apresentando-se como inovadora em comparação com as anteriores e o seu principal objetivo era reprimir organizações da classe operária fora do controle do Estado.

Intensificaram-se as reprimendas às organizações e partidos de esquerda, como o PCB (Partido Comunista do Brasil). Foram criados o Ministério do Trabalho, Indústria e Comércio; leis de proteção ao trabalhador; órgãos de arbitragem de conflitos entre patrões e trabalhadores; as juntas de conciliação e julgamento e o enquadramento dos Sindicatos pelo Estado (Março de 1931). O governo instituiu uma série de normas das quais o sindicato deveria cumprir para tornar-se legal e oficial, dependendo este, portanto do reconhecimento ministerial para funcionar. Entre 1934 e 1939, um decreto foi alterado, admitindo algumas mudanças e a pluralidade de sindicatos, mas na prática, não aconteceram significativas alterações. Segundo Garcia (1990), esse processo foi iniciado pelo primeiro ministro do trabalho, Lindolfo Collor, inspirado em modelos autoritários.

Quanto à Educação, “As iniciativas do governo Vargas na área educativa, como em outros campos, tinha uma inspiração autoritária” (FAUSTO, 2012.p.188), o objetivo era formar uma elite mais preparada para a liderança. Foram feitas reformas no ensino secundário e superior, de modo que as principais medidas de criação de Universidades se deram em São Paulo e no Rio de Janeiro, culminando com a criação, em 1934 da Universidade de São Paulo (USP) e, em 1935, a Universidade do Distrito Federal.

No período do Governo Vargas, de 1930 a 1934 alguns movimentos tomaram vulto, como a questão do tenentismo e a luta entre grupos regionais e o poder central. No que se refere à família, educação e cultura, no Governo Vargas, estabelecia-se a obrigatoriedade do ensino primário gratuito, de frequência obrigatória. Entretanto, o ensino religioso tornava-se facultativo em escolas públicas e aberto à todas as confissões.

Nas eleições de 15 de julho de 1934, Getúlio Vargas é reeleito presidente por meio de voto indireto da Assembléia Nacional Constituinte, devendo permanecer até 3 de maio de 1938. Daí em diante, haveria eleições presidenciais diretas. Nesse período, pensava-se que o país entraria em um regime democrático, finalmente, porém, o Golpe do Estado Novo inaugurou um novo regime totalitário.

Enquanto isso, na Europa, ganhava força os regimes totalitários. Na Alemanha, o nazismo já se tornara vitorioso, assim como na Itália, as ideias fascistas de Mussoline, desde que assumira o poder em 1922. Na França, se desenvolvia uma “política de aproximação entre socialistas e comunistas , que rapidamente se estenderia para o conjunto do movimento operário internacional, com repercussões no plano sindical e eleitoral” (GARCIA, 1990, p. 23).

No Brasil, as organizações fascistas tiveram um movimento mais expressivo a partir dos anos 30, segundo Fausto (2012):

Quando em outubro de 1932, Plínio Salgado e outros intelectuais fundaram em São Paulo a Ação Integralista Brasileira (AIB). O integralismo se definiu como uma doutrina nacionalista cujo conteúdo era mais cultural do que econômico. Sem dúvida, combatia o capitalismo financeiro e pretendia estabelecer o controle do Estado sobre a economia. (FAUSTO, 2012, p.194)

O Integralismo enfatizava a tomada de consciência do valor espiritual da nação, assentado nos princípios unificadores: “Deus, Pátria e Família”. Deste modo, o Integralismo combatia o Liberalismo, o Socialismo e o Capitalismo. Negava a pluralidade de partidos políticos e fazia abundante utilização de símbolos e rituais: como “[...] o culto da personalidade do chefe nacional, as cerimônias de adesão, os desfiles dos “camisas verdes” ostentando o sigma (Σ) em uma braçadeira.” (FAUSTO, 2012, p.195)

O Integralismo e o Comunismo se repeliam, mas tinham, contudo, alguns objetivos em comum, tais como o culto à personalidade do líder, a valorização de um partido único e a crítica ao Estado Liberal. Esses movimentos, entretanto, refletiam visões de mundos opostas da Europa: o Fascismo de um lado e o Comunismo Soviético do outro. Assim:

Os integralistas baseavam seu movimento em temas conservadores, como a família, a tradição do país, a Igreja Católica. Os comunistas apelaram para concepções e programas que eram revolucionários em sua origem: a luta de classes, a crítica às religiões e aos preconceitos, a emancipação nacional obtida através da luta contra o imperialismo e da reforma agrária. Essa maneira diversa de recortar as relações sociais era mais do que suficiente para produzir o antagonismo entre os dois movimentos. (FAUSTO, 2012, p.195)

Outro movimento que ganhou força nos anos 30, tendo como base a perspectiva da modernização conservadora, foi a corrente autoritária. Este movimento defendia que cabia ao Estado a organização da Nação. Este tendia também aliar o domínio das oligarquias ao liberalismo. De acordo com o mesmo autor,

Havia traços comuns entre a corrente autoritária e o integralismo totalitário, mas não eram idênticos. O integralismo pretendia alcançar seus objetivos através de um partido que mobilizaria as massas descontentes e tomaria de assalto o Estado. A corrente autoritária não apostava no partido, e sim no

Estado; não acreditava na mobilização em grande escala da sociedade, mas na clarividência de alguns homens. O partido fascista levaria no limite a crise do Estado; o estatismo autoritário, ao seu reforço. Os autoritários se localizavam no interior do Estado. Aí tiveram sua expressão maior na cúpula das forças armadas. (FAUSTO, 2012, p.196)

Assim, os anos de 1930 a 1945, foram marcados pelo fortalecimento das Forças Armadas, consolidando-se um grupo leal à Getúlio Vargas, onde se destacaram duas figuras: Góis Monteiro e Eurico Gaspar Dutra.

Em 1934, fermentaram reivindicações operárias e campanhas contra o fascismo que levou o governo a propor uma Lei de Segurança Nacional (LSN) que definiu como alguns crimes contra a ordem política e social:

A greve de funcionários públicos; a provocação de animosidade nas classes armadas; a incitação de ódio entre as classes sociais; a propaganda subversiva; a organização de partidos ou associações com o objetivo de subverter a ordem política ou social [...] (FAUSTO, 2012.p.197)

Por outro lado, os comunistas e os “tenentes” de esquerda preparavam o lançamento da ANL (Aliança Nacional Libertadora). Foi publicada em 30 de março de 1935 por Carlos Lacerda, tendo como presidente Luís Carlos Prestes, a ANL tinha por base concepções mais nacionalistas e não preocupações com a classe operária como outrora o PCB.

Nesse contexto, ocorreu o Levante de 1935, uma tentativa de golpe militar. Foi fechada a ANL e resultou em medidas repressivas altamente autoritárias por parte do governo, com o objetivo de reprimir com mais força daí para frente, o comunismo e tudo ao que a ele se relacionasse, bem como as correntes de esquerda de forma geral.

Contudo, a luta entre visões de mundos comunistas, fascistas e integralistas iria render ainda muitos episódios. E a partir de 1937 era implantado o regime do Estado Novo que, no instante, não representava muitas novidades em relação ao regime anterior. Mas, representou contudo, uma aliança civil, militar e da burguesia industrial como objetivo de promover a industrialização do país.

Esse interesse pela industrialização incidiu diretamente na Educação, de modo que a maior preocupação era organizar o ensino industrial a fim de preparar mão de obra qualificada. Segundo Hilsdorf (2003), foi priorizado o ensino secundário técnico, destinado a

preparar mão de obra para a “era das máquinas”. Nesse contexto, foram implantadas várias indústrias de grande porte, principalmente na siderurgia.

A política trabalhista do Estado Novo pode ser vista sob dois aspectos: o das iniciativas materiais e o da construção simbólica da figura de Getúlio Vargas como protetor dos trabalhadores. Quanto ao primeiro aspecto o governo levou adiante e sistematizou práticas que vinham desde o início da década de 1930. A legislação inspirou-se na *Carta del Lavoro*, vigente na Itália fascista. A Carta de 1937 voltou a adotar o princípio da unidade sindical, que não fora abandonado na prática. A greve e o *lock-out* foram proibidos. Em agosto de 1939 um decreto-lei estabeleceu as linhas da organização sindical, tornando o sindicato ainda mais dependente do Estado. (FAUSTO,2012, p.206)

Em maio de 1940, estabeleceu-se também mais uma inovação: o salário mínimo, que deveria satisfazer as necessidades básicas do trabalhador. A imagem de Getúlio Vargas ia se constituindo como “protetor dos trabalhadores” através dos meios de comunicação por meio de cerimônias como as de comemoração de 1º de maio, entre outras que reunisse grandes massas de trabalhadores. Nesses momentos, fazia anúncios importantes de medidas sociais muito aguardados.

Por esses e outros motivos, Getúlio Vargas foi se constituindo em uma imagem simbólica de “Pai” e de “Amigo”. Não por acaso, essa imagem era produzida no interior do próprio governo. Em 1931, já havia sido criado o Departamento Oficial de Publicidade. Em 1939, o Departamento de Imprensa e Propaganda (DIP), subordinado ao Presidente da República. Assim,

O DIP recebeu funções bastante extensas, incluindo o cinema, o rádio, o teatro, a imprensa, a literatura “social e política”, a organização do programa de rádio oficial do governo, a proibição da entrada no país de “publicações nocivas aos interesses brasileiros”, a colaboração com a imprensa estrangeira a fim de se evitar que fossem divulgadas “informações nocivas ao crédito e à cultura do país. (FAUSTO,2012.p.207)

O regime do Estado Novo, no entanto, não se manteve mais que 8 anos quando a entrada do país nas relações internacionais e na II Guerra impulsionou divergências, uma vez que o Brasil apoiava as democracias, a ditadura de Vargas era questionada.

A partir de várias pressões vindas de muitos lados, em 1945, surgiram partidos que iriam existir até 1964 e que colocaram de certa forma, em marcha, dispositivos democráticos.

Os partidos foram: União Democrática Nacional (UDN), adversária ao governo do Estado Novo; o Partido Social Democrático (PSD), por iniciativa de Getúlio Vargas e o Partido Trabalhista Brasileiro (PTB), também por iniciativa de Vargas. Percebendo a fragilidade do Regime, Vargas se apoiava nas massas populares urbanas, através dos sindicatos e do ministério do trabalho.

A *Voz de Bragança* trouxe com destaque, na primeira página quando ocorreu a formação do diretório de um desses partidos, o PSP, no ano de 1950, em Bragança Paulista. segundo o artigo, o prefeito municipal Francisco Samuel Luchesi Filho foi indicado para se candidatar a deputado, por suas “virtudes exemplares”, mas recusou a candidatura.



Figura 37: Fonte: A Voz de Bragança – Arquivo do CDAPH. 29 de abril de 1950. Ano 2. Num. 43. Nessa edição também não aparecem o nome do redator: padre Aldo Bollini.

A partir dos efeitos do “queremismo”, resultado da política populista de Getúlio, também chamada de “Getulismo”, apressaram-se as manobras para a saída de Vargas do poder. Assim,

A queda de Getúlio não foi porém uma conspiração externa, mas o resultado de um jogo político complexo. [...] Afinal, a queda de Getúlio Vargas se fez a frio. Forçado a renunciar, retirou-se do poder, fazendo uma declaração pública de que concordara com sua saída.” (FAUSTO, 2012, p.215)

As eleições, no entanto, já estavam marcadas para 2 de dezembro de 1945, no mesmo ano da saída de Getúlio. E em oposição a candidatura de Eduardo Gomes, Vargas já havia feito nascer a candidatura do General Dutra que, após sua queda, apoiou publicamente, fazendo com que a presidência da República ficasse nas mãos de Eurico Gaspar Dutra. Isso acabou por reforçar a preferência das massas pelo presidente Vargas.

No novo governo, foi promulgada uma nova Constituição brasileira (1946). Na parte referente à organização dos trabalhadores, este manteve-se no sistema corporativista do Estado Novo e apesar de o direito de greve ter sido reconhecido, a legislação o tornou praticamente nulo.

Começou no governo de Dutra também a repressão ao Partido Comunista que já contara em 1946 com muitos militantes: entre 180 a 200 mil. Em 1947, o registro do partido foi cassado, os sindicatos sob influência dos membros comunistas sofreram intervenção e, em janeiro de 1948, todos os mandatos de políticos eleitos pela legenda do partido foram cassados. O governo Dutra favoreceu em alguns setores o avanço da indústria, mas em contrapartida favoreceu uma imposição na redução dos salários reais, em comparação com a inflação.

Em 1951, vê-se após as eleições de outubro de 1950, o retorno de Getúlio Vargas. Este iniciou seu governo tentando, dentro de um regime democrático, ser árbitro das diferentes forças sociais e políticas.

Dentro das Forças Armadas se consolidava uma divisão ideológica entre nacionalistas e “entreguistas”. Os nacionalistas defendiam a intervenção do Estado na regulação da economia, independente do sistema capitalista internacional, enquanto seus adversários defendiam uma abertura ao capital estrangeiro e menor controle do Estado.

Em 1950, apesar dos esforços em controlar a inflação, a pressão social exercida pelo descontentamento dos trabalhadores em relação ao custo de vida e a baixa dos salários fazia com que Vargas se equilibrasse em meio a um mar de correntes contraditórias.

Em 1953, eclode uma série de greves pelo país reivindicando aumento de salários. Em São Paulo, chegou a mobilizar 300 mil pessoas. Getúlio se equilibrava em meio às pressões,

mas seu governo se via cada vez mais sem apoio e os adversários pressionaram pela renúncia. Desse modo, afirma Fausto,

Quando o cerco se apertou ainda mais, Vargas respondeu com um último e trágico ato. Na manhã de 24 de agosto, suicidou-se em seus aposentos no Palácio do Catete, desfechando um tiro no coração. O suicídio de Vargas, exprimia desespero pessoal, mas tinha também um profundo significado político. O ato em si continha uma carga dramática capaz de eletrizar a grande massa. Além disso, o presidente deixava como legado uma mensagem comovente aos brasileiros – a chamada carta-testamento – onde se apresentava como vítima e ao mesmo tempo acusador de forças impopulares, apontando como responsáveis pelo impasse a que chegara os grupos internacionais aliados a seus inimigos internos. (FAUSTO, 2012, p.231)

Em Bragança, a Igreja se pronunciou sobre o fato, através de um artigo em a Voz de Bragança, na edição de 2 de outubro de 1954, nº 273: “Getúlio Vargas perante a Igreja”. Nele o autor enfatiza a recriminação pela Igreja, do suicídio, mas lembra dos “benefícios” que o presidente fez ao país, enaltece sua postura de apoio à Igreja. Porém, o artigo foi escrito pelo Arcebispo do Rio de Janeiro, na época, Dom Jaime Câmara. O Bispo de Bragança Dom José Maurício da Rocha nada publicou a respeito com autoria sua, e após o fato, nada mais foi mencionado. No artigo o arcebispo do Rio de Janeiro afirma que:

Dos Mortos nada se diga, se não o bem [...] hoje, não obstante as falhas ainda existentes no ensino religioso, escolar, ele faz parte do currículo semanal, embora em caráter facultativo [...] mesmo contrariando opiniões de pessoas que cercavam o ex-presidente, esse se mantinha ao lado da doutrina católica, ou melhor, da Lei Natural. (Dom Jaime Câmara, em A Voz de Bragança, 2 de outubro de 1954, página 1)

o de ... das Pedras des-

GETULIO VARGAS PERANTE A IGREJA

“DE MORTUIS NIHL, NISI BONUM” — dos mortos nada se diga, se não o bem — é o provérbio bem conhecido, que tanto possui de cristão como de humano. Não sei se por consentâneo à nossa natureza ou ao menos ao sentimentalismo brasileiro, o certo é que “post mortem” cada um é lembrado em sua família, não pelos defeitos que tinha, mas pelo bem que fazia. É no mesmo rumo que vai esta crônica, recordando, sem intuito de ordem inferior, alguns benefícios prestados pelo ex-presidente da República, Dr. Getúlio Vargas. Eis alguns:

Talvez não seja muito conhecida a origem do Serviço de Assistência Religiosa junto às Forças Armadas. Estavam as tropas desfilando já com seu grupo de médicos e enfermeiras e demais componentes da FEB. Ao passarem ante o palanque oficial, delicadamente, chamou a atenção do ex-presidente para a ausência de capelães militares, que então haveriam de animar nossa gente nos campos de batalha e consolar aqui suas famílias, lembradas de que não faltará amparo espiritual àqueles filhos ausentes. Em dois minutos, se tanto, respondeu-me o Dr. Getúlio Vargas: “Depois de amanhã, sairão o decreto sobre os capelães militares.”

Em dois dias tudo se fez, graças aos estudos realizados pelo Ministério da Guerra, sob os ordens do então General Eurico Dutra. Destarte, os homens da Força Expedicionária Brasileira tiveram assistência religiosa, e não só durante a guerra, mas até hoje, e espero que sempre, cumprindo-se assim antigo anelo do Brasil, que lamentava essa lacuna berta na primeira fase republicana.

Outra conquista da Igreja no Governo Getúlio Vargas é, sem dúvida, o ensino religioso nas escolas públicas.

Havia o contrassenso de se pretender educar as crianças sem se falar em Deus, para se não ferir a neutralidade do ensino. Os livros de educação moral e cívica, e mesmo os simples textos de leitura na escola primária, deviam forçosamente abstrair da existência de Deus, cujo nome nem devia ser pronunciado. Por isto, se ensinavam os deveres para com os pais, os mais velhos, o seu semelhante, mas se ocultava obrigatoriamente o fundamento de todos os deveres, a fonte de onde toda a moral dimanava: Deus, o Ser Supremo.

Hoje, não obstante as falhas ainda existentes no ensino religioso escolar, ele faz parte do currículo semanal, embora em caráter facultativo. Que seria da infância de hoje, atravessando esta horrorosa época de podridão moral, se não obtivesse nas escolas alguma defesa contra o ambiente materialista e de quartel para o exercício tchecoslovaco, que está obrigada a viver sob a ameaça de suas instalações. Os membros da Congregação, teriam sido trasladados para o

festar, com essa abstenção o horror que o suicídio merece, quer em si mesmo, por ser uma usurpação indébita dos direitos de Deus, quer pelo exemplo que deixa, tanto mais reprovável quanto mais venha do alto:

Se alguém, neste momento de exaltação, ensutece o suicídio, deve ser por esquecimento do que ele significa. Para se engrandecer a memória do ex-presidente, não há mister se trocar os nomes das coisas, chamando-se he oísmo ao que é fraqueza. Ele deixou bastantes atos que merecem louvor; não, porém, sua morte.

Recomendar sua alma à infinita misericórdia de Deus é atitude cristã, mas elogiar o suicídio, seja de quem for, é concorrer para agravar situações que bem precisam da mais sábia orientação, para que o Brasil volte à serenidade da ordem e da paz.

Dom Jaime Câmara,
Cardeal-arcebispo do Rio de Janeiro.

Aluga-se
Uma casa com 8
comodos
Informação pelo tel.
272

Como o convertido em quartel
Estorolmo (APG) — O Convento de São Bernardo em Hohenfurt (Checoslováquia), cujo nome na história da civilização alemã, serve de quartel para o exército tchecoslovaco, que está obrigada a viver sob a ameaça de suas instalações. Os membros da Congregação, teriam sido trasladados para o



Figura 38: Fonte: A Voz de Bragança – arquivo do CDAPH. Edição de 2 de outubro de 1954, nº 273: “Getúlio Vargas perante a Igreja”

Após o suicídio de Getúlio assume o vice-presidente Café Filho até as eleições de outubro de 1955. E entre uma série de acontecimentos políticos, empossaram como presidente e vice-presidente eleitos Juscelino Kubitschek e João Goulart. Segundo o mesmo autor,

Em comparação com o governo Vargas e os meses que se seguiram ao suicídio do presidente, os anos JK podem ser considerados de estabilidade política. Mais do que isso, foram anos de otimismo, embalados por altos índices de crescimento econômico, pelo sonho da construção de Brasília. “Os cinquenta anos em cinco” da propaganda oficial repercutiram em amplas camadas da população. (FAUSTO, 2012,p.233)

Os ânimos nas Forças Armadas pareciam mais calmos havendo alguns expoentes de apoio militar ao governo. Confrontavam-se ainda as correntes oposicionistas, de um lado os

nacionalistas, bem próximos dos comunistas e de outro os “golpistas” e “entreguistas” que combinavam a ideia do golpe com o desenvolvimento nacional.

Entretanto, Juscelino Kubitschek iniciara seu governo enfatizando a necessidade de “desenvolvimento e ordem”, objetivos compatíveis com a Forças Armadas, neutralizando um pouco os embates, atendeu algumas reivindicações da corporação.

O governo de Juscelino favoreceu a entrada de capital estrangeiro e a industrialização, ficando associado à instalação da indústria automobilística. Visões de mundo nacionalistas perderam espaço para o desenvolvimentismo. Esse governo ficou na memória coletiva com um momento de otimismo e grandes realizações, sobretudo pela construção de Brasília.

Contudo, alguns problemas também ficaram conhecidos nesse governo, principalmente nas finanças, pois os gastos governamentais para sustentar o programa de desenvolvimento e a construção de Brasília levaram ao crescimento da inflação. Várias medidas foram tomadas na tentativa de contê-la, mas o programa de estabilização dependia da concordância do Fundo Monetário Internacional, no final do mandato, em 1959, Juscelino com vistas à sucessão presidencial entre outras circunstâncias, rompeu com o FMI, obtendo aprovação da oposição.

A segurança nacional, bem como a ordem política, social e econômica passavam, a ser considerados fatores do desenvolvimento. E no campo da educação, as políticas implementadas, considerando esses fatores e o enquadramento desenvolvimentista, “são realizadas sob a justificativa ideológica liberal de que se investia na melhoria do “capital humano”, para adequar a sociedade brasileira aos patamares das exigências modernas da produção internacional.” (HILSDORF, 2003, p.123)

Segundo Hilsdorf (2003), a teoria do “capital humano” foi “importada” dos Estados Unidos, como uma diretriz política para os países em desenvolvimento, largamente difundido no Brasil na década de 1960. Essa teoria defendia a educação escolar como um investimento que trazia maior produtividade e melhores condições de vida para os trabalhadores, e consequentemente, a sociedade devido aos conhecimentos obtidos pela educação formal.

Assim, na década de 60, agências financiadoras internacionais, sobretudo norte-americanas, propagaram essa teoria oferecendo programas de ajuda para o terceiro mundo, intervindo na educação escolar em vários países. Contudo, essa estratégia de ajuda internacional “[...] representava uma forma de criação ou expansão de mercados que favorecia os países assistentes: se fornecida em forma de capital, o investimento retorna ao

país de origem, se dada em forma de bolsa de estudo, promove a “evasão de cérebros” para esses países.” (HILSDORF, 2003, p.124)

No caso do Brasil, o apoio veio dos acordos assinados entre a agência norte-americana *Agency for International Development* (USAID) e o MEC. Conhecidos por acordos MEC-USAID, entre 1964 e 1968 foram assinados 12 acordos. Esses acordos tinham a finalidade de diagnosticar e solucionar problemas na educação brasileira, tendo em vista o “capital humano”. Segundo Hilsdorf (2003), os assessores da USAID agiam de acordo com uma mentalidade empresarial que deu as “marcas da política educacional do período: desenvolvimentismo, produtividade, eficiência, controle e repressão”. (HILSDORF, 2003, p.124)

Nas eleições de 1960, venceu Jânio Quadros, empossado em Brasília. Seu mandato foi curto, pois renunciaria sete meses depois deixando o país em crise política, tentou aliar medidas que agradassem a esquerda com outras que agradassem aos conservadores, mas acabou por não conseguir êxitos notáveis.

O *Bragança-Jornal* traz uma propaganda em prol de Jânio Quadros, dirigida aos católicos. O artigo é de Pouso Alegre (MG), refere-se a preferência pelo candidato Jânio Quadros pelo bispo de Santo André: Dom Jorge Marcos de Oliveira, mas destina-se aos bragantinos. O mesmo aparece bem no centro, na parte superior da página 2, de modo a chamar a atenção e o texto enaltece a pessoa do então candidato por ser católico. Provavelmente, “Aos Católicos”, tenha sido encomendado pela Diocese local, ou por algum representante desta que apoiasse Jânio Quadros.

Av. José Gomes da R. Leal, 1910 — Telefones 2099 e 2100
BRAGANÇA PAULISTA

AOS CATÓLICOS

Para desmascarar as mais sórdidas tramas contra a pessoa extraordinária de **JANIO QUADROS**, o grande Bispo dos operários, Pastor dos humildes obreiros da Pátria, **D. JORGE MARCOS DE OLIVEIRA**, da Diocese de Sto. André, declarou na noite de ontem, através da Televisão Canal 4 de São Paulo, o seguinte:

"JANIO QUADROS é CATÓLICO, foi educado no Colégio Arquidiocesano, tendo sempre revelado a mais sincera obediência aos princípios da IGREJA.

É bom chefe de família, está muito bem casado, tendo o seu matrimônio se realizado na Igreja da Consolação. Sua esposa e sua filha são católicas praticantes e estudaram no conhecido educandário religioso SION de São Paulo.

D. Jorge declarou, entre outras coisas, que **JANIO** é o único homem capaz de, na Presidência da República, mover uma guerra sem tréguas aos ladrões dos dinheiros públicos.

Revelando sua profunda tristeza pelos mais variados ataques que se tem feito à pessoa de **JANIO QUADROS**, no sentido de confundir a opinião dos **CATÓLICOS**, procurando desviar a preferência do eleitorado brasileiro para os candidatos que estão apoiados pelos **COMUNISTAS**, é que se dispôs a vir em público elogiar e prestigiar a figura patriótica de **JANIO QUADROS** e apresentar o seu mais caloroso e entusiástico voto pela sua vitória a 3 de outubro.

(Transcrito de um boletim de Pouso Alegre (MG),
de 24 de setembro de 1960)

Solarrico
A
Escritório
6.º andar
33-7451 -

ADUBOS
árvores
JOSE'

Filial: Tr
Bragança

Quen

Vota

Figura 39: Fonte: Bragança-Jornal. Arquivo do CDAPH. Sábado, 1º de outubro de 1960, edição 2205. Página 2: "Aos católicos"

Mais adiante, o mesmo periódico traz os resultados das eleições daquele ano, sendo na cidade (de Bragança) 4222 votos para Jânio Quadros (PTN), contra 2440 de Adhemar de Barros (PSP):

Bragança Paulista, quinta-feira, 6 de outubro de 1960 N.º 2.206

DE AS ELEIÇÕES DO DIA 3

Janio Quadros venceu com larga margem de votos em Bragança Paulista

Pela ordem de votação, Adhemar de Barros e Marechal Lott em 2.º e 3.º lugar, respectivamente — A apuração — A ordem no pleito — Outras notas

Realizaram-se segunda-feira, dia 3 do corrente, em todo o quadrante nacional, as eleições a fim de indicar os novos dirigentes da Nação para os próximos 5 anos.

Pela apuração procedida em nossa cidade o candidato Janio Quadros, ex-governador dos paulistas, conseguiu uma brilhante vitória, com larga margem de votos, conforme poderão nossos leitores verificar no quadro demonstrativo nesta mesma página.

O seu mais direto perseguidor nas urnas, o Marechal Henrique Teixeira Lott, somente conseguiu 1.234 votos nesta cidade, classificando-se em último lugar, ao passo que Adhemar de Barros, com 3.244 sufrágios, classificou-se em segundo lugar.

A apuração nesta cidade teve início na terça-feira, às 12 horas, tendo o sr. José Joaquim de Almeida, juiz eleitoral, acompanhado de todos os colaboradores pelo auxílio que dispensaram para que fosse apontado o vencedor das eleições realizadas nesta cidade, bem como ao público que acompanhou o desenrolar dos trabalhos.

abertura das primeiras urnas, sendo de se notar que o primeiro voto apurado foi para Janio e Milton.

Os trabalhos foram encerrados por volta das 17,30 horas, com a apuração de 30 urnas.

No dia de ontem foram apuradas a última urna da cidade e as 9 correspondentes aos distritos de Tuiuti, Vargem, Pinhalzinho e Pedra Bela.

Na cidade, em todas as urnas, venceu Janio Quadros, ao passo que para vice-presidente, em apenas duas, Janio Goulart derrotou o candidato Milton Campos, ou seja

na 4.ª e 17.ª seção, havendo um empate na 13.ª seção, por 102 votos.

Nos distritos a preferência do eleitorado também penou para Janio e Milton, conforme poderão verificar no quadro demonstrativo.

A ORDEM NO PLEITO

O pleito transcorreu sem nenhuma novidade, tendo os trabalhos sido desenvolvidos na melhor ordem possível, quer fora ou dentro do recinto da votação. Nesse último local os trabalhos foram rápidos, sendo raras as seções em que os eleitores tinham que enfrentar filas, a não ser das 8 às 9 horas.

ENCERRAMENTO DA APURAÇÃO

A apuração dos votos ter-

Quadro Demonstrativo das Eleições de 3 de Outubro

C I D A D E

Para Presidente da Republica

JANIO DA SILVA QUADROS	4.222 votos
ADHEMAR PEREIRA DE BARROS	2.440 votos
MARECHAL HENRIQUE T. LOTT	1.107 votos
EM BRANCO	123 votos
NULOS	305 votos

Para Vice-Presidente da Republica

MILTON CAMPOS	3.575 votos
JOÃO GOULART	2.569 votos
FERNANDO FERRARI	1.316 votos
EM BRANCO	429 votos
NULOS	311 votos

DISTRITO DE PINHALZINHO

Para Presidente da Republica

JANIO DA SILVA QUADROS	276 votos
ADHEMAR PEREIRA DE BARROS	251 votos
MARECHAL HENRIQUE T. LOTT	4 votos
EM BRANCO	2 votos
NULOS	16 votos



Gárricke
- A BICICLETA DE FAMA MUNDIAL

ARMAZEM
Vende-se um em ponto pri-

Figura 40: Fonte: Bragança-Jornal - Arquivo do CDAPH Quinta-feira, 6 de outubro de 1960, edição 2206 Página 1: “Janio Quadros venceu com larga margem de votos em Bragança Paulista”

No que se refere à política externa,

[...] provocou a oposição dos conservadores, especialmente da maioria da UDN. Coincidiu com a breve gestão de Jânio Quadros o lançamento, pelo governo norte-americano, da Aliança para o Progresso, um plano de reformas que envolvia a promessa de destinar 20 bilhões de dólares para a América Latina ao longo de dez anos. (FAUSTO,2012, p.241)

Bragança Paulista se beneficiou desse momento histórico, sobretudo a comunidade onde atuava padre Aldo Bollini na Paróquia São José e Santa Terezinha. A foto abaixo mostra uma grande massa em frente a Igreja de Santa Terezinha, com placas grandes em formato de livro, agradecendo ao povo americano. Em uma se pode ler: “Deus abençoe o povo americano. Os Católicos da Paróquia São José aos Católicos Americanos com muitos agradecimentos” e na outra “Dia de Gratidão em Bragança Paulista. 2.500 crianças agradecem de coração”. No centro, aparece uma placa menor, onde se lê “Aliança para o Progresso, Brasil – EUA” e “Alimentos para a Paz”, indícios de padre Aldo mantinha ideias em estreita relação com os acordos MEC-USAID.



Figura 41: Fotografia do acervo do Instituto Educacional Santa Terezinha (IEST), data provável de 1965 - 1970.

No Bragança-Jornal, um periódico, em 1963 traz um pouco da negociação desse evento, em Bragança. Possivelmente as Obras Sociais do padre Aldo Bollini figurassem entre as “entidades sociais” de que trata o texto que receberiam a ajuda de 45 milhões, como se pode ler:



Figura 42: Fonte: Bragança-Jornal – Arquivo do CDAPH. 29 de maio de 1963, edição 2493 Página 4: “Aliança Brasileira para o Progresso propõe-se agir imediatamente”

Durante o governo João Goulart, cresceram as entidades de representação social e ocorreram mudanças no comportamento da Igreja Católica frente à política do país.

A partir da década de 1950, muitos de seus integrantes começaram a se preocupar, preferencialmente com as camadas populares, que constituíam sua base social. O anticomunismo cerrado foi dando lugar a uma atitude matizada: combatia-se o comunismo, mas reconhecia-se que os males do capitalismo tinham provocado a revolta e daí a expansão comunista. (FAUSTO, 2012. p.245)

A igreja atuou de forma bastante heterogênea, indo do ultraconservadorismo à posições socialistas que se chocaram com a hierarquia eclesiástica. Desse choque, nasceu a Ação Popular (AP) desligada da hierarquia e com ideias revolucionárias. Participou de lutas políticas até ser reprimida pelo governo militar em 1964. Nesse contexto, a encíclica de João XXIII *Mater et Magistra* foi um grande incentivo para o catolicismo reformista, por tratar mais diretamente dos problemas do terceiro mundo.

Depois da renúncia de Jânio, João Goulart assumiu a presidência, mas foi deposto pelo golpe militar de 1964, após muitas manobras e desencontros políticos, devido ao temor de se instalar um regime comunista pelo então presidente. Em linhas gerais, assim era o período privilegiado na pesquisa.

3.1 Bragança Paulista votou serenamente.

Em 1951, a Igreja, por meio de *A Voz de Bragança* afirma publicamente, sua “fidelidade” ao seu líder político, governador do Estado, Lucas Nogueira Garcez (PSP)²¹ e, com muitos adjetivos, declara a ele e a esposa como exemplos de família e de Cristãos. O artigo se refere à ocasião de sua visita a Bragança Paulista, para ser homenageado como cidadão Bragantino. Discorre-se longamente sobre as “virtudes” deste e da esposa. Transcrevemos um curto trecho:

Não sendo esta a primeira vez que o M.S.C publicamente afirma e reafirma a sua admiração ao Sr. Governador [...] o povo que vê nessa família o modelo,

²¹ Lucas Nogueira Garcez foi eleito com apoio de Adhemar de Barros, quando assumiu o cargo se afastou deste seu aliado. Em 1970, foi presidente da Aliança Renovadora Nacional (ARENA)

já porque os chefes são como os pais de seus súditos. [...] (A Voz de Bragança, 5 de maio de 1951. Ano 3, num.95)

Na sequência, apresentamos a imagem da página de A Voz de Bragança, onde aparece o artigo.



Figura 43: Fonte: A Voz de Bragança – Arquivo do CDAPH . 5 de maio de 1951. Ano 3, num.95

A *Voz de Bragança* afirmou em muitos números que a Igreja, por meio do MSC (Movimento Social Católico), criado por padre Aldo Bollini, não fazia política partidária. Mas evidenciam-se preferências por políticos e partidos, bem como demarcam posições ideológicas. Além do mais, era o MSC quem fazia o “Alistamento”, espécie de cadastro para votar e “orientar os católicos na boa política”. Esse alistamento acontecia, segundo a edição de 3 de junho de 1950, no prédio da Ação Católica, no centro da cidade.



Figura 44: Fonte: A Voz de Bragança – Arquivo do CDAPH. 10 de junho de 1950. Ano 2. Num. 49.

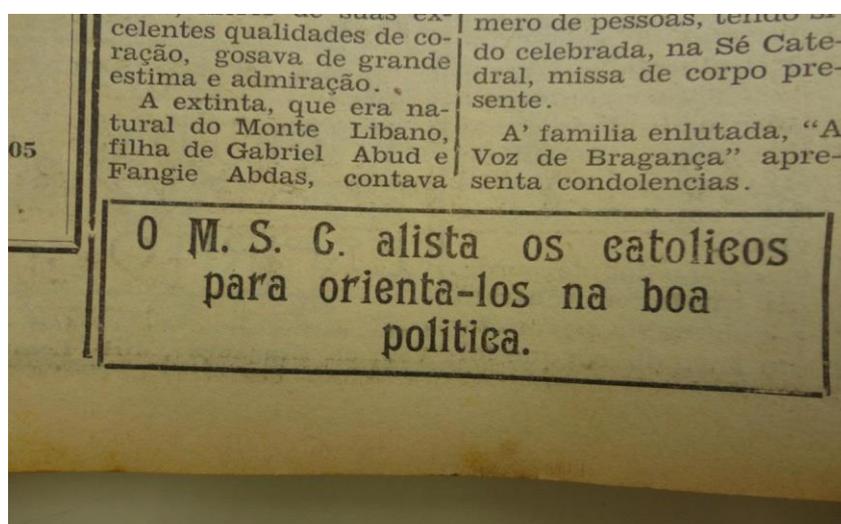


Figura 45: Fonte: A Voz de Bragança – Arquivo do CDAPH. 08 de julho de 1950. Ano 2. Num. 53.

Apesar de afirmar “não fazer propagandas partidárias”, enaltecia as “qualidades” de alguns políticos e, após ter homenageado Lucas Nogueira Garcez como cidadão bragantino, anunciava os resultados das eleições municipais de 1951, como naturais e satisfatórios. Exaltava o exemplo de “civismo” de quem votou e dirigia palavras de compreensão mútua entre os cidadãos para voltar a paz depois das eleições:

É preciso esquecer as ofensas, perdoar as culpas dos demais, para que também as nossas sejam perdoadas, é indispensável reaver a união, colaborar em harmonia e aproveitar da ocasião que se nos apresenta, para o bem desta terra. (*A Voz de Bragança*, 20 de outubro de 1951).

Esse discurso quer propor, afinal, uma espécie de conformismo aos insatisfeitos, ou que perderam as eleições, como que reafirmando a ideia da “paz social” por meio do “bom momento” proporcionado pelos resultados das eleições: A Vitória do Partido Social Progressista (PSP) no candidato eleito para prefeito Dr. Lourenço Quilici. Ao dizer que “Bragança Paulista votou serenamente”, parece dizer que votou corretamente, que a população soube escolher, talvez querendo propor que tivesse seguido as orientações do Movimento Social Católico.

A Voz de Bragança
 Semanário Social Católico
 Bragança Paulista - Sábado, 20 de Outubro de 1951
 Ano 3 - N. 119 - Assinatura Cr. \$ 30,00

Tranquilidade absoluta. 6.500 eleitores compareceram às urnas. Vitória do Partido Social Progressista

Relação dos Vereadores eleitos

Visão do Mundo

Relação geral do Pleito de 14 de outubro de 1951

Após as Eleições

Visita Pastoral em Joanópolis

Visita à Redação

Legendas

Quociente Eleitoral

Comprometimento

Relação geral do Pleito de 14 de outubro de 1951

PREFEITO MUNICIPAL:
 LOURENÇO (P. S. P.) — 3.602
 OLÍMPIO (U. D. N.) — 1.991
 RODRIGUES (P. T. B.) — 636

VICE-PREFEITO:
 OSWALDO (P. S. P.) — 3.759
 E. RIBAS (U. D. N.) — 1.709
 H. PIGNATARI (P. T. B.) — 620

VEREADORES

Nº	Nome	Votos
1º	Caetano Piccioni	252
2º	Waldemar Toledo Funk	224
3º	Pinheiro César	221
4º	Alcides Bernardi	215
5º	Kali Chiod	198
6º	Luiz Magrin	169
7º	Vicente de Viro	188
8º	Mauro de Prospero	169
9º	Rubens Siqueira Reis Lima	141
10º	Rubens Ferreira de Moraes	139

VEREADORES

Nº	Nome	Votos
1º	Mário Crescente	178
2º	Olympio Ferreira Cintra	142
3º	João Mercedes Escobar	103
4º	Afonso Risi	96

VEREADORES

Nº	Nome	Votos
1º	Conrado Stefani	171
2º	Jose Lamortine Cintra	87
3º	Saturino Pacini	95

LEGENDAS

Partido	Votos
P. S. P.	2.865
U. D. N.	1.377
P. T. B.	794
P. P. P.	309
S. D.	241
P. T. N.	200

QUOCIENTE ELEITORAL
 VOTOS NULOS 97

COMPROMETIMENTO
 6.435

Relação geral do Pleito de 14 de outubro de 1951.

Figura 46: Fonte: A Voz de Bragança – Arquivo do CDAPH. 20 de outubro de 1951. Ano 3, num.119

Um ano depois da homenagem ao governador *A Voz de Bragança* traz um artigo relatando uma visita discreta do Governador Lucas Nogueira Garcez e sua esposa Maria Carmelita Leme Oliveira Garcez, mediada pelo Ministro Alcindo Bueno de Assis. Nessa visita, foram distribuídos donativos em dinheiro para algumas entidades bragantinas como Santa Casa, asilo e "Abrigo" do padre Aldo. Segundo o artigo, a visita foi surpresa e repentina. Sem objetivos políticos, o governador teria somente a missão de acompanhar a esposa Maria Carmelita, em visita às instituições de caridade da cidade. Segundo o periódico, várias instituições foram beneficiadas, porém as fotos que aparecem no jornal são apenas as do "Abrigo", obra de assistência à crianças do padre Aldo Bollini. Observa-se a foto abaixo, D. Maria Carmelita, esposa do governador, assinando um cheque para padre Aldo Bollini.



Figura 47: Fonte: A Voz de Bragança – Arquivo do CDAPH. 17 de maio de 1952. Ano 4. Num. 148.

Dessa forma, a Diocese de Bragança Paulista ia se beneficiando dessas “amizades” políticas, e, sobretudo, padre Aldo Bollini recebia recursos para realizar suas obras.

Entretanto essa aparente tranquilidade e entrosamento entre os políticos elogiados pelo padre Aldo Bollini, em nome da Igreja e a política local começam a mudar a partir de 1953. Chamamos a atenção novamente para a ausência do nome de padre Aldo Bollini como redator do jornal *A Voz de Bragança*. Em alguns números esse fato pareceu irrelevante ou mera coincidência. Contudo, a partir do ano de 1953, quando ele aparece pela última vez na edição de 14 de fevereiro, nos parece que esse detalhe significa alguma ruptura na orientação política da Igreja, em relação às opções de padre Aldo.

Em 16 de janeiro de 1954, *A Voz de Bragança* publica um artigo intitulado: “Movimento Nacional Conservador (Seu Manifesto-programa) Por Deus e pelo Brasil”. Nele, o autor não identificado afirmava tratar-se de um Manifesto para mudar a situação do país, como podemos ver na imagem da figura 48.

Sob argumento de uma “alarmante gravidade” do momento político brasileiro, a primeira página inteira é dedicada ao tal manifesto, que, no entanto, não parece ser nada concreto. O mesmo pretendia ser um partido político que adotaria um Governo democrático “de acordo, porém, com a índole e formação católica de nosso povo, interpretando segundo os conceitos do ilustre brasileiro conselheiro Rui Barbosa [...]” e não, a democracia apregoada pelos ideais da Revolução Francesa: Liberdade, Igualdade e Fraternidade, esses ideais teriam sido “falsificados” . E a Igreja lutaria para devolver o sentido exato dessas palavras. O Manifesto tinha por lema: “Por Deus e pelo Brasil”. O Manifesto defendia que a Igreja Católica:

Fundada por Deus e por ele dotada da promessa de sua assistência perene, goza a Igreja Católica de privilégio único na terra, e que lhe dá direito a ser mestra, cujas lições, por isso, não podem ser errôneas, antes desfrutam excepcional posição relativamente à verdade, não obstante ser governada por homens.”[...] enquanto ela é divina, o qual aliás, apesar de ilógico estado de separação entre os dois poderes, reconhece as vantagens de correntes da colaboração mútua, conforme o art. 31. III da Constituição Federal. E que devendo a Igreja e o Estado governar a pessoa humana, que é una, não podem ser desassociados os interesses dos dois elementos essenciais que a compõe.[...] (*A Voz de Bragança*, 16 de janeiro de 1954. Nº 235. p. 1)

O autor afirma claramente, em uma longa explanação, que o manifesto pretendia uma forte intervenção da Igreja nas decisões do Estado, tais como a que mantinha a Igreja ligada ao Estado no tempo do Império. O Manifesto tinha alguns subtítulos. No item “pelo Brasil”, sobre a família, o manifesto defenderia evidentemente, a constituição familiar pelo matrimônio indissolúvel. E no que se referia ao trabalho, afirmava ser uma obrigação imposta por Deus sendo para “cada um em seu setor”, porém:

Nunca pode, entretanto, ser sonhada, sequer a igualdade entre as pessoas, uma vez que as várias necessidades humanas exigem [...] que haja diversidade de profissão, de trabalho, de ofícios, cada um necessário para que o outro exista. A mesma pobreza entra no domínio das leis que governam o mundo. Disse o quem não podia errar, Jesus Cristo, que assim falou: “Sempre tendes pobres convosco”. (*A Voz de Bragança*, 16 de janeiro de 1954. Nº 235. p. 1)

Sobre a imprensa, esta receberia uma liberdade controlada por um conselho de ética, para que, sob tutela de uma legislação especial, se voltasse à edificação da verdade.

E finaliza com as seguintes palavras:

Com esse manifesto-programa apresenta-se ao povo brasileiro o Movimento Nacional Conservador, que a seu tempo logo que estejam preenchidas as exigências da lei, solicitará o respectivo registro, a fim de que possa participar das eleições, ou com candidatos próprios, ou patrocinando candidaturas dos que o adotaram. (*A Voz de Bragança*, 16 de janeiro de 1954. Nº 235. p. 1)

Na edição de 30 de janeiro daquele ano, foi possível compreender melhor a origem desse suposto manifesto, que assumia ares messiânicos para solucionar os problemas da pátria. O artigo publicado por *A Voz de Bragança* de 16 de janeiro foi veiculado em *Folha da Noite*²² e a reportagem assinada por Armando Gimenez²³ foi copiada para a edição de 30 de janeiro, como que para demonstrar a repercussão do Movimento. O título em negrito, na primeira, página anunciava:

Mobilização das Forças Conservadoras em amplo Movimento Político Nacional. Lançado no interior o Manifesto do Movimento Nacional Conservador – Luta aberta contra a corrupção – Organizar-se-á em partido a ideia que nasceu em Bragança – Fala à *Folha da Noite* o coordenador do movimento em São Paulo – Declarações de Dom José Maurício da Rocha. (*A Voz de Bragança*, 30 de janeiro de 1954, p.1)

Podemos observar o artigo na imagem abaixo.

²² *Folha da Noite* era um periódico que circulava na cidade de São Paulo. Posteriormente, em 1960, com a fusão de outros 2 títulos, *Folha da Tarde* e *Folha da Manhã*, tornou-se o atual jornal *Folha de São Paulo*.

Fonte: http://www1.folha.uol.com.br/foha/circulo/historia_folha.htm

²³ Armando Gimenez foi um dos jornalistas de *A Folha da Noite*



Figura 49: A Voz de Bragança – Arquivo do CDAPH - 30 de janeiro de 1954, p.1

Oportunas Reflexões

Movimentam-se as forças políticas do Estado em torno de candidaturas ao ambientando "Campanhas Eleitorais". Várias candidaturas já foram lançadas, e a maioria dos candidatos vem sendo disputada pelo partido. Divergem as linhas partidárias, subdividindo-se os partidos e o próprio eleitorado tende não encontrar um nome de seu agrado, um homem decente, moderado, inteligente e, acima de tudo, honesto, ao qual possa entregar o valioso tesouro que é a Governança do Estado de São Paulo.

Enquanto clamam-se as forças do Bem, firmemente que antecipa a vitória ao ver a deusa do eleitorado, as eleições passadas atestam a verdade de nossa assertiva, isto em todos os níveis, quer no federal, no estadual e até no municipal. Exemplos não faltam.

Se o município bragantino apresentasse de seus filhos mais ilustres à votação pública, certamente ambos seriam os eleitores representantes na Assembleia Estadual se os eleitores votassem em seus nomes. Aconteceu porém que os votos foram dispersados em centenas de heróis, entre os quais existem os que estão lá no "9 de Julho" para receber proventos cu quando muito subvervem a boca... para não entrar mosca.

Enquanto um valor como Ernesto Leme, que ora representa o Brasil junto à ONU por indicação de seus próprios adversários políticos, e por ser um pobre-homem, nunca conseguiu eleger-se, outros e mo o divorciado Nelson Carneiro, que procura estruturar a família brasileira, ou um Toméio Cavalari, cujas virtudes se encerram numa insuperável e trabalhadora portatili, são conduzidos vitoriosamente à Câmara Federal.

Que meditem bem os caros leitores! E, no seccionarem suas cédulas, lembrem-se da grande responsabilidade do voto e pensem nas tradições de povo ordeiro, honesto, brioso e sedento de progressos!

Não se deixem levar por promessas, não se apeguem a laços afetivos de parentesco ou de simpatia. Não se prendam por compromissos partidários, sem antes avaliar as virtudes do candidato, procurando conhecer no seu passado as qualidades que nos garantam um futuro tranquilo e próspero!

E quando alguém duvidar do valor de seu candidato, aconselhem-se com orientadores de sua confiança, ouça amigos que visem apenas o bem da coletividade sem interesses materiais e sem paixões partidárias e materiais.

O voto é uma arma e votar é uma obrigação. Nunca deixem de votar e nunca votem em branco. No voto está a defesa de nosso patrimônio moral, espiritual e material.

Em suma, é isso o que querem os lançadores do bom manifesto publicado em "A Voz de Bragança" no dia 16 último, sob o título "MOVIMENTO NACIONAL CONSERVADOR", de autoria ainda desconhecida e cujo objetivo é alimentar o patriotismo. Mas, a propósito, pergunta-se: Quantos leram aquele manifesto? Quantos aceitaram aquela orientação? Será que o povo ainda acredita um Movimento capaz de restaurar nossos costumes sociais e políticos? — M. M. DIAS (24-1-954)

Obra das Vocações Sacerdotais

Na vizinha e próspera cidade de Joanópolis, na frente espiritual se encontra o diácono Padre Benes Cotias, foi solenemente instalada, na noite de 9 do corrente, a Obra das Vocações Sacerdotais.

Essa solenidade, presidida pelo Revmo. Diretor Diocesano da O. V. S., Con. Domingos Bonucci, e legar, às 20 horas do referido dia, no amplo e ortivo salão de festas "Dom José Maurício", a participação de elevado número de pessoas, residentes das associações religiosas e da sociedade local. Feita a apresentação pelo Revmo. Diretor Diocesano, o Revmo. Diretor Diocesano discorreu sobre a nova organização paroquial, congratulando-se o generoso povo joanopolense pelos seus empreendimentos, e com os membros do diretório O. V. S., que acabavam de ser empossados, esperando de sua dedicação e zelo pela nova causa que esposaram.

Em seguida Sua Revma. leu a Ata de Instalação e convidou os presentes a assinarem a moção de louvor que se distribuía entre os assistentes uma lembrança da solenidade.

Foram os seguintes os membros fundadores O. V. S. em Joanópolis: Diretor: Revmo. Padre Cotias, Presidente: D. Celso Nogueira, Secretário: Maria Zenide e tesoureira: D. Benedita.

Após aquela cerimônia, exibiu-se o interessante O CÍRCA HERÓICO, muito condizente solenidade que se acabava de presenciar.

Mobilização das Forças Conservadoras em Ampla Movimento

Lançado no interior o manifesto do Movimento Nacional Conservador. Luta aberta contra a corrupção. Organiza-se em partido a ideia que nasceu em Bragança em São Paulo — Declaração de Dom José Maurício da Rocha

Reportagem de Armando Gimenez

(Transcrito de "A Folha da Manhã", de 28-1-54)

Grupos conservadores do interior do Estado, para levar à frente o movimento político, que se acha de nascença na Zona Bragançana, Trazem de Bragança, no dia 16 de janeiro do corrente ano em "A Voz de Bragança", pertencente à diocese de São José do Rio Preto, uma das mais importantes figuras do catolicismo brasileiro, que tem devotado parte de sua vida ao estudo de ciência moral da política brasileira.

O documento, que foi subscrito por cidadãos de todas as dioceses e figuras de destaque político, continua recebendo adesões e cópias já foram enviadas ao presidente da República, aos ministros de Guerra, Agricultura e Marinha, ao general Juracy Tavares e a quase todos os bispos brasileiros.

Rev. João Paulo coordena o movimento do "Fórum Social", Praxela que congrega a todos os membros do movimento e encontrou aliado próximo e encontrado aliado próximo em dom José Maurício da Rocha, bispo de Bragança que abençoou o movimento de ampla reforma, principalmente de ordem moral, solidariedade de cidadãos e de seus benfeitores de bispo.

Não é Movimento de Hostilidade

O caudatário que lidera o Movimento Nacional Conservador, declarou à nossa reportagem: "A zona bragantina, uma das mais antigas do Estado, é por isso componente da região conservadora e de honrada e alta tradição política, que se acha bem definida e impavida ante o quadro que se apresenta o Brasil socialista e o comunismo, como Bragança e sua cidade capital, um grupo de brasileiros que resolve mobilizar esforços para defender o Brasil e o Brasil e cessar ser defendido.

"Não, pois, um movimento de hostilidade a quem quer que seja. É um movimento de caráter construtivo, como nele afirma, de tal sorte que, conhecido de tal fora do Estado, atrai a simpatia de bons brasileiros, da Capital Federal, do Estado do Rio e de Minas Gerais, que já o subcreveram."

Casa para alugar
PRECISA-SE
Com 2 ou 3 dormitórios
TRATAR PELO FONE 656
Com o snr. Campos

Conferência
Hoje, às 21.15 horas, no salão do Hotel Bragança, a Liga Universitária Bragançana, iniciando suas atividades, fará realizar uma grandiosa conferência, sob o patrocínio do Conselho Administrativo de Bragança, sob a presidência de Heráclio Barbuy, catedrático das Faculdades de Sociologia e Política da Universidade de São Paulo.

Sobre o tema "A natureza da Sociedade Política", discorrerá o ilustre conferencista, através do programa radiofônico "Desafio aos Categráticos", e de suas admiráveis obras literárias.

Reeleita a Diretoria do Clube dos Bancários

Em reunião ordinária realizada em 19 do corrente, o Conselho Administrativo do Clube dos Bancários, desta cidade, resolveu reeleger quase todos os membros da última Diretoria, numa demonstração de reconhecimento de quanto fazendo os diretores pelo progresso da agremiação bancária.

Eis como ficou constituída a Diretoria: Presidente: Narciso Nathaniel Braz; Vice-Presidente: Geraldo Rosalino Mota; 1.º Secretário: Roberto Assoline; 2.º Secretário: Paulo Siqueira do Amaral; 1.º Tesoureiro: Hélio Bertolotti; 2.º Tesoureiro: Alcides R. S. Silva; Diretor de Esportes: Nelson Ruiz Afonseca e Diretor Social: Olavo de Paula Santos.

Por decisão dos respectivos titulares, constituiu-se também uma sub-comissão de esportes, composta dos srs. Geraldo Cresci e Geraldo Lopes da Silva e uma sub-comissão social, cujos membros estão sendo convidados para integrá-la.

ASSINATURAS DA Folha da Manhã

Acompanhe o pleito eleitoral de 1954, lendo as notas publicadas pela FOLHA DA MANHÃ, um jornal informativo, independente, criterioso e ponderado na divulgação dos principais fatos.

E ainda um jornal que publica com frequência em suas colunas, notícias de Bragança Paulista Prestige com sua assinatura para 1954, o Jornal que não se esquece de nossa cidade.

Faça o seu pedido de assinatura com o representante das FOLHAS, Sr. Zetelino Vasconcelos Filho. — Rua Cel. Leme, 110 — Telefone. — 631

Lar "Dona Mariquinha Amaral", de Atibaia

Existiu em Atibaia, uma casa de caridade que se denomina "Lar Dona Mariquinha Amaral" senhora dotada de sentimentos nobres e generosos, que vive e pratica o Evangelho do divino Mestre.

As crianças, pobres e desamparadas, ali internadas, têm nessa senhora abnegada, paciente e amor e carinho.

Ela não recebe nenhuma remuneração financeira de quem quer seja para "exercer a sua boa vontade e abnegação, e muitas vezes ainda ajuda de sua bolsa o sustento das crianças. Que beleza! Que grande caridade!

Uma visita ao "Lar Mariquinha Amaral" deixa boa impressão ao visitante.

Reina ali a ordem, a disciplina, o asseio, o respeito, a bondade, o amor e o carinho.

Dona Teresa gosta de receber visitas. A todos que ali vão ela mostra todas as dependências da casa.

As impressões dos visitantes é sempre boa, muito boa, ótima, nem pode ser de outro modo, uma vez que a "Dona Mariquinha Amaral" de Atibaia, Senhora inteligente, instruída, educada e piedosa, fazendo de sua missão um verdadeiro sacerdócio, seria uma clamorosa injustiça não se reconhecer nela uma heroína do amor de Deus e do Jesus.

"Bem-aventurados os misericórdiosos, porque eles alcançarão misericórdia!" — disse o divino Mestre no Sermão do Monte.

As pessoas caridosas e abastadas devem ajudar o "Lar Mariquinha Amaral" de Atibaia, que luta com dificuldade financeira para alimentar e vestir seus orfãos. É grande caridade, que Deus ainda não manchara pela lepra do pecado, mas suas inocentes orações rogaram a Nosso Senhor pela saúde e felicidade de seus benfeitores. E Deus, que muito ama as crianças, atende-á às suas preces.

A subvenção que dá o governo a essa casa de caridade, é pequena para cobrir as suas despesas. Necessário é, pois, que os corações bem formados venham em seu auxílio.

Não importa que os benfeitores sejam somente de Atibaia, mas também de outras cidades e Estados.

A caridade não tem divisas ou limites. A caridade é universal.

So todos nós somos irmãos, filhos de um só Pai que é Deus, estamos na obrigação de nos auxiliar mutuamente em nossas necessidades e pobres e os pequenos orfãos desamparados.

Abandonar as crianças pobres, sem pai, sem mãe, sem ninguém para si, é pedir que brada no céu, é crime que deve ser punido.

Como é sublime a Caridade! É a fração predileta de Jesus.

"A caridade é o Caminho do céu" — disse S. Francisco de Sales.

— Honras e senhores de bom coração, que tendes dós dos pequeninos orfãos desamparados, privados do cede do amor materno, ó vós que amais as crianças, as amiguinhas de Jesus, ajudai os orfanatos, protegi os pobresinhos.

Povo de Bragança, bela cidade de gente boa, culta, educada, hospitaleira e caridosa! Ajudai com a vossa generosa esmola o "Lar Mariquinha Amaral", de Atibaia, que abriga muitos orfãos desamparados, e do qual é diretora abnegada, ativa, energética, inteligente e bondosa a professora Teresa Marcilio, diante de quem eu me curvo reverente, porque reconheço nela virtudes que a tornam digna da amizade, estima, simpatia, consideração e respeito das pessoas de nobreza de caráter e sentimentos religiosos.

HONRA ao MÉRITO!

Darínú e a Obra das Vocações Sacerdotais

Também na modesta zeladora, paróquia de Darínú acaba a Diretoria da O. V. S. de se instalada a Obra das Vocações Sacerdotais, está o Revmo. Padre José Cesar de Oliveira, é a seguinte Presidente: Sr. Edson de Silva; Secretário: Sr. Pedro Pellicani e Tesoureiro: D. Elza Bressane Siqueira.

Os relatores admitidas, na ocasião foram os seguintes: Antonio Casarin, Antonio Farias, João Lorençini, Antonio Vizeiri e Rodolfo Gastaldi.

Lavrada a ata da fundação que a vista do O. V. S., todos a assinaram recebendo uma pequena lembrança para perpetuar a memória de diplomados aos primeiros

O artigo inicia afirmando que o Movimento originou-se na Zona Bragantina e foi lançado no dia 16 de Janeiro no jornal *A Voz de Bragança* pertencente à Diocese de Dom José Maurício da Rocha. E embora não cite os nomes dos bragantinos envolvidos, afirma:

O documento que foi subscrito por cidadãos daquela diocese entre eles advogados, engenheiros, e figuras de destaque do clero, continua recebendo adesões e cópias já foram enviadas ao Presidente da República, aos Ministros da Guerra, Aeronáutica e Marinha, ao General Juarez Távora e a quase todos os bispados brasileiros. Em São Paulo coordena o movimento o Sr. Pascoal Bocci advogado nos foros da capital e Piracaia que começou a campanha de proselitismo e encontrou decidido apoio em Dom José Maurício da Rocha, bispo de Bragança [...].(*A Voz de Bragança*, 30 de janeiro de 1954, p.1)

Quem seriam as figuras de destaque do clero? E quem estaria aderindo a um movimento que não deixa claro quem são seus articuladores? A reportagem trouxe a fala do bispo:

Não obstante o movimento seja civil, pois não se trata de Partido Católico, aprovei e abençoei o Movimento Nacional Conservador em virtude, conforme analisa o documento, de ser grava a situação no Brasil. Como cidadão e como príncipe da Igreja não posso ficar alheio aos problemas básicos da nossa nacionalidade. [...].(*A Voz de Bragança*, 30 de janeiro de 1954, p.1)

Quanto às definições do movimento:

O documento básico do Movimento Nacional Conservador critica asperamente as ideias emanadas da Revolução Francesa definindo à luz da doutrina da Igreja, as liberdades básicas e procurando repor as nossas instituições nos antigos esteios sem, todavia considerarmos a evolução natural da sociedade. [...] (*A Voz de Bragança*, 30 de janeiro de 1954, p. 1)

O documento “Manifesto” soa como vago já que não expõe nomes e embora afirme que a situação nacional é “grave” não argumenta com fatos concretos. Qual a real intenção desse “documento?” Estaria o bispo Dom José Maurício da Rocha em busca de alguma visibilidade política? No entanto, o “importante movimento” parece não ter tido a repercussão

que afirmou ter tido. Curiosamente, não apareceu mais em *A Voz de Bragança* e não foi mencionado nos demais periódicos bragantinos privilegiados nesse trabalho.

Mudanças significativas aparecem nas edições do ano seguinte. Em 1955, *A Voz de Bragança* faz um claro posicionamento político a favor do Movimento Integralista de Plínio Salgado. O nome de padre Aldo Bollini já havia sido retirado definitivamente.

rado te um con-
atravéz dos dois
bondade da árvo-

avariada, usando
amantes do mal.
verno do povo.

s o fere em seus

no menos elegesse
lher para os res-
seus interesses,
do com a impla-
contretizam as
gsm.

nta-se a intran-
possível arreba-
pessoa humana

ndidas, como a
ende mártir sa-

verno republi-
que esteve sob

s falhas, foram
condizentes com
o padrão moé-
almente o valor
gora está a mais

cia de elemento
eças a nenhum
áu desavorada
podem traga-lo
m todos os bar-

ial, ou sob a di-
turas, que res.

numero

eu voto!

Cresce...
hoje o modernissimo Posto
O ESSO
SSO Taboão

Domingo Dia 18 As 20 horas Grande Comício Pró candidatura, Plinio Salgado

O povo de Bragança terá oportunidade de ouvir out os estudantes como **Leovigildo** o amas-nense. Do comitê estudantil pró Plinio Salgado da capital falarão os universitários **Wilson Lapa** e **Mirian Maraldi**. Todos a Praça Raul Leme, às 20 Horas.

Figura 50: Fonte: Jornal A Voz de Bragança - Arquivo do CDAPH. 17 de setembro de 1955 ano 7 n° 324. Pagina 1

Na edição de 17 de setembro de 1955, na página 2, vemos um apelo de voto em favor de César Zecchin, pai de outro religioso bragantino: João Batista Zecchin, outro padre que ficou muito conhecido em Bragança Paulista, como já pontuado.

CATOLICO! Se teu coração vibra há muitos anos ao ouvir, pelo Rádio todos os dias, o momento da AVE MARIA, dá teu voto ao seu patrocinador

CEZAR ZECCHIN
que como vereador defendeu sem respeito humano os teus ideais na Câmara.



Para Vereador: **CEZAR ZECCHIN**
Para Presidente da República: **PLINIO SALGADO**

Frederico do Doutor Bonno

Figura 51: Fonte: Jornal A Voz de Bragança - Arquivo do CDAPH . 17 de setembro de 1955 ano 7 nº 324. Pagina 2

Um ano mais tarde, Plínio Salgado visita Bragança, por ocasião da ordenação sacerdotal de padre João Batista Zecchin. O artigo elogia Plínio Salgado por seu "profundo Catolicismo".



Figura 52: Fonte: Jornal A Voz de Bragança - Arquivo do CDAPH . 28 de novembro de 1956 ano 7 n° 424. Pagina 1

Padre Aldo Bollini, no entanto, parecia não estar envolvido nessa campanha. A leitura que fazemos dessa ausência, nesse caso, é a divergência de opinião dele com a nova

orientação política do bispo. Padre Aldo Bollini, na nossa opinião, não era simpatizante do Integralismo.

3.2 Entre algumas visões de mundo, um padre e uma diocese.

Um dos objetivos deste trabalho foi identificar as ideias e visões de mundo que ancoravam as iniciativas de padre Aldo Bollini a fim de compreender quais ideias estavam sendo postas em circulação por ele, e que atravessavam as suas iniciativas em prol da educação. Desse modo, procuramos compreender algumas dessas visões de mundo: o autoritarismo, o totalitarismo, o fascismo e o integralismo.

Freitas (1993) afirma que o autoritarismo é uma concepção de mundo centrado no que ele chama de “personalidade centaurica”, ou seja, na miscigenação de duas formas de governar: pela lei e pela força, falhando uma se recorre à outra a fim de manter a estabilidade do Estado. Entretanto, para ele, o autoritarismo não deve ser entendido como totalmente oposto ao Estado Liberal, mas deve ser reconhecido também, como uma versão negada que se manifesta ou se esconde nos momentos de recomposição hegemônica. Segundo o autor, o autoritarismo se consolidou no Brasil durante as décadas de 1920, 1930 e 1940. Essa concepção de mundo teria se formado de maneira multifacetada pelo processo histórico da hegemonização e configuração do Estado e dado origem a outras posições teórico-políticas presentes no Brasil, de forma miscigenada naquele período: O nacionalismo, o corporativismo e a estadolatria.

De acordo com Freitas (1993), o nacionalismo teria ganhado corpo em um contexto de condições sociais precárias, motins e conflitos populares do início do século XX. E teria sido “apropriada por uma intelectualidade que se investe da estratégica função de organizar o país a partir de um projeto nacional, o nacionalismo apresenta-se como peça chave tanto ao pensamento conservador como ao pensamento liberal”. (FREITAS, 1993, p. 23)” Assim, o nacionalismo amparava-se na dualidade entre arcaico e moderno, cuja subjetividade orbitava em torno do que se pretendia como desenvolvimento de uma identidade nacional.

Já o corporativismo, segundo o autor, seria uma forma de autoritarismo baseado na organização da República por meio de corporações de categorias profissionais e de interesses. Para ele,

O corporativismo era apresentado como expressão máxima dentro dessa ordem de considerações, posto que, seu pleno funcionamento representaria a colaboração universal entre as classes, exorcizando a exploração de uma sobre a outra. Assim o dilema social se resolveria a partir do capitalismo, que apesar de errante era o melhor padrão de organização social desenvolvido até então. (FREITAS, 1993, p.39)

O autoritarismo estadólatra, segundo Freitas (1993) seria a expressão máxima da centralização do poder na mão do Estado, que seria um Estado forte e suficiente em si mesmo.

Mais do que conviver com a ação gerencial do pensamento autoritário, a sociedade brasileira encontrava-se envolta em um espectro autoritário que revestia a realização do capital de um caráter pedagógico. O Estado apresentava-se como a expressão mais acabada de tal pedagogia, uma vez que a excessiva centralização que operava fazia-se acompanhar de uma estadolatria que elevava o autoritarismo estatal ao nível de regenerador da pátria. (FREITAS, 1993, p. 46).

Entretanto, o autor chama a atenção para o fato de que o autoritarismo pode ser facilmente confundido com o totalitarismo, pois estes apresentam características muito próximas e na prática podem conter os mesmos elementos, já que a intenção é sempre a hegemonia. Como uma das principais características que diferenciam os dois regimes, o autor destaca que:

O Estado autoritário repele qualquer tipo de partido político, mesmo único e ainda qualquer ideologia organizada, substituindo o princípio da liberdade pelo princípio da autoridade. Isto quer dizer: tal Estado em certas ocasiões expulsa qualquer tipo de partido político, mesmo único, mas em outras circunstâncias pode até tolerar simulacros partidários, vários arremedos de partidos que não chegam a formar governo algum. E quer dizer mais: o Estado autoritário exhibe ideologia ou ideologias desorganizadas, sem ordenação, bastante mutáveis e até mescladas. (FREITAS, 1993. p. 43)

O totalitarismo seria um regime que admitiria um partido único, estatal monopolista, que passaria os controles sociais de pluralistas para totalitários. Fausto (2001) oferece uma contribuição para a compreensão dessas diferenças. Segundo ele, o conceito de totalitarismo:

Corresponde à instituição de regimes que visam a sujeitar a sociedade nos moldes de um Partido-Estado, cujo chefe é fundamental, seja no sentido da referida constituição do Partido-Estado, seja no estabelecimento de laços emotivos com as massas, a partir de uma figura carismática. Daí a afirmação de que os regimes totalitários tem características revolucionárias, ao contrário do tradicionalismo ou das várias formas despóticas. (FAUSTO, 2001, p. 7)

Já o autoritarismo, segundo o autor, teria como traços básicos uma relativa independência que preserva a sociedade em relação ao Estado, ou seja, a autonomia de algumas instituições, sobretudo as religiosas. Assim, o autoritarismo tenderia a ser mais conservador ligado a tradições do passado, enquanto os regimes totalitários procuraram buscar no próprio passado, elementos heróicos que justificassem alguns comportamentos ou estratégias.

Entretanto, assim como Freitas (1993), Fausto (2001) chama a atenção para o fato de que a diferenciação desses regimes, na prática, não é tão simples, pois trata-se de tipos ideais cujos traços não estão totalmente presentes nas muitas situações concretas em que se apresentam. Até mesmo o Fascismo Italiano, segundo o autor, tem controvérsias entre alguns estudiosos. Algumas discussões sustentam que apesar de ter tido características de um regime totalitário, acabou se transformando em um regime autoritário mobilizador. Assim também ocorre com a identificação do integralismo como uma versão do fascismo. Os líderes mais expressivos do movimento – Plínio Salgado e Miguel Reale – teriam apresentado em seus escritos uma clara intenção de distinguir a doutrina integralista das concepções totalitárias do fascismo italiano. E para demonstrar a complexidade da discussão em torno da diferenciação entre autoritarismo X totalitarismo, afirma Fausto (2001): “Os argumentos de Reale tinham notável semelhança com os utilizados por autores nacionalistas autoritários, como Oliveira Vianna e Azevedo Amaral, com o objetivo de distinguir o autoritarismo, dos regimes de partido único. (FAUSTO, 2001, p. 17).”

Bragança-Jornal declarou em várias edições que eram movimentos distintos. A frase abaixo apareceu em várias edições, sempre ocupando os “cantos” das páginas. Nesse caso, a frase apareceu no canto inferior direito da primeira página.

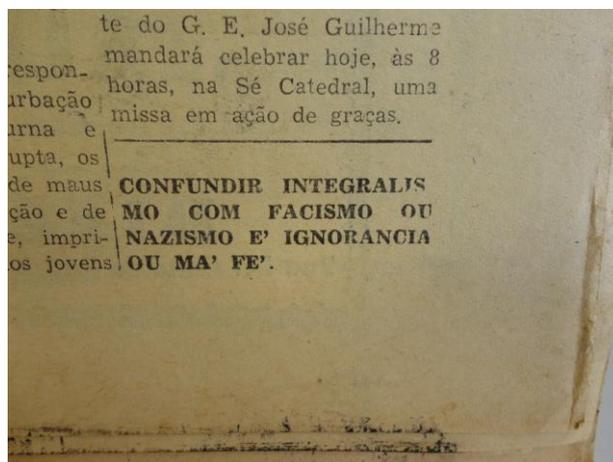


Figura 53: *Bragança-Jornal*, 15 de outubro de 1960, edição 2210 Página 1: “Confundir Integralismo com Fascismo ou Nazismo é ignorância ou má fé”

Entretanto, podemos levantar algumas questões acerca dessa frase. Para quem o jornal estaria tentando ensinar as diferenças entre nazismo, fascismo e integralismo? Estaria enviando algum recado a alguém, por meio dela? Parece-nos um tanto ambivalente. Por um lado pode ser que alguns integralistas procuravam defender-se de possíveis confusões com quem pudesse confundi-los com grupos que não compartilhavam de suas ideias, a fim de evitar acusações, ou procuravam afastar quem não tivesse as mesmas visões de mundo que as suas, ainda que fossem parecidas.

Para Fausto (2001), o integralismo representou a exemplo do fascismo, um movimento de massas:

A AIB foi, na realidade um partido, com sua hierarquia, seus quadros, seus símbolos, visando a tomada do poder. Mais ainda, o enquadramento das hostes integralistas em milícias, por seus objetivos e forma organizatória, tinham nítida semelhança com as milícias fascistas de Mussolini. (FAUSTO, 2001, p.17)

Enquanto os autoritários apresentavam-se contra a “partidocracia” e contra os regimes de partido único, preocupava-se com a desmobilização e o enquadramento das massas. A corrente autoritária teria ainda, se inspirado em científicimos e pensadores de várias correntes, de forma eclética, que buscavam definir caminhos para a construção nacional. A

corrente autoritária, segundo Fausto (2001), tinha divergência entre os pressupostos de análise entre os próprios pensadores católicos e entre esses e os nacionalistas autoritários.

Os nacionalistas autoritários não se afirmavam espiritualistas e não se preocupavam com as questões fundamentais para o pensamento católico: Rejeição do divórcio e do aborto, estabilidade familiar e adoção de ensino religioso nas escolas. Muito embora, Francisco Campos, definido como nacionalista autoritário, tenha promovido a adoção do ensino religioso nas escolas, quando foi Ministro da Educação.

Bertonha (2001) afirma que os primórdios do Integralismo no Brasil na década de 1930, teve clara inspiração no Fascismo italiano, isso porque seus idealizadores: Plínio Salgado e Miguel Reale mantinham um canal direto de comunicação e colaboração mútua com órgãos do Fascismo Italiano. E aí havia uma relação íntima em vários aspectos, inclusive financeira e ideológica. Segundo ele, a receptividade no Brasil, de ideias Fascistas se deveu à simpatia dos italianos e seus descendentes residentes no país. O que teria facilitado a entrada e disseminação do movimento no país e, sobretudo em São Paulo. Entre as principais inspirações, destaca Bertonha (2001):

Essas influências passavam especialmente pelo campo ideológico, como a doutrina corporativa, a descrença na democracia, a priorização do Estado em relação à sociedade, etc., mas também se manifestavam em itens aparentemente secundários, como a mística e a simbologia, em que eram evidentes as influências do Fascismo italiano na mitologia do líder, na coreografia das grandes manifestações, na doutrinação da juventude (na qual a organização dos "plinianos" se assemelhava notavelmente à dos "balilas" italianos), etc. (BERTONHA, 2001.p. 89)

Entretanto, teriam existido, na mesma medida de colaboração, a rivalidade, pois de um lado, a AIB buscava converter a comunidade Ítalo-brasileira em um grupo que prezasse a nacionalidade brasileira e, por outro, os fascistas italianos procuravam manter a “italianidade” dessas mesmas pessoas. O que havia, segundo o autor, era um choque de nacionalidades, que, no entanto, não impediam a comunicação entre os dois grupos cujos membros eram predominantemente italianos de classe média²⁴.

²⁴ É importante pontuar que a Itália se unificou apenas na década de 1860, portanto este sentido de nacionalidade italiano é recente na relação com outros países que se unificaram antes.

Outro ponto curioso a ser examinado é a ausência de contatos entre a poderosa burguesia industrial italiana de São Paulo e o Integralismo. Mesmo apoiando com fervor o Fascismo italiano, e mesmo sendo esse apoio em boa parte de caráter político, de firme adesão à ideologia fascista, a burguesia italiana de São Paulo parece ter recusado os pedidos de ajuda da AIB, o que causava irritação nos círculos integralistas. (BERTONHA, 2001. p. 93)

A explicação que o autor dá para essa recusa é o fato de que a burguesia italiana de São Paulo não via um candidato sério, que oferecesse futuro e sucesso político em defesa de seus interesses e preferiam as soluções varguistas. E as gerações de descendentes de italianos mais novas, filhos desses burgueses, tendiam a aderir o integralismo por interesses de inserção social e política. Porém, essa polaridade Integralismo/Fascismo, segundo o autor, precisa ser compreendida em um complexo contexto político e econômico envolto em questões étnicas de busca de uma identidade (italiana ou brasileira) e de questões de classe.

Para ele, a adesão de muitos filhos de italianos ao integralismo, significava um meio de firmarem-se como brasileiros e fugir da instabilidade de cidadãos de duas pátrias e se livrarem do complexo de inferioridade que suas condições de imigrante (mesmo de classe média) acarretava. O integralismo seria, portanto, um movimento genuinamente nacional.

O autor conclui que o fascismo Italiano funcionou como suporte para o desenvolvimento do Integralismo, mas este, ganhou influência de outras ideias, sobretudo a do Estado Novo Português e do Nazismo alemão. E que, adotando um caráter nacionalista brasileiro, sofreu também as influências das especificidades das regiões onde se desenvolveu, e que, por isso, a relação Fascismo/Integralismo ainda necessita de maiores estudos.

Em Bragança Paulista, o movimento integralista se intensificou a partir da década de 1950, quando começam a ser publicadas propagandas políticas pró Plínio Salgado, o que tudo indica, um dos principais articuladores do Integralismo em Bragança foi César Zecchin.



Figura 54: fotografia da visita de Plínio Salgado a Bragança Paulista - 1956 - Arquivo do CDAPH - Plínio Salgado é o homem de chapéu que está na frente e no centro. Ao lado direito e próximo a Plínio está César Zecchin, os demais não estão identificados.

Quanto a padre Aldo Bollini, por todos os indícios até aqui, podemos concluir que não participava deste grupo. As iniciativas de padre Aldo Bollini apresentavam características autoritaristas, com visão corporativista: Padre Aldo tinha considerável popularidade entre as massas da região do Bairro do Matadouro, o que o tornou uma figura carismática. Tinha como financiadores de suas obras, industriais locais e líderes políticos que o ajudavam financeiramente e, embora afirmasse que o Movimento Social Católico não fazia política partidária, apoiou diversas vezes o PSP e o PSD nas pessoas de seus políticos.

Entretanto, considerando o fato de padre Aldo Bollini ser um italiano e apresentar características do autoritarismo que se confundem com o totalitarismo e, sobretudo, ser um líder populista, poderíamos arriscar dizer que padre Aldo era um fascista, ou que simpatizava com ideias fascistas? Embora as fontes não nos garantam uma verdade, acreditamos que não. Supomos que, padre Aldo, a fim de garantir a continuidade de suas iniciativas e obras sociais, assumiu posições flexíveis durante sua atuação, frente às mudanças de cenário que o envolveram no decorrer dos anos. Porém, padre Aldo nunca declarou explicitamente, que fosse adepto de qualquer uma dessas visões de mundo. Ou ao menos, não as encontramos nas

fontes. O que ele deixou muito claro é que se beneficiava de ajuda política, assim como de industriais, comerciantes e quem se mostrasse solícito aos seus apelos. E a esses, ele dava evidência e aprovação diante da população, por meio dos periódicos que de alguma forma, dirigiu. Coincidentemente ou não, esses políticos eram, em sua maioria do PSD (Partido Social Democrático) e PSP (Partido Social Democrático), políticos autoritários e populistas.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Padre Aldo Bollini parece não ter vindo em missão ao Brasil por acaso. Porém, não sabemos ao certo porque ele ficou em Bragança Paulista. As condições para viajar, em 1948, a ele e aos outros missionários do PIME, foram dadas pelo governo brasileiro. Se este assim o fez era porque os queria aqui. As fontes mostraram que sua atuação missionária baseou-se em iniciativas que promovessem um tipo de educação para além da escola, mas que tinha a escola como um dos principais meios de educar. Esse tipo de educação ia ao encontro das necessidades postas pelo Estado no período, que requeriam um cidadão, dócil, trabalhador e obediente que contribuísse para a manutenção da Paz Social e que trabalhasse para o desenvolvimento econômico do país. A proposta de padre Aldo Bollini foi ao encontro das necessidades do Estado, e por isso seus representantes o auxiliavam com recursos quando lhes era conveniente. Ia também ao encontro da proposta evangelizadora da Igreja naquele momento do pontificado de PIO XII pelo que esse entendia por Paz a educação de cidadão-cristão. Pregava o anticomunismo e a erradicação do analfabetismo, a educação para o trabalho e favoreceu o desenvolvimento da imprensa católica em Bragança Paulista, por meio da criação de *A Voz de Bragança e Garotos*.

O missionário promoveu a construção de um grupo escolar, o Grupo Escolar Coronel Assis Gonçalves, o terceiro grupo escolar da cidade, em 1949, articulou a abertura da primeira unidade do SESI na cidade, em 1959, e favoreceu, em nome do anticomunismo à educação, a cultura e o esporte, por meio do cinema, do teatro e do futebol, através de alianças e parcerias.

Aldo Bollini, em seus escritos, valorizava a educação e o trabalho, incentivando a formação profissional das crianças e jovens desde cedo por meio de uma educação para o trabalho e exortava as famílias abastadas a contribuírem com a formação dos menos favorecidos. A fim de financiar as obras sociais da paróquia, apelava para os periódicos locais para pedir ajuda e também para divulgar o que estava sendo feito, e articulava-se com o poder público, na esfera federal, através do Ministro Alcindo Bueno de Assis (PR), na esfera estadual com governadores, e municipal com vereadores, políticos, comerciantes e industriais locais. Pedia ajuda para amigos da Itália, fazia investimentos imobiliários e envolvia-se com

diferentes representantes da sociedade. Mas, em 1952, vetou a construção de um grupo escolar de outra iniciativa, de um bairro próximo de sua paróquia. Tornou-se popular e polêmico por suas iniciativas e intervenções na vida pública e por isso, era o único padre que se envolvia em discussões públicas através dos periódicos locais, promovendo divergências de opinião.

Sabe-se, contudo, que o momento vivido por *Garotos* e seus protagonistas, era conflituoso do ponto de vista político. Durante esse período, fermentavam e disputavam diferentes ideias e visões de mundo e se faziam presentes o movimento comunista. Diante desse cenário, a Igreja também tomou suas posições e procurou combatê-lo. Padre Aldo Bollini parecia caminhar nos mesmos caminhos e contribuir com os mesmos objetivos da hierarquia da Diocese de Bragança Paulista, ao fundar o Movimento Social Católico. Contudo, a partir de 1953 o Movimento Social Católico é silenciado e o nome de padre Aldo Bollini como redator de *A Voz de Bragança* desaparece do jornal sem maiores justificativas. Um ano depois, o bispo afirma publicamente apoiar um movimento supostamente iniciado em Bragança, o Movimento Social Conservador cujo principal objetivo era dar poder político à Igreja, junto ao Estado. Mais um ano e, em 1955, a representação da Diocese local em *A Voz de Bragança* apoia explicitamente o Movimento Integralista e faz propaganda em favor de Plínio Salgado. Dentro desse cenário, ao mesmo tempo, padre Aldo vai perdendo notoriedade nos periódicos. Em 1958, é inaugurado o grupo escolar Coronel Francisco de Assis Gonçalves e, em 1959, o SESI, e nenhum desses fatos foi evidenciado nos periódicos locais, a não ser em *Garotos*, o jornal paroquial de padre Aldo Bollini. Percebe-se, nesse silêncio, uma divisão das visões de mundo de padre Aldo Bollini e o Bispo Dom José Maurício da Rocha.

Por meio de uma atuação autoritária e populista, tornou-se uma figura carismática entre a população de sua paróquia. Ao chegar a Bragança Paulista conquistou rapidamente seu espaço e parecia ter fácil circulação pelos grupos sociais. De alguns, ganhou mais que o respeito, ganhou o carinho e a confiança, de modo a cristalizar-se nas memórias locais como um empreendedor e carismático líder, que trouxe a uma parcela da população o acesso à escola, à cultura e ao lazer. Recebeu também de muitos, a aversão, o medo e a crítica ferrenha de sua postura.

Ancorado em suas ideias visões de mundo, no entanto, padre Aldo Bollini demarcou territórios por meio de suas iniciativas e, de certa forma, conformou uma parte da cidade de

Bragança Paulista, inaugurando um jeito “padre Aldo” de ser Igreja. Contudo, alguns pontos ainda poderiam ser mais aprofundados, tais como as ligações entre o padre e os industriais locais e as articulações em torno da inauguração da primeira unidade do SESI em Bragança Paulista. Porém, essa questão deverá ser objeto das próximas pesquisas. Ouvir as narrativas de pessoas que conviveram com padre Aldo Bollini também seria de valiosa importância para compreender melhor esse sujeito, assim como, tentar buscar as motivações que o trouxeram para Bragança Paulista. Acreditamos que descobrir o que o desviou de seu destino de missão seria a *chave* para compreender melhor muitas de suas iniciativas e desvelar as relações entre a Igreja e a política do período, ainda não estudadas. Por enquanto, podemos considerar o que dizem os fiéis católicos: Padre Aldo Bollini veio para Bragança Paulista porque Deus assim o quis...

FONTES

Periódicos:

ALMANACK DE BRAGANÇA PARA 1900. Bragança: Typographia Comercial, 1899. Arquivo do Centro de documentação e apoio à Pesquisa em História - CDAPH, da Universidade São Francisco – Campus de Bragança Paulista.

A VOZ DE BRAGANÇA: Semanário Católico da Diocese de Bragança Paulista (1949 - 1983) – Arquivo do Centro de documentação e apoio à Pesquisa em História - CDAPH, da Universidade São Francisco – Campus de Bragança Paulista.

BRAGANÇA-JORNAL (1927 até os dias atuais) Arquivo do Centro de documentação e apoio à Pesquisa em História - CDAPH, da Universidade São Francisco – Campus de Bragança Paulista.

CIDADE DE BRAGANÇA (1895- dias atuais) Arquivo do Centro de documentação e apoio à Pesquisa em História - CDAPH, da Universidade São Francisco – Campus de Bragança Paulista.

GAROTOS: Jornal Mensal das Obras Sociais de São José e Santa Terezinha (1953 - 1983) – Arquivo do Centro de documentação e apoio à Pesquisa em História - CDAPH, da Universidade São Francisco – Campus de Bragança Paulista.

TRIBUNA BRAGANTINA (1956 - ----) Arquivo do Centro de documentação e apoio à Pesquisa em História - CDAPH, da Universidade São Francisco – Campus de Bragança Paulista.

VIDA CATÓLICA (Janeiro 1949 a junho de 1949) Página Católica encadernada junto ao jornal A Voz de Bragança. Arquivo do Centro de documentação e apoio à Pesquisa em História - CDAPH, da Universidade São Francisco – Campus de Bragança Paulista.

Fotografias:

ACERVO DO INSTITUTO EDUCACIONAL SANTA TEREZINHA (IEST) E LUIS PALOMBELLO

FOTOGRAFIAS DO ACERVO PESSOAL DE GIANLUIGI BOLLINI.

Publicações:

NEGRI, Teodoro. **Obrigado, Senhor!** São Paulo: Editora Mundo e Missão, 1996.

Cadernos de memória: Composições da Câmara Municipal 1978 a 1992 – Bragança Paulista, novembro de 1992. V.1, Nº1.

O Guia da cidade de Bragança Paulista - Sem indicação de ano/data exata. Administração do prefeito Alberto Diniz entre os anos de 1977 a 1980. Arquivo do Centro de documentação e apoio à Pesquisa em História - CDAPH, da Universidade São Francisco – Campus de Bragança Paulista.

Processo:

Processo judicial da Câmara Municipal de Bragança Paulista referente à Companhia Fabril Santa Basilissa, sociedade anônima. Ano de 1920. Auto: Ação Ordinária. Caixa 192 A, pasta 4. Arquivo do Centro de documentação e apoio à Pesquisa em História - CDAPH, da Universidade São Francisco – *Campus* de Bragança Paulista.

REFERÊNCIAS

ARAÚJO, Francisco César de. História da Imprensa Bragantina. Monografia. Bragança Paulista - Arquivo do Centro de documentação e apoio à Pesquisa em História - CDAPH, da Universidade São Francisco – *Campus* de Bragança Paulista. 198--.

BERTONHA, João Fábio. Entre Mussolini e Plínio Salgado: O Fascismo Italiano, O Integralismo e o problema dos descendentes de italianos no Brasil. **Rev. Bras. De História.** 2001, vol. 2, nº 40, pp. 85 – 104 – ISSN 1806 – 9347.

BUENO, Maria de Fátima Guimarães. **O corpo e as sensibilidades modernas : Bragança (1900-1920)** Tese de Doutorado. Unicamp, 2007 Campinas - SP.

CRUZ, Heloisa de Faria; PEIXOTO, Maria do Rosário da Cunha. **Na oficina do Historiador: Conversas sobre história e imprensa.** Projeto história, São Paulo, PUC - SP n.35, p.253 – 270, dez.2007.

CURY, Carlos Roberto J. “Igreja católica, estado brasileiro e educação escolar nos anos 30”. In: RAMOS, Lilian M. P. C. (org.). **Igreja, Estado e educação no Brasil.** Rio de Janeiro: Papel Virtual Editora, 2005.

DE CERTEAU, Michel. A operação histórica. In: LE GOFF, Jacques e NORA, Pierre. **História: novos problemas**. Tradução de Theo Santiago. Rio de Janeiro, F. Alves, 1976. p. 17 – 48.

FAUSTO, Boris. **Historia concisa do Brasil** – 2. Ed., 5 reimpr. – São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo, 2012.

_____, O pensamento nacionalista autoritário: (1920 – 1940) Rio de Janeiro: Jorge Zahar ed., 2001.

FRANCESCHI, Marcello Teixeira. **Grupo escolar José Guilherme: uma história em três atos – Bragança (1910-1944)**. Dissertação (Mestrado em Educação) – Programa de Pós-Graduação Strictu Sensu, Universidade São Francisco – Itatiba, 2013.

FREITAS, Marcos Cesar. Pensamento Político autoritário no Brasil 1917 – 1937. **Cadernos do Centro de Memória Regional**. Vol. n 1, Janeiro/Junho. 1993.

GARCIA, Marco Aurélio. **Trabalhadores e eleições**. Administração popular de Campinas, Fundo de Assistência à cultura: Campinas, 1990.

GINZBURG, C. Sinais, raízes de um paradigma indiciário. In:_____. **Mitos, emblemas e sinais**. São Paulo, SP: Cia das Letras, 1989.

_____. Micro-história: duas ou três coisas que sei a respeito. In: GINZBURG. **O fio e os rastros**. Verdadeiro, falso, fictício. São Paulo: Cia das Letras, 2007.

_____. Sobre Aristóteles e a história, mais uma vez. In: GINZBURG. **Relações de força**. História, retórica, prova. São Paulo: Cia das Letras, 2002.

HILSDORF, Maria Lúcia Spedo. **História da Educação Brasileira: Leituras**. Cengage Learning, São Paulo, 2003.

HOBSBAWN, Eric. Introdução. In: HOBSBAWN, Eric. & RANGER, Terence. **A Invenção das tradições**. Rio de Janeiro, Paz e Terra, 1997. p. 9 – 23.

ISHIZU, Andréia Luri. **A Evolução da Malha urbana e a arquitetura de Bragança Paulista de 1884 a 1967**. Dissertação de Mestrado da FAUSP. São Paulo, 2009.

LE GOFF, Jacques, 1924, **História e Memória**. Tradução: Bernardo Leitão... [*et. al.*] . Campinas, SP Editora da UNICAMP, 1990. Documento/monumento.

LEONARDI, Paula. **Além dos espelhos: Memórias, imagens e trabalhos de duas Congregações Católicas**. São Paulo: Paulinas, 2010.

LIBÂNIO, João Batista. **Concílio Vaticano II: em busca de uma primeira compreensão**. São Paulo. Ed Loyola, 2005.

LUCA, Tania Regina. **A história dos, nos e por meio de periódicos**. In: PINSKY, C. et all. Fontes históricas. São Paulo: Contexto, 2005.

MEDEIROS, D. A. C. **O Grupo Escolar DR. Jorge Tibiriçá: das escolas isoladas à escola idolatrada (1890 –1910)**. 99 f. Dissertação (Mestrado em Educação) – Programa de Pós-Graduação Strictu Sensu, Universidade São Francisco, Itatiba, 2013.

MENESES, Ulpiano T. de Bezerra. A história, cativa da memória? Para um mapeamento da memória no campo das Ciências Sociais. **Rev. Inst. Est. Bras.**, SP, 34:9-24, 1992.

MOREIRA, Alberto. **Igreja e questão agrária**. Bragança Paulista: EDUSF, 1994. Cadernos do IFAN 7.

NORA, Pierre. Entre a memória e a história: a problemática do lugar. In: **Proj. História São Paulo** (10) dez. 1993. p.7-28

ORLANDO, Evelyn de Almeida. Uma Leitura Católica do Movimento Escolanovista. **Linguagens, Educação e Sociedade: Revista do Programa de Pós-Graduação em**

Educação da UFPI/Universidade Federal do Piauí/Centro de Ciências da Educação, ano 11, n.15, (2006) – Teresina: EDUFPI, 2006 – 128p.

ORLANDO, Evelyn de Almeida; NASCIMENTO, Jorge Carvalho do. Atualizando as práticas educacionais católicas através da voz de Álvaro Negromonte: uma perspectiva da história da educação. **Revista da Fapese**, v.3, n.1, p. 129-138, jan./jun. 2007.

PASSOS, Mauro & DELGADO, Lucília de Almeida. “Entre a fé e a lei: o movimento educativo-religioso na Primeira República do Brasil (1889 – 1930).” In: RAMOS, Lilian M. P. C. (org.). **Igreja, Estado e educação no Brasil**. Rio de Janeiro: Papel Virtual Editora, 2005.

PINHEIRO, Paulo Sérgio. O proletário industrial na primeira república. In: FAUSTO, Boris **História geral da civilização brasileira: sociedade e instituições (1889-1930)**. Rio de Janeiro/ São Paulo: Difel, 1978.

RAMOS, Lilian Maria Paes de C. “A relação Igreja Católica e Educação Popular no Brasil entre 1960 e 1990”. In: RAMOS, Lilian M. P. C. (org.). **Igreja, Estado e educação no Brasil**. Rio de Janeiro: Papel Virtual Editora, 2005.

SAVIANI, Dermeval. O Estado e a promiscuidade entre o público e o privado na história da educação brasileira. In: _____. *Estado e políticas educacionais na história da educação brasileira*. Vitória: EDUFES, 2010.

SANTOS, Mirian Sepúlveda dos. **Memória coletiva e Teoria social**. São Paulo: Annablume, 2003. p. 11 – 32.

SEVCENKO, Nicolau. Introdução. O prelúdio republicano, astúcias da ordem e ilusões do progresso. In: Novais, Fernando A., Sevcenko, Nicolau. **História da vida privada no Brasil**. São Paulo: Companhia das Letras, 1998. v.3.

SOFFIATTI, Elza S. Cardoso. **Igreja Católica, Política e PIO XII: O Estado Democrático**. Jundiaí. Paco Editorial, 2012

SPIANDORELLO, Simone Cristina. **Relações sociais na educação: Padre Sabóia e a Escola de Administração de Negócios ESAN**. Tese de Doutorado. Universidade São Francisco, Itatiba, 2015.

TEIVE, Gladys Mary Ghizoni. **A escola da República: os grupos escolares e a modernização do ensino primário em Santa Catarina (1911-1918)** Norberto Dallabrida. – Campinas, SP: Mercado de Letras, 2011.

TOSTA, Sandra Pereira . **Jornal de Opinião: História e identidade da Imprensa em Belo Horizonte** – MG, 1997.

VIEIRA, M. P. A. et all. **A pesquisa em História**. São Paulo: Ática, 1989.

WEINSTEIN, Barbara. **(Re) Formação da classe trabalhadora no Brasil, 1920-1964** . Cortez Editora, 2000.